

**PLÍNIO DE ALMEIDA MACIEL JUNIOR**

***TORNAR-SE HOMEM – O projeto masculino na perspectiva de gênero.***

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**2006**

**PLÍNIO DE ALMEIDA MACIEL JUNIOR**

***TORNAR-SE HOMEM – O projeto masculino na perspectiva de gênero.***

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosane Mantilla de Souza.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**2006**

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

*Para os homens da minha vida,  
Plínio, Hélio, Brunno e Gabriel,  
que nasceu de novo e nos encheu de felicidade.*

## AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese é um trabalho extremamente solitário, mas esta escrita é fruto de muita interlocução, seja com a literatura levantada, seja com as pessoas com as quais compartilhamos nossas idéias, dúvidas, angústias e descobertas. Por isso estes agradecimentos:

À Rosane, minha orientadora, amiga e madrinha profissional, com quem tenho aprendido tanto por meio de um estímulo intelectual que nunca cessa e um carinho e generosidade sem par.

Ao Hélio, por ter ficado o tempo todo ao meu lado e pelo amor presente em cada gesto e cada palavra.

À Fê, minha fã incondicional; pelas rezas e mandingas com pitadas de carinho.

À Vera, minha amiga de todas as horas, por ter lido com paciência e feito sugestões pontuais e fundamentais; pelo seu carinho.

À Graziela, pelo estímulo para eu não desistir, pelas dicas de bibliografia e pelos bate-papos gostosos tomando nosso chopinho.

À Lucia, Valéria, Dolores e Luiz Moris, que me ajudaram num momento crucial.

Ao João Moris, pela tradução do resumo para o inglês. Você foi muito gentil!

À Teca, que me escutou com tanta paciência.

À Benvinda, Laura (Lali) e Nelson José (por favor!), meus amigos queridos. Vocês nem sabem a referência que são na minha vida, hein?

À minha grande e querida família que tem me dado tanto.

À Flávia e à Renata, que me deram sugestões preciosas.

Aos homens que participaram desta pesquisa e que compartilharam suas histórias comigo.

Ao CEPE (Conselho de Ensino e Pesquisa da PUCSP), pelo apoio financeiro.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo descrever e discutir como diferentes atributos da masculinidade são centrais para definição do eu de homens específicos e como se trata de um processo negociado em diferentes momentos do ciclo vital.

Buscou-se compreender esse processo de negociação dos relacionamentos e sua intersecção com as prerrogativas da masculinidade hegemônica.

Foram utilizadas histórias de vida de quatro homens entre 35 e 45 anos pertencentes à camada média ou média-alta urbana de uma população não clínica.

Dois aportes teóricos teceram a rede conceitual que deu suporte à investigação: os estudos críticos sobre homens e masculinidades e a perspectiva de gênero.

Os resultados revelam as vantagens do uso da história de vida como intermediário para os estudos com homens. A masculinidade (ser homem), longe de ser algo fixo, é definida e negociada ao longo do tempo, em diferentes arenas e com diferentes parceiros. A família (especialmente o pai e a mãe) é co-partícipe na construção da ordem de gênero no nascimento, na infância e na adolescência. O processo de corporalização da masculinidade hegemônica está associado à heterossexualidade, à força, resistência, dureza e competência física. É possível pensar que a hegemonia é fluida, frágil, passível de ameaça e deve ser continuamente garantida. Os homens se definem em relação aos outros homens, enquanto as mulheres são coadjuvantes no relato, sendo que, no todo, isso pode conduzir a vê-las como subordinadas, o que reafirma como o privilégio masculino é invisível e, portanto, como é difícil dar conta do mesmo.

palavras-chave: psicologia; homens; masculinidade; gênero.

## ABSTRACT

The present research aims to describe and discuss how different male attributes are critical for the definition of the self of specific men, and how it refers to a process that is negotiated at different stages of one's life cycle.

This study sought to understand this negotiation process from the perspective of interpersonal relationships and their intersection with the prerogatives of the hegemonic masculinity. The research included four men aged 35-45, of middle class and high middle class backgrounds, living in cities and drawn from a non-clinical population.

Two theoretical approaches formed the basis for the conceptual framework of the investigation: critical studies on men and masculinity and gender perspective.

The results show the advantages of using these men's life stories as an intermediary for male studies. Masculinity (being a male), far from being cast in concrete, is something that is defined and negotiated over time in different arenas and with different partners. The family (especially the father and the mother) is co-participant in the construction of the gender order at birth, during childhood and adolescence. The process of embodiment of the hegemonic masculinity is often associated with heterosexuality, strength, endurance, hardness and physical competence. It is possible to think of male hegemony as fluid, fragile, subject to being threatened and continually guaranteed. Men define themselves in relation to other men, while women are seen as playing a supporting role. This may cause others to perceive them as being subordinate, which expresses the notion of how invisible male privilege can be, and therefore, how difficult it is to reckon with it.

Key-words: psychology; men; masculinity; gender.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>01</b>
<b>Capítulo 1 – GÊNERO</b>	<b>09</b>
1.1. O Feminismo e a discussão da subordinação das mulheres: situando o contexto no qual emergiu o conceito de gênero.....	10
1.2. A Teoria e a Perspectiva de gênero.....	13
1.3. A emergência do gênero na Psicologia .....	25
1.4. O gênero para o futuro: os estudos críticos sobre os homens.....	30
<b>Capítulo 2 – MASCULINIDADE E GÊNERO</b>	<b>32</b>
2.1. Da masculinidade às masculinidades .....	33
2.2. As perspectivas essencialistas e funcionalistas e as tentativas de explicação da masculinidade .....	40
2.3. Robert W. Connell e uma nova proposta para o estudo das masculinidades .....	44
2.4. Masculinidade hegemônica e masculinidades subordinadas .....	55
2.5. Explicando a construção da masculinidade: algumas contribuições da Psicologia e para além dela .....	61
<b>Capítulo 3 – MÉTODO</b>	<b>71</b>
3.1. Entrevistando homens: tecendo algumas considerações.....	76
3.2. Participantes.....	86
3.3. Procedimento.....	87
3.4. Instrumento.....	89
3.5. Análise dos resultados.....	90
<b>Capítulo 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO</b>	<b>92</b>
4.1. As biografias .....	94
4.2. A construção da masculinidade sob a ótica do gênero: uma releitura do conjunto das histórias de vida .....	162
<b>Capítulo 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>168</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>176</b>
<b>ANEXO</b>	

## Introdução

Simone de Beauvoir afirmou que as mulheres não nascem mulheres, tornam-se. O mesmo pode ser dito em relação aos homens. Muito além do sexo, os homens não nascem homens, tornam-se homens.

Embora ao longo da segunda metade do século XX os estudos de gênero tenham buscado evidenciar a construção da feminilidade, pouco foi investigado com relação à construção da masculinidade.

Na perspectiva do senso comum, a masculinidade é tida como um atributo “natural” do homem, frequentemente associada a características como competição, exibição de agressividade, sexualidade predadora, afastamento dos afetos, capacidade de domínio, dentre outras.

Esta crença na suposta natureza da masculinidade tem servido de justificativa para condutas tipicamente machistas que persistem entranhadas na vida cotidiana e nos relacionamentos de modo geral. No entanto, não deixa de chamar a atenção o fato de que costumeiramente entre os homens a masculinidade é conferida por meio de expressões como “seja homem!”, “homem que é homem não chora!”, “eu sou homem com agá maiúsculo!”. Ora, se a masculinidade é natural, inata, por que os homens estão todo o tempo cobrando ou sendo cobrados quanto a serem “homens de verdade”? Então, pertencer ao sexo masculino não implica necessariamente em ser detentor da masculinidade?

Se o sexo biológico não é garantia para a condição masculina, então no que consiste a masculinidade e como os homens se tornam masculinos?

Nas últimas duas décadas, tudo o que era tido como óbvio, natural e da

essência masculina tem sido duramente questionado e criticado. A recente emergência da masculinidade como tema de investigação demonstra que a sua definição a-histórica e essencialista, o seu carácter natural, tem trazido dificuldades para dar conta dos homens reais com seus sofrimentos e dificuldades.

Pôr em questão a universalidade e a naturalização da masculinidade implica compartilhar da crença de que o processo de subjetivação não é um destino inexorável, mas sim pleno de contradições e tensões, no qual os sujeitos estão constantemente reformulando suas crenças, ações e sentimentos por intermédio de complexas interações.

Na segunda metade da década de 80, iniciaram-se estudos e pesquisas centradas no tema-questão dos homens e da masculinidade, tendo como característica principal a rejeição ao modelo tradicional vigente que interpretava a experiência masculina como a norma.

É importante sublinhar, conforme Cazés (1998), que já no início do século XX vários investigadores se ocuparam dos homens, da hombridade, da virilidade e da masculinidade e que grande parte das feministas, pelo menos desde a obra “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, já se referia a estes temas como indispensáveis para se empreender as buscas libertárias das mulheres.

O que se apresentou como novidade nos anos 80 foi a intervenção de homens ligados a intelectuais e ativistas feministas na reflexão e investigação sobre a condição masculina com a contribuição dos estudos de gênero:

*“... os estudos sobre homens ou masculinidade com enfoque de gênero estão ligados aos estudos feministas e, em grande medida, inspirados por suas visões críticas e pelas propostas e ações das mulheres que os elaboraram.”*  
(Cazés, 1998, p. 112)

Sob a consideração da maioria destes autores, gênero é entendido não somente como um sistema de classificação 'macho-fêmea' sob o qual as pessoas são consideradas e socializadas em papéis sociais equivalentes, mas também expressa a desigualdade universal entre homens e mulheres. Quando falam de gênero, portanto, estão se referindo à hierarquia, poder e desigualdade, e não somente a diferenças.

De modo geral, as análises desenvolvidas a partir deste campo de estudos centram-se nas experiências masculinas como construções sociais, históricas e culturais específicas. O reconhecimento das variadas influências de classe, cultura, raça e orientação sexual na construção das experiências masculinas é o que fundamenta as pesquisas desenvolvidas sob esta proposição.

O objetivo é tornar o gênero evidente nos estudos sobre homens, isto é, compreender como eles vivem como homens. Neste sentido, o propósito também é o de trazer o privilégio masculino para a visibilidade, conforme afirmam Schwalbe & Wolkomir (2003):

*"... Na cultura ocidental, homens que desejam reivindicar totais privilégios da masculinidade devem se distinguir das mulheres pela expressão de grandes desejos e capacidades de controlar as pessoas e o mundo, pelo pensamento e ação autônomos, pelo pensamento e ação racionais, pelo risco e excitação e pelo prazer e façanha (hetero) sexuais. (Ibid.,2003, p. 56)*

Ignorar o privilégio masculino, isto é, mantê-lo no plano da invisibilidade, é impedir a compreensão e a solução de determinados problemas sociais associados a ele.

Embora tenham sido os sociólogos os principais responsáveis pela estruturação e desenvolvimento do campo de estudos sobre homens e

masculinidades, atualmente ele tem se desenvolvido a partir da contribuição de várias áreas do conhecimento: sociologia, psicologia, história, estudos sobre mídia e comunicação, criminologia e justiça criminal, literatura, antropologia, estudos étnicos, dentre outras.

Como exemplos dos tópicos relevantes das pesquisas desenvolvidas nesta área, temos os processos e conseqüências da socialização masculina sob a ótica do gênero, incluindo seus impactos sobre a saúde dos homens, os relacionamentos interpessoais, o desenvolvimento afetivo, a violência e o bem-estar psicológico.

Uma das proposições mais proveitosas que emergiu deste campo de estudos foi a de que se tornar masculino é algo que é negociado ao longo da vida do indivíduo, em oposição à feminilidade e à homossexualidade e em relação às outras masculinidades (Connell, 1993 e 1995; Kimmel, 1991).

É inegável que o processo de constituição da masculinidade e da feminilidade não se faz desatrelado de determinados modelos hegemônicos – sejam masculinos, sejam femininos – com suas estratégias que visam moldar e regular os sujeitos pelo uso do controle dos desejos e das vontades (Matos, 2001).

A apresentação do conceito de masculinidade hegemônica torna explícita a predominância de determinada configuração de masculinidade e de feminilidade que busca se impor como referencial fixo, e se sustenta por meio de um segmento de homens e mulheres que se sentem gratificados e que usufruem e se beneficiam dos privilégios que essa posição lhes garante.

O conceito de masculinidade hegemônica tem suas origens nas mudanças das pautas feministas e nos desdobramentos dos estudos de gênero que apontam diferentes modos para se atingir a equidade entre homens e mulheres (Cazés, 1998; Connell, 1995; Hearn, 1993, 2004; Kimmel, 1991, 2004; Matos, 2001).

Entre as pesquisas desenvolvidas no campo da psicologia clínica, chama a atenção o impacto ainda pouco expressivo que estas contribuições vindas do campo de estudos dos homens e das masculinidades tiveram. No nosso entendimento, os subsídios teóricos que estes estudos têm desenvolvido, resultantes fundamentalmente da sociologia e da antropologia, propõem desafios para a compreensão de como e sob que condições os homens constroem e negociam a própria masculinidade ao longo do ciclo vital, tarefa para a qual a psicologia tem muito a contribuir. As formulações desenvolvidas lançam grandes desafios para os modos nos quais as teorias psicológicas abordam o desenvolvimento humano, especialmente a constituição da feminilidade e da masculinidade.

O tema sobre o qual se organiza este trabalho — construção e negociação da masculinidade ao longo do ciclo vital — emerge deste contexto, sendo também uma decorrência da trajetória profissional do autor como pesquisador, professor de psicologia do desenvolvimento e psicólogo.

Nosso interesse está voltado para a compreensão de como os homens lidam com a própria masculinidade e em que medida isto favorece ou dificulta os seus relacionamentos interpessoais e a sua auto-satisfação como pessoas. Esta curiosidade é resultado de nossa experiência no trabalho de mediação de

conflitos de casais e grupos de homens durante seis anos numa organização não-governamental, bem como no trabalho realizado no Escritório Modelo “Dom Paulo Evaristo Arns” — no qual atendíamos até recentemente mulheres e homens que passavam por diversos tipos de conflitos envolvendo relacionamentos afetivos, a maternidade e a paternidade, dentre outros.

Esta experiência, aliada aos resultados de nossa pesquisa de mestrado, na qual investigamos o sentido de intimidade conjugal para os homens (Maciel Jr, 1999) apontam o seguinte: a identificação dos homens com imagens de produtividade, autonomia, autoconfiança, virilidade, agressividade e contenção emocional tem tido efeitos deletérios sobre sua saúde física e emocional e sobre seus relacionamentos interpessoais, seja como namorado, amante, marido, parceiro, seja como pai, amigo, companheiro de trabalho. Além disso, as mulheres e crianças que convivem com estes homens também podem ser vítimas destes efeitos.

Vale salientar, entretanto, que estes atributos não estão atrelados somente, ou intrinsecamente, aos recursos pessoais que alguns homens têm e outros não, e sim às demandas e exigências que recaem sobre estes homens num determinado contexto sócio-cultural, na história de cada um e nos vários âmbitos nos quais eles estão inseridos e se relacionam. Trata-se de características que precisam ser continuamente negociadas no processo de engendramento de suas masculinidades.

Assim, o presente estudo visa, por meio da análise de histórias de vida, descrever e discutir como diferentes atributos da masculinidade são centrais para definição do eu de homens específicos e como se trata de um processo

negociado em momentos do ciclo vital. Buscou-se compreender esse processo de negociação dos relacionamentos e sua intersecção com as prerrogativas da masculinidade hegemônica.

Com este estudo, acreditamos poder contribuir para o entendimento de um tema que ainda é pouco explorado em termos de pesquisa, mas que, na prática dos profissionais que lidam com homens, relacionamentos interpessoais, conjugais e familiares têm demandado a busca de alternativas para o entendimento da condição e do sofrimento masculinos e da promoção da qualidade de vida de todos os envolvidos.

Dois contextos teóricos tecem a rede conceitual que dará suporte a esta investigação: os estudos críticos sobre homens e masculinidades e a perspectiva de gênero. Estes fundamentos teóricos se articulam ainda a uma escolha metodológica que tem sido bastante utilizada em estudos sobre masculinidade – a história de vida ou biografia – a qual permite identificar como se constroem e se negociam os significados ao longo do ciclo vital.

No primeiro capítulo, abordaremos como nasce o conceito de gênero, qual o contexto que favorece a sua emergência e como ele se transforma numa ferramenta útil (categoria de análise) para o entendimento das relações humanas (sejam entre homens e mulheres, homens entre si ou mulheres entre si).

No segundo capítulo, apresentaremos um panorama dos estudos críticos sobre homens e masculinidades, demonstrando a sua trajetória, as principais críticas que os seus autores fazem às teorias biológicas e funcionalistas que tentam explicar a masculinidade, bem como apresentando os principais conceitos e idéias que fundamentarão a nossa análise.

No terceiro capítulo, teceremos considerações sobre o método de história de vida como intermediário para o estudo com homens e situaremos os procedimentos de nossa pesquisa. Além disso, serão apresentadas algumas reflexões teóricas sobre a situação na qual homens entrevistam homens.

No quarto capítulo, apresentaremos e analisaremos as histórias de vida à luz do aporte teórico escolhido.

Finalmente, no quinto e último capítulo, teceremos nossas considerações finais e apontaremos as principais contribuições decorrentes do presente trabalho.

## Capítulo 1 – Gênero

O interesse desse trabalho é refletir sobre a construção da masculinidade e de como ela é negociada ao longo do ciclo vital. Esta discussão será feita sob escrutínio do gênero, uma vez que, no nosso entendimento, é impossível desvincular as pessoas como seres sexuados do seu contexto histórico, político, cultural e geográfico.

A discussão sobre as diferenças sexuais é antiga. Ainda assim, o questionamento a respeito do tema continua fazendo parte do cenário atual. Querer saber quais as semelhanças existentes entre homens e mulheres, sob que aspectos eles se diferenciam, se eles se completam ou ocupam lados opostos, é assunto que até hoje tem propiciado a produção de extensa literatura, tanto a de ficção quanto a científica.

Mas, enquanto na literatura ficcional as respostas apresentam argumentos como os de que os homens são de Marte e as mulheres de Vênus, a literatura científica tem produzido pesquisas e obras extremamente importantes a partir da re colocação da questão: como e por que as diferenças entre homens e mulheres têm servido para justificar o privilégio e o domínio daqueles sobre estas?

De fato, mesmo no campo científico esta preocupação é bem recente e somente nas três últimas décadas é que os investigadores trouxeram à tona o questionamento e formularam um conceito para dar conta de desvelar aquilo que estava sob o tapete: para além das diferenças entre homens e mulheres existem

desigualdades e injustiças que marcam e determinam o cotidiano das relações interpessoais entre as mulheres, entre os homens e entre mulheres e homens.

### **1.1. O Feminismo e a discussão da subordinação das mulheres: situando o contexto no qual emergiu o conceito de gênero.**

O feminismo pode ser entendido como um movimento pela defesa de direitos iguais para mulheres e homens, atrelado ao compromisso de melhorar a posição das mulheres na sociedade. Portanto, ele pressupõe uma condição básica de desigualdade, seja ela concebida como dominação masculina, patriarcado, desigualdade de gênero ou os efeitos sociais da diferença sexual<sup>1</sup>.

Num complexo e inconcluso processo iniciado há séculos, as mulheres têm sido submetidas a condições de dependência, subordinação, exclusão e discriminação, tanto na vida cotidiana e nas crenças sobre sua “natureza inferior”, quanto nas leis e na estrutura da organização social (Cazés, 1999)

A tradição mais antiga do feminismo na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos sustentou-se nos ideais democráticos e liberais, e dirigia-se à obtenção de direitos e oportunidades iguais para as mulheres. O auge da militância por igualdade de direitos foi a luta violenta das sufragistas pelo direito ao voto no início do século XX. Isto mostra que nem todas as mulheres permaneceram na condição de submissão às quais foram confinadas e nas quais se pretende mantê-las submetidas, distanciadas umas das outras e, inclusive, em mútua rivalidade. No entanto, somente no contexto dos grandes conflitos bélicos dos últimos cento e cinquenta anos é que as mulheres passaram a reconhecer sua

---

<sup>1</sup> Fonte: **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Editado por William Outhwaite & Tom Bottomore. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1996

própria condição histórica. Foi possível, a partir desta constatação, refletir criticamente sobre as crenças e as formas de vida às quais tinham sido submetidas e nas quais estavam confinadas.

Na mesma época em que se iniciaram as batalhas das mulheres pelo direito ao voto também surgiram as primeiras elaborações teóricas propondo o conceito de “*condições históricas referidas a sujeitos sociais*” (Cazés, 1999, p. 3) e, a partir desta formulação, Alejandra Kollontai<sup>2</sup>, primeira mulher a ocupar um ministério governamental no mundo, investigou a história da *condição da mulher* e das *situações vitais das mulheres* em épocas, sociedades, culturas e classes sociais distintas (Pérotin-Dumon, 2001).

O fato é que diversos movimentos de mulheres começam a emergir, especialmente na Europa e na América do Norte, favorecendo a elaboração das primeiras leis organizadas em torno do que foi chamado de movimento de emancipação feminina, voltado para a discussão sobre os direitos específicos das mulheres como o de igualdade sexual, política, trabalhista, de mobilidade e plenos direitos civis, incluindo seu direito à maternidade voluntária.

Há que se destacar ainda o trabalho de Eleanor Roosevelt e de algumas mulheres latino-americanas que na recém constituída Organização das Nações Unidas (ONU) conseguiram modificar o termo “*direitos do homem*”, criado na Revolução Francesa, para “*direitos humanos*”. Dessa forma, a ONU assinalou a condição humana às mulheres, que passaram a compartilhar dos mesmos direitos anteriormente referentes àqueles que podiam ser cidadãos, isto é, os homens (Cazés, *op. cit.*).

---

<sup>2</sup> **Sobre la liberación de la mujer**, Alejandra Kollontai, Seminário de 1921.

Poucos anos antes, Simone de Beauvoir havia lançado seu livro pioneiro, “*O segundo sexo*”<sup>3</sup>, considerado a primeira obra a apresentar um discurso filosófico sobre as mulheres e sob a ótica feminina, além de ser apontado como um dos trabalhos fundamentais do feminismo moderno. A principal contribuição feita pela filósofa francesa é a análise do que é determinado pela biologia / natureza e do que é construído na cultura, incluindo o psiquismo feminino. Ao escrever sua famosa frase: “... *não se nasce, mas torna-se mulher*”, Beauvoir deixa claro que esse “tornar-se” segue diferentes trajetórias, envolve muitas tensões e ambigüidades e pode produzir resultados inusitados (Connell, 2002). Ela demonstra as falácias do biologismo determinista, que defende que a vida humana é determinada pela natureza, pelos instintos e pela anatomia. Beauvoir se confronta com o marxismo classista por ter excluído a mulher como sujeito histórico e expõe as limitações da psicanálise freudiana baseada na premissa de que o psiquismo masculino é universal, paradigmático, referente exclusivo do humano, enquanto o feminino se baseia na simples falta do masculino (Pérotin-Dumon, 2001; Cazés, 1999). Por tudo isso, Simone de Beauvoir produziu um suporte teórico sólido e original para interpretar a história das mulheres e sua condição de protagonista, a partir de uma concepção que é, ao mesmo tempo, biológica, social, psicológica e cultural, resultante de uma visão histórica que inclui e engloba a condição feminina.

Simone de Beauvoir é só um exemplo dentre tantas mulheres que contribuíram para que as sociedades e suas instituições, controladas eminentemente por homens, começassem a reconhecer a existência das

---

<sup>3</sup> No original, **Le deuxième sexe**, publicado em 1949.

mulheres e abrissem espaços nos quais elas pudessem transformar suas condições e situações de vida.

Portanto, atribuiu-se o nome de feminismo ao conjunto de posições e movimentos que foram motivados e enriquecidos ao longo de décadas, e que sintetiza tudo o que na teoria e na prática está destinado a converter as mulheres em sujeitos da própria história. Conforme define muito propriamente Cazés, “... o feminismo é uma filosofia, uma concepção da história e das realidades sociais, bem como uma política de transformação das relações de gênero”. (op. cit., p.5)

Mas ao contrário do que pode parecer, não há o que se pode conceber como lealdade unitária do feminismo. As discussões e propostas que foram sendo articuladas ao longo das décadas ensejaram múltiplas correntes e estilos de feminismo, o que só ajudou a ampliar a discussão e contribuiu para a formulação de um corpo conceitual bastante complexo, do qual emergiu a formulação do conceito de gênero.

## **1.2. A Teoria e a Perspectiva de gênero**

Qualquer pessoa que tente se lembrar dos principais candidatos nas últimas eleições, sejam no âmbito municipal, estadual ou federal, constatará que em sua maioria arrasadora se constituía de homens. Ao tentar identificar os principais líderes do poder mundial, os detentores das maiores fortunas do mundo ou os representantes das mais importantes instituições de justiça do país ou do mundo, também chegará à mesma constatação.

As mulheres respondem por quase todo o trabalho doméstico na maioria das sociedades contemporâneas, bem como pelo cuidado das crianças. Elas

estão muito menos presentes do que os homens no contexto público e, aquelas que estão, têm muito menos em termos de recursos. Por exemplo, em quase todas as partes do mundo é mais provável que os homens tenham um trabalho remunerado do que as mulheres (Connell, 2002), o que leva à constatação de que a maioria das políticas trabalhistas atuais foram planejadas para uma sociedade na qual os homens trabalhavam e as mulheres ficavam em casa (algo tido como sinônimo de “não- trabalho”).

Estes são alguns de diversos possíveis exemplos que permitem o reconhecimento de que os fatos sobre política, economia, cultura de massas, infância, juventude, dentre tantos outros, estão todos conectados. Está dada a base para o pensamento sobre gênero: todos estes fatos formam um padrão que é denominado pela literatura de “ordem de gênero” da sociedade contemporânea.

Mas, afinal, o que é gênero?

Conforme exposto anteriormente, o conceito de gênero foi desenvolvido no âmbito dos estudos feministas e pode ser entendido, para uma primeira apresentação do conceito, como um modo de olhar para a realidade da vida de mulheres e homens visando compreender as relações sociais entre eles, especialmente as relações de poder entre os homens, entre as mulheres e entre mulheres e homens.

Nesse sentido, é possível apontar uma distinção inicial entre “gênero” e “sexo”, uma vez que se tornou comum, mesmo na literatura acadêmica, fazer uso de um termo pelo outro, como se fossem sinônimos: enquanto “gênero” é uma construção imaginária e simbólica, “sexo” é um conjunto de características

genotípicas e fenotípicas presentes nos sistemas, funções e processos dos corpos humanos.

O conceito surge pela primeira vez no início dos anos 70, na obra da socióloga inglesa Ann Oakley denominada “*Sex, gender and society*”, para distinguir inicialmente o caráter biológico do sexo e o caráter sócio-cultural do gênero:

*“...‘sexo’ é um termo da biologia e ‘gênero’ é empregado na psicologia e com relação a processos culturais. Poder-se-ia pensar que essas palavras são simplesmente dois modos de se considerar a mesma diferença e que se, por exemplo, uma pessoa é do sexo feminino, pertence automaticamente ao gênero correspondente (feminino, neste caso). De fato, não é assim. Ser homem ou mulher, menino ou menina, é tanto a maneira de se vestir, os gestos, as atividades, a rede social e a personalidade, como os órgãos genitais que uma pessoa tem”.* (Oakley, 1972, p.158)

Segundo Pérotin-Dumon (2001), a noção de uma relação social entre os sexos é parte da explicação marxista do mundo desde o final do século XIX. No entanto, subscreve ao determinismo materialista. Em linhas gerais, a subordinação feminina tem sua origem na formação da propriedade privada: as mudanças nas relações entre os sexos ficam apartadas daquelas que caracterizam as relações entre as classes ao passar de um modo de produção a outro. O desafio estava em descobrir uma forma de conciliar estas duas visões e isto fez com que se produzisse uma fecunda reflexão sobre as noções de produção e reprodução (da espécie humana), patriarcado e relações de classe.

A questão central da discussão passou a ser a de entender como o marxismo clássico pretendia explicar que o sistema econômico determinava as relações entre os sexos desconsiderando a esfera da economia doméstica e das relações individuais, uma vez que a experiência permitia percebê-las como lugar

por excelência da relação de subordinação (Samara, 1997; Pérotin-Dumon, 2001).

A explicação mais esclarecedora surge no artigo de Gayle Rubin denominado *“The traffic of women: notes on the political economy of sex”*<sup>4</sup>, na qual a antropóloga defende que não é a propriedade e sim o intercâmbio que regula as relações sociais entre os sexos. A contribuição que a autora traz para o debate é a de que o conceito de gênero deve supor os conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboraram a partir das diferenças sexuais anatômicas.

O que se constata nesta discussão é que se fazia necessário incluir nas relações de produção as relações entre os sexos, cujo terreno se situava na esfera doméstica e da família. Era imprescindível, portanto, conforme apontou a historiadora Joan Kelly-Gadol, precisar a interação entre os dois sistemas de relação em termos de “superposição”, uma vez que se tornava visível certa indecisão tanto no modelo materialista quanto no modelo cultural de explicação (*apud* Pérotin-Dumon, 2001, p. 4).

É nesse contexto da discussão que é lançado o artigo intitulado *“Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”*<sup>5</sup>, da historiadora Joan Scott. Pela primeira vez, um artigo tinha como único objeto o gênero no sentido de relação social e realizava a exploração metódica do seu campo conceitual. Scott faz um exame minucioso sobre o pensamento elaborado em outras disciplinas por diversos autores norte-americanos e franceses, detendo-se no que lhe parecia

---

<sup>4</sup> Artigo publicado na obra **Toward an anthropology of women**, de Rayna R. Reiter, em 1975.

<sup>5</sup> No original, **Gender: a useful category of historical analysis**, publicado em 1986.

particularmente útil para ajudar os historiadores a repensar o tema. Segundo Pérotin-Dumon, “... sob esse título afortunado e estratégico, o artigo de Scott era a culminação de esforços tenazes exibidos pela historiadora no seio da sua profissão para instaurar um diálogo sobre o problema do gênero” (op. cit., p. 7). Além disso, como aponta Soihet (1997), havia no artigo da historiadora o propósito de ultrapassar os usos descritivos do gênero e formular uma proposta que permitisse utilizá-lo como categoria de análise, uma vez que este uso descritivo do conceito não tinha força de análise suficiente para questionar e reformular os paradigmas históricos existentes.

O artigo de Joan Scott também aprofunda as três posições teóricas centrais que naquele momento respaldavam os estudos sobre as relações de gênero: as teorias do patriarcado, as teorias materialistas-históricas e as teorias psicanalíticas.

Será feita, então, uma breve exposição destas três posições teóricas centrais que discutem gênero, visando situar o leitor nas principais formulações e propostas que emergiram delas<sup>6</sup>. As formulações serão acompanhadas das críticas feitas por Scott a cada uma delas no artigo supracitado.

As teorias do patriarcado tendem a explicar o processo de subordinação feminina como resultante da necessidade masculina de dominação das mulheres e compartilham de algumas características comuns: as esferas separadas entre os sexos, um estado de guerra entre eles e o ressurgimento do “*Outro feminino*” (isto é, o *outro* como o mal e, conseqüentemente, o *um* como o bem) no mundo

---

<sup>6</sup> Obviamente admitindo que, por se tratar apenas de um simples resumo, corre-se o risco de parecer superficial.

imaginário dos homens. (Astelarra, 1988<sup>7</sup>) A proposta da existência de um sistema de dominação sobre as mulheres apontava para a necessidade de se converter o feminismo num movimento político, mostrava a complexidade e extensão deste domínio e deixava claro que era necessário atuar nos domínios público e privado para tentar por fim à desigualdade entre os gêneros. No entanto, segundo Scott, as teorias do patriarcado não explicam a relação entre a desigualdade de gênero e outras desigualdades. Além disso, a análise destas teorias baseia-se na diferença física, o que pressupõe um caráter universal e imutável e, por conseqüência, a não-historicidade do gênero em si. Portanto, conclui Scott, “... de um certo ponto de vista, a história se torna um epifenômeno que oferece variações intermináveis sobre o tema imutável de uma desigualdade de gênero fixa” (Scott, s/d, p. 6).

Por outro lado, as teorias materialistas-históricas procuram explicar a subordinação das mulheres especialmente a partir do surgimento da propriedade privada e da família monogâmica. Baseadas principalmente na obra de Friedrich Engels, “*Origem da família, da propriedade privada e do Estado*”, que descreve o que o filósofo chamou de “a derrota histórica do sexo feminino” como algo decorrente da emergência da propriedade privada, as análises fornecidas por este grupo de teorias entendem a submissão das mulheres como decorrente do processo histórico de desenvolvimento econômico capitalista. Apontam que o capitalismo tem sido muito hábil, tanto ao tentar atrair as mulheres para o mercado de trabalho como quando desejam o retorno delas para o mundo privado, fazendo das mesmas candidatas preferenciais para a composição de um exército industrial de reserva (Petersen, 1999). Assim, retomando conceitos e

---

<sup>7</sup> *apud* Petersen, 1999.

categorias como “poder”, “opressão”, “exploração”, “trabalho” e “condição social” para abordar e interpretar a dinâmica histórica da realidade social, as teorias materialistas-históricas contribuem para uma análise dos antagonismos mais profundos e substantivos entre as classes sociais. Entretanto, promovem tímidas incursões sobre os aspectos psicológicos das relações entre homens e mulheres, como se tudo se resumisse aos determinismos econômicos. Para Scott, nesse tipo de análise o gênero não tem tido o seu próprio estatuto analítico, sendo tratado “... como subproduto de estruturas econômicas mutantes” (s/d, p. 7).

Sob a referência teórica psicanalítica, o que se busca decifrar é o conjunto das relações sociais no qual se desenvolvem as pessoas e suas implicações psíquicas. A análise das estruturas de poder e afeto nas quais se dão estas relações é contextualizada no marco em que se compõem os mitos, os ritos e as regras socioculturais que as conformam. Duas escolas psicanalíticas desenvolveram contribuições para o debate sobre o gênero: a anglo-americana, que trabalha com a perspectiva das relações objetais<sup>8</sup> e cujas principais expoentes foram Nancy Chodorow e Carol Gilligan, e a psicanálise lacaniana, que é fruto das leituras estruturalistas e pós-estruturalistas da obra de Freud.

Na perspectiva das relações objetais, particularmente da obra da psicanalista Nancy Chodorow<sup>9</sup> denominada “*The reproduction of mothering*” e publicada em 1978, a reprodução do sistema patriarcal estaria relacionada à

---

<sup>8</sup> Embora compartilhe com outras vertentes psicanalíticas da ênfase na importância básica da sexualidade, concordando que a sexualidade se organiza ao longo dos primeiros anos de vida, a teoria das relações objetais distingue-se tanto do determinismo instintual de Freud e Melanie Klein quanto do determinismo ambiental dos psicanalistas da escola cultural e propõe uma concepção diferente sobre o papel dos impulsos na formação e expressão da sexualidade.

<sup>9</sup> A apresentação sintética da proposição de Chodorow, bem como das críticas que foram enunciadas à sua teoria, foram aqui formuladas com base em diversas fontes (Scott, 1986; Segato, 1998; Petersen, 1999; Unbehaum, 2000;).

exclusividade da mulher no cuidado dos filhos. Para a autora, a estrutura das relações de gênero pode ser explicada a partir da dinâmica psíquica dos indivíduos. Em sua análise, a reprodução contemporânea do cuidado materno seria resultante de processos psicológicos estruturalmente induzidos: enquanto no homem o processo de identificação secundária, que dá origem à identidade de gênero, se faria por meio de uma ruptura abrupta e cruel da identificação primária com a mãe, no caso da mulher não há distinção clara entre esses dois processos, pois ambos têm um mesmo referente (a mãe). A filha seria percebida como uma extensão da mãe, o que a impediria de emergir como um ser plenamente separado, herdando, assim, a desvalorização da mãe (como mulher) e do trabalho materno. Há que se reconhecer a contribuição vital de Chodorow para os estudos feministas, no sentido de que sua proposição permite o resgate da identidade da mulher nestes estudos e uma percepção de que o movimento para a “androginia” ou “igualdade” seria tão somente uma capitulação à norma masculina de negar a relevância do sexo e do gênero. No entanto, ela permanece atrelada à teoria dos papéis sociais com seus argumentos funcionalistas, uma vez que para a psicanalista as diferenças sexuais são constitutivas das diferenças sociais nas relações de gênero.

Carol Gilligan<sup>10</sup> realizou exaustivas revisões da bibliografia sobre o desenvolvimento psicológico do ser humano<sup>11</sup> e constatou que a voz das mulheres esteve subordinada ao auto-sacrifício e não era ouvida e respeitada.

---

<sup>10</sup> A obra da autora a que se refere esta análise é *“In a different voice: psychological theory and women’s development”*, publicada em 1982. As referências serão feitas à tradução portuguesa publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1997 sob o título de *“Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher”*. A análise aqui desenvolvida tem por base os trabalhos de Hime (2004) e Lima (2004).

<sup>11</sup> Dentre as principais teorias pesquisadas pela autora se encontra a de Freud, Erik Erikson, Lawrence Kohlberg e Daniel Levinson.

Propôs-se, então, a dar visibilidade à voz feminina visando integrá-la à Psicologia, uma vez que se apercebeu que a mulher nas sociedades ocidentais toma o feitiço de desvio da norma ou patologia quando é citada nesta literatura. Para a autora, o que está subjacente nestes estudos é a suposição de que ao se referirem ao desenvolvimento masculino estarão compreendendo a psicologia do desenvolvimento humano. Apoiando seus argumentos na formulação de Nancy Chodorow<sup>12</sup>, considerada por Gilligan positiva, direta e original, e pesquisando os processos de separação e ligação em meninos e meninas, chega à conclusão de que as identidades de gênero são constituídas diferencialmente. Segundo Gilligan (1997), a dificuldade aparente das mulheres de lidarem com a diferenciação, autonomia e independência é uma distorção das teorias que têm dificuldade para dar conta do desenvolvimento feminino:

*“... para rapazes e homens, separação e individualização estão profundamente ligadas à identificação sexual, uma vez que a separação da mãe é essencial para o desenvolvimento da masculinidade. Para raparigas e mulheres, situações de feminilidade ou identidade feminina não dependem da realização da separação da mãe ou do progresso da individualização”.* (p. 20)

Portanto, enquanto no desenvolvimento masculino a separação e a individuação são consideradas fatores básicos, os componentes primários do desenvolvimento feminino são a vinculação, o apego e o cuidado decorrentes do processo de identificação com a figura materna. Depreende-se, daí, que a intimidade ameaça a identidade de gênero masculina enquanto a separação ameaça a identidade de gênero feminina (Gilligan, 1997, p. 20).

As teorias das relações objetais foram extremamente criticada por Scott (1997). Para a teórica, nenhuma delas se mostra completamente operativa para

---

<sup>12</sup> Embora o trabalho de Gilligan enfoque menos a construção do sujeito do que o desenvolvimento moral e o comportamento.

os historiadores, o que é resultado da sua confiança em estruturas limitadas de interação que produziriam a identidade de gênero e gerariam mudanças. Segundo Scott, pelo fato da interpretação limitada dada por estas teorias à família e à experiência doméstica, sem que estejam relacionadas com outros sistemas sociais de economia, política ou poder, se estreita o campo para a análise histórica. Além disso, para ela não há como explicar as contínuas associações da masculinidade com o poder, com o valor superior concedido aos homens sobre as mulheres, com a forma pela qual a criança parece aprender estas associações e avaliações, inclusive quando não vive em família nuclear ou naquela em que as responsabilidades dos pais são divididas com equanimidade entre homem e mulher. Há que se perguntar, no entanto, conforme o faz com exatidão Petersen (1999), “... existem famílias em que as responsabilidades dos pais, de fato, dividem-se com eqüidade entre marido e mulher?” (p. 35)

Se é verdade que a psicanálise freudiana contribuiu para separação da sexualidade de sua base exclusivamente biológica, ela não escapou, entretanto, da crítica feminista quanto ao caráter sexista da formulação que Freud desenvolveu sobre o Complexo de Édipo feminino e sua conseqüente proposição do conceito de “inveja do pênis”. Baseada na obra de Jacques Lacan, a psicanalista inglesa Juliet Mitchell tenta reconciliar o feminismo e a psicanálise em sua obra “*Psicanálise e Feminismo*”, publicada originalmente em 1974.<sup>13</sup> A autora procura recuperar a interpretação lacaniana que estabelece diferença entre o

---

<sup>13</sup> “Psicanálise da sexualidade feminina”, Rio de Janeiro: Campus, 1988. Título original: **Psychoanalysis and Feminism**. New York: Pantheon Books. Evidentemente trata-se aqui de um exemplo numa vasta literatura existente sobre gênero na perspectiva lacaniana. O nosso propósito é tão somente mostrar que as psicanálises tiveram importantes contribuições para a formulação do campo de estudos sobre gênero. A apresentação e discussão foram desenvolvidas a partir dos trabalhos de Petersen (1999); Santos & Nóbrega (2004); Moraes (s/d); Castro (s/d).

pênis e o falo, o primeiro entendido como o órgão biológico e o segundo como uma representação simbólica, ou seja, cultural. Defende que se pênis e falo são distintos, a luta feminina contra o falocentrismo não seria uma luta contra a masculinidade ou voltada a acabar com os gêneros, uma vez que não seria prerrogativa masculina a posse do falo. Também fundamentada numa tradição marxista, Mitchell considera que as análises das feministas materialistas-históricas não foram plenamente ambiciosas ao situarem a opressão da mulher no âmbito das relações de produção. Para ela, o que define o lugar das mulheres na sociedade de classes é a dialética “produção-reprodução social”: *“... a mulher é explorada no trabalho e confinada ao lar. Sua submissão e seu lugar subalterno na vida econômica seriam compensados pelo seu poder na família”* (Moraes, s/d, p. 90). A instituição familiar apóia-se nas estruturas de reprodução, de sexualidade e da socialização das crianças e todas elas têm funcionamento interdependente e se relacionam com a estrutura produtiva. Os papéis masculinos com seus estatutos de dominação assumem o controle do conhecimento e limitam a autonomia e a participação feminina (Santos & Nóbrega, 2004).

A maior contribuição da obra de Mitchell para os estudos de gênero é que, similarmente à Gayle Rubin, em sua obra gênero é entendido como uma estrutura internamente complexa, na qual há uma superposição de lógicas diferentes. Segundo Scott (1997), a formulação lacaniana problematiza as categorias “homem” e “mulher”, sugerindo que masculino e feminino não são características inerentes, mas construções subjetivas. Implica, ainda, que o sujeito se encontra permanentemente em construção, oferecendo um meio sistemático de interpretar o desejo consciente e inconsciente, referindo-se à linguagem como um lugar adequado de análise. Por outro lado, segundo a

historiadora, o que a incomoda é a fixação exclusiva desta teoria sobre as questões relativas ao sujeito individual e a sua tendência a reificar o antagonismo subjetivamente produzido entre homens e mulheres como a dimensão principal do gênero. Além do mais, afirma Scott, mesmo que fique em aberto ao modo como o sujeito é construído, a teoria tem uma tendência a universalizar as categorias e a relação entre homem e mulher:

*“... mesmo se esta teoria leva em consideração as relações sociais articulando a castração com a proibição e a lei, ela não permite a introdução de uma noção de especificidade e de variabilidade histórica. O falo é o único significativo, o processo de construção do sujeito de gênero é, em última instância, previsível, já que é sempre o mesmo.”* (op. cit, p. 9-10)

O que Scott ressalta no seu artigo é que as análises do gênero no seu uso descritivo incidem quase sempre sobre tópicos nos quais as relações entre homens e mulheres são mais óbvias: as mulheres, as crianças, as famílias, etc. Não se faz referência ou se discute temas como guerra, diplomacia e a alta política, como se eles não tivessem nada a ver com essas relações. O gênero, dessa forma, permanece irrelevante para reflexões que se pretenda desenvolver sobre o poder e a política. Para a autora, o resultado é a adesão a uma visão funcionalista que se baseia na biologia e na perpetuação da crença dos universos separados: a política ou a sexualidade, a nação ou a família, as mulheres ou os homens (Soihet, 1997).

Após a discussão crítica das três principais posições teóricas sobre gênero, Scott (1997) apresenta a sua proposta, que consta de duas partes: por um lado, o gênero é uma parte constitutiva de relações sociais baseada nas diferenças distinguidas entre os sexos, por outro, é um primeiro modo de significação das relações de poder.

No que se refere à primeira parte, a historiadora se propõe a esclarecer e explicitar a necessidade de refletir sobre o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais, algo que para ela ainda não tinha sido realizado com a sistematização necessária. É na segunda parte do artigo que, de fato, é apresentada a sua teorização do gênero, como uma primeira forma de significar as relações de poder. Embora admita que o gênero não seja a única, Scott propõe que ele constituiu um meio contumaz e recorrente de tornar convincente o significado do poder no ocidente. Em síntese, as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre às mudanças nas relações de poder.

Se o gênero é, acima de tudo, uma relação de poder, isto é legitimado pela seguinte constatação empírica: estar numa situação de inferioridade é se calar quando alguém explica que as coisas ocorrem de forma diferente daquela que é sentida pelo indivíduo, é interiorizar o que se vive quando não existem palavras para dizê-lo, uma vez que o código vigente não fornece a possibilidade de fazê-lo.

O fato é que a reflexão sobre o gênero foi elaborada num momento histórico no qual as humanidades e as ciências sociais tentavam esclarecer o que podia ser dito sobre o mundo, isto é, reajustar o sentido de seus enunciados e repensar seus princípios de explicação.

### **1.3. A emergência do gênero na Psicologia**

No âmbito da Psicologia, aos menos nas suas vertentes teóricas mais influentes, o tema da distinção entre mulheres e homens sempre foi objeto de interesse. A variável “sexo” é utilizada como justificativa para as significativas diferenças entre os indivíduos, provavelmente porque a crença na “natureza” do

macho e da fêmea da espécie humana ajudava a manter a tradição positivista desta ciência por meio da defesa de uma “realidade” do homem e da mulher. Daí decorre todos os demais determinantes das diferenças entre os sexos e se origina a crença de que há comportamentos inerentes a um e ao outro, isto é, condutas tipicamente masculinas e femininas. Como resultado, homens e mulheres passam a ocupar cenários absolutamente distintos em posições irreconciliáveis.

Ao longo de décadas, teoria e pesquisa psicológica se ocuparam das descrições destas condutas no intuito de se chegar a uma compreensão da personalidade individual. Tais descrições partiam necessariamente das diferenças de sexo, através de uma linearidade de raciocínio lógico que, se pautando em caracteres genéticos incontestáveis, defendiam a tese sobre diferenças psicológicas inatas. No entanto, a discussão dicotômica do assunto simplificava a sua complexidade (Macedo, 1998).

Nas décadas de 20 e 30, sob forte influência da Psicanálise freudiana, as pesquisas tiveram como foco de maior interesse os aspectos emocionais com a preocupação de tratar as neuroses, tendo em vista as explicações dinâmicas e profundas sobre as diferentes necessidades afetivas das mulheres e dos homens, determinadas desde o nascimento pelas relações objetivas e, sobretudo, pelo “Complexo de Édipo”.

Durante a década de 50, os estudos começam a centrar-se na tipificação sexual, onde as diferenças de condutas femininas e masculinas eram formuladas a partir de aspectos visíveis da personalidade de mulheres e homens, sendo importante tentar compreender como as crianças adquiriam tais comportamentos, o que fez recrudescer o debate sobre hereditariedade-meio, inato-adquirido, na

Psicologia. Desse modo, pesquisas partiam do entendimento de que a aquisição de características masculinas ou femininas também ocorria através da educação, tanto em função de modelos disponíveis à criança, principalmente a mãe e o pai (ou seus substitutos), como das expectativas sociais representadas pela escola.

Outro grupo proeminente na teorização psicológica da temática das diferenças sexuais foi o que propôs a tese da androginia, formulando a idéia de masculinidade e feminilidade como contrapartes, onde o bem-estar psicológico dos indivíduos estaria ligado à possibilidade de desenvolvimento das características femininas pelos homens e masculinas pelas mulheres. Sob este ponto de vista, homens e mulheres são concebidos como ocupando posição equivalente e simétrica, o que acaba por obscurecer as diferenças de poder e valor social que eles detêm. Além disso, o que se observa é que por trás de um discurso aparentemente inovador, permaneceu a premissa sobre a existência de características naturalmente masculinas e femininas.

Com o desenvolvimento da teorização psicológica nas três últimas décadas, esta discussão foi sofrendo transformações, influenciada especialmente pelas mudanças de ordem sócio-econômica e política ocorridas nas grandes nações ocidentais.

Somente com a “Segunda Onda” do movimento feminista, nos anos 70, é que toma corpo uma discussão crítica do discurso das diferenças sexuais. As críticas feministas buscavam novas formas de entendimento das diferenças entre os sexos, sobretudo pela denúncia dos preconceitos existentes quanto aos atributos típicos de homens e mulheres, reforçados e utilizados para fins sociais,

como, por exemplo, a exploração das mulheres ou a produção da condição de inferioridade destas em relação aos homens.

As feministas chamaram a atenção para o uso que se estava fazendo da teorização psicológica como legitimação do *status quo*, especialmente da posição inferior das mulheres.

A partir desta crítica, já no início da década de 70, desenvolve-se o conceito de gênero, isto é, uma definição de sexo social, não-biológica, cujo objetivo era permitir o entendimento de uma sociedade sexuada, um mundo organizado a partir das diferenças sexuais.

Entretanto, cabe discutir as conseqüências que esta forma de entendimento do gênero pela psicologia ? como um conjunto de características, condutas, formas de agir e crenças que se organiza a partir das diferenças sexuais ? tem para o entendimento mais amplo da feminilidade e da masculinidade.

Conforme observa Kimmel (2004), como distinguir as diferenças reais e aquelas imaginadas ou produzidas como resultado das pesquisas psicológicas que tratam do assunto? Os psicólogos do desenvolvimento têm salientado algumas diferenças significativas entre homens e mulheres que emergem conforme eles crescem e apontam que há maior variação dentro do grupo de homens e dentro do grupo de mulheres do que entre homens e mulheres.

Quando as psicólogas Eleanor Maccoby e Carol Jacklin fizeram o levantamento e examinaram mais de mil e seiscentos estudos empíricos que

tratavam destas diferenças<sup>14</sup>, elas identificaram somente quatro áreas com diferenças sexuais consistentes e significativas: (1) garotas têm relativamente maior habilidade verbal; (2) garotos têm melhor habilidade visual e espacial; (3) garotos se saem melhor em testes de matemática; e (4) garotos são consistentemente mais agressivos do que garotas. O que surpreendeu as pesquisadoras foi o grau de semelhança na criação de meninos e meninas que estes estudos destacavam:

*“... os dois sexos pareciam ser tratados com a mesma afeição, pelo menos nos cinco primeiros anos de vida (o período no qual havia maior informação avaliada). Ambos eram igualmente encorajados a serem autônomos e igualmente desencorajados quanto a comportamentos dependentes. Surpreendentemente, não havia ainda evidência quanto à reação distinta dos pais ao comportamento agressivo nos dois sexos. Havia diferenças, contudo. Os garotos manuseavam e brincavam de modo mais brusco. Eles também recebiam mais castigo físico. Em muitos estudos foi constatado que os meninos recebiam tanto elogios quanto críticas dos seus cuidadores \_ a pressão da socialização, em outras palavras, era um pouco mais intensa para os garotos\_ mas a evidência quanto a isso foi inconsistente. A área de grande diferenciação diz respeito ao comportamento sexual especialmente tipificado. Pais e mães demonstravam maior preocupação se o filho se comportava afeminadamente do que se a filha agia como moleque. Isto é verdadeiro principalmente com relação ao pai, aquele que assume o comando para desencorajar ativamente qualquer interesse que o filho possa demonstrar quanto aos brinquedos, jogos ou roupas femininos”. (apud Kimmel, 2004, p. 85)*

Diante disso, Kimmel conclui que a premissa que sustenta e dá ênfase às diferenças entre os sexos fundamenta-se em fatores sociais, econômicos e culturais, sendo que, de modo geral, as pessoas compartilham desta crença e ajudam a mantê-la e perpetuá-la, especialmente quando se trata de discutir as relações interpessoais entre homens e mulheres.

---

<sup>14</sup> Publicado na forma de livro com o título **The Psychology of Sex Differences**, em 1974 (obs.: as pesquisadoras trabalharam com as pesquisas publicadas entre os anos de 1966 e 1973).

Sustentar as diferenças é um meio de manter a dominação e não de legitimá-la.

#### **1.4. O gênero para o futuro: os estudos críticos sobre os homens**

Quando se substitui, como resultado de uma construção, o mundo objetivo do sexo pelo mundo subjetivo do gênero, nota-se a existência de uma epistemologia implícita nesta concepção que difere significativamente daquela que privilegia uma visão objetiva da realidade, independente do observador.

Esta concepção revolucionária também se coaduna com uma mudança epistemológica que afirma não ser possível o conhecimento da realidade a não ser através do olhar do observador, razão pela qual é impossível admitir uma separação entre o que se observa e quem está observando. Muito a propósito, Von Foerster (1994) a denomina de “*sistema observante*”. É uma postura que defende a construção do mundo através da experiência, pela atribuição de significado a essa mesma experiência.

Gênero é utilizado em contraste aos termos “sexo” e “diferença sexual”, com o propósito explícito de criação de um espaço no qual as diferenças socialmente mediadas entre homens e mulheres possam ser exploradas, independentemente das diferenças biológicas. (Unger, 1979)

A partir destas considerações desenvolve-se a construção de gênero como uma significativa categoria da realidade social. De acordo com a epistemologia que subjaz a esta construção, o contexto adquire importância capital, pois, conforme Bateson (1986), sem contexto não há significado. Os

significados emergem de nossas interações com o mundo, com os outros, nas situações as mais diversas, e nelas vão sendo construídos.

No presente trabalho, nos alinhamos a autores pioneiros no estudo da masculinidade [Connell (1987; 1993; 1995; 2000; 2002; 2005) e Kimell (1991; 2004)] e, com eles, optamos por compreendê-la como uma construção relativa a uma ordem de gênero que delimita hierarquias e privilégios. Portanto, quando nos utilizamos da categoria gênero para falar de masculinidade, das relações entre homens e destes com as mulheres, como será feito no próximo capítulo, estamos nos referindo à ampla gama de relacionamentos que implica questões de ordem social, econômica, política e do reflexo destas questões no âmbito privado, subjetivo, negociada ao longo do ciclo vital individual e ao longo de gerações.

## Capítulo 2 – Masculinidade e Gênero

Ao longo da segunda metade do Século XX, os estudos de gênero se voltaram para o conhecimento da condição feminina e da situação das mulheres. Parece que somente a partir dos anos 80 começou a haver esforços para que nestes estudos se incluíssem a busca de entendimento sobre a condição masculina e a situação de vida dos homens. Porém, segundo Cazés, ao se examinar os estudos fundamentais feitos pelas feministas nas cinco últimas décadas, constata-se que estas investigações, reflexões e elaborações teóricas sobre as problemáticas de vida das mulheres se referem aos homens e, mais do que tudo, às *“relações hierarquizadas entre os homens e as mulheres”* (Cazés, 1998, p.106). Portanto, a revelação da dinâmica das relações de gênero por teóricas feministas também tornou o masculino visível<sup>15</sup> e possibilitou o questionamento da posição dos homens.

A Sociologia foi a disciplina na qual se iniciaram os estudos sobre a masculinidade segundo a teoria dos papéis sociais, que depois teve enorme expressividade também no âmbito das pesquisas em Psicologia, especialmente com a formulação do conceito de papel sexual. Da mesma forma, foi a disciplina na qual se iniciaram os primeiros estudos e publicações na perspectiva do gênero, através da análise de temas como a construção cotidiana da masculinidade, a importância da estrutura econômica e das instituições, o significado das diferenças entre as masculinidades e a dinâmica contraditória do caráter do gênero. É principalmente a partir desta área do conhecimento que se

---

<sup>15</sup> Trata-se aqui da visibilidade do privilégio masculino, conforme será discutido posteriormente.

começa a delinear um campo de estudos sobre homens como contraparte do campo de estudos sobre as mulheres.

Esta nova abordagem da masculinidade já trazia em seu bojo as críticas que algumas sociólogas feministas faziam à teoria dos papéis, especialmente a de que a noção de papel sexual se mostrava incoerente, bem como à própria estrutura da teoria, na qual as questões de poder e de desigualdade material permaneciam dissimuladas.

É importante situar, ainda, que os estudos emergentes sobre a masculinidade na perspectiva de gênero não compartilham do entendimento de que todos os homens são poderosos e todas as mulheres são oprimidas, o que, para os teóricos destas novas abordagens, seria reproduzir o esquema binário que vinha organizando o mundo e, conseqüentemente, o campo do conhecimento.

Dada a extrema diversidade do campo dos estudos de gênero, da qual foi fornecida uma pequena amostra no capítulo anterior, é possível destacar um consenso entre eles: a noção de que as relações de gênero são construídas socialmente. As propostas que serão apresentadas e discutidas quanto ao fazer e refazer da masculinidade oferecem elementos para entender a construção e reconstrução dessas relações de forma concreta e histórica.

## **2.1. Da masculinidade às masculinidades**

É na década de 70 ? com os estudos feministas prosseguindo muito rapidamente e com o movimento e os estudos gay afirmando que os homens heterossexuais eram candidatos à liberação ? que a predominância das

ideologias binárias e da dominação masculina é contestada. Nas universidades e outros espaços ligados à classe média e intelectual, grupos de homens se formaram para refletirem sobre a sua própria condição no patriarcado, a partir das críticas feministas que ganhavam corpo. Como resultado, houve concordância com relação a estas críticas, e estes homens reconheceram os hábitos masculinos de dominação e desvalorização como sendo próprios deles. Porém, se havia certo compartilhamento de sentimentos de culpa entre eles, também havia muita divergência e discussões acaloradas, algo ocorrido igualmente nos meios feministas (Giffin, 2005).

Michael Kaufman organizou a primeira coletânea de artigos escritos por participantes deste processo de reflexão em 1987 sob o título *“Beyond Patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change”*. Nela, tanto homens heterossexuais quanto homossexuais apontam o poder como a questão central, embora também enfatizem a constante remodelação dos padrões de dominação, a interiorização de estruturas sociais de poder e opressão, bem como a necessidade de compreender a relação dialética entre opressão no nível individual e nas grandes estruturas baseadas na hierarquia e nos privilégios.

Em seu artigo nesta coletânea, Kaufman (1987) não nega a dominação dos homens, mas defende que eles estão marcados e brutalizados pelo mesmo sistema que oferece seus poderes e privilégios: embora desfrutem destas prerrogativas, este poder social dos homens também é fonte de sua experiência individual de dor e alienação. A isto o autor chama de “experiência contraditória do poder masculino”, que, segundo ele, permite entender melhor o processo de aquisição do gênero para os homens, que requer a supressão de muitas

necessidades, sentimentos e formas de expressão. Como resultado, há uma tensão entre “ser macho” e “ser masculino”, capaz de manter uma insegurança constante nos homens, impulsionando tanto a autodesvalorização quanto reações violentas contra mulheres e outros homens<sup>16</sup>.

Em um artigo de revisão de literatura no mesmo livro, Carrigan, Connell & Lee (1987) apontam que desde os anos 50 os estudos norte-americanos relacionavam a questão do “pai ausente” com a delinqüência e o fracasso escolar dos filhos, especialmente em famílias pobres. Também são apontadas pesquisas sobre os novos conflitos da masculinidade relacionados a novas demandas nas relações sociais e afetivas, especialmente em homens de classe média. A partir da década de 70, já é possível encontrar na bibliografia pesquisada referência às contradições entre a identidade masculina hegemônica e as condições reais de vida dos homens, o que traz à tona a questão das restrições e desvantagens de ser homem, a despeito do poder e dos privilégios associados à masculinidade.

A partir deste primeiro enfoque conceitual, os autores defendem que as relações homem-mulher não são combates entre blocos homogêneos, mas que a construção da hegemonia faz parte de uma ampla luta social: “... [a hegemonia] é *uma questão de como grupos específicos de homens habitam posições de poder e riqueza e como eles legitimam e reproduzem as relações sociais que geram sua dominação*” (*Ibid.*, p. 179). Introduzem, portanto, um conceito-chave, “*masculinidade hegemônica*”, para dar conta de compreender o patriarcado não somente como um poder dos homens sobre as mulheres, mas de hierarquias de

---

<sup>16</sup> A tensão entre “ser macho” e “ser masculino” também é brilhantemente discutida pelo antropólogo Roberto DaMatta (1997), conforme será apresentado posteriormente.

poder entre distintos grupos de homens e também entre diferentes masculinidades<sup>17</sup>.

Em 1991, é publicado outro livro que causa impacto no meio acadêmico: “*Changing Men - New directions in research on men and masculinity*”, organizado pelo sociólogo norte-americano Michael Kimmel. Logo na sua introdução é apontada a necessidade de um redimensionamento dos estudos sobre a masculinidade, como consequência da mudança pela qual passava a definição do conceito naquele momento<sup>18</sup>. Mostrava que nas duas décadas anteriores a pesquisa sobre gênero havia crescido rapidamente, sendo que os estudos sobre homens tentavam responder aos contextos de mudança social e intelectual resultantes do corpo de conhecimento então produzido, bem como tratar a masculinidade não como referência normativa a partir da qual padrões comportamentais eram avaliados, mas como uma problemática da construção de gênero.

Reiterando a proposta apresentada por Carrigan, Connell & Lee (1987) de se investigar as masculinidades, Kimmel ainda chama a atenção para o fato de que embora elas variem de acordo com diferenciações internas de idade, classe, etnia ou orientação sexual, todas implicam *não ser como as mulheres*<sup>19</sup>. Esta “regra” conduz a condutas exageradamente masculinas e estabelece uma incerteza crônica sobre a identidade de gênero que precisa ser solucionada perante outros homens. Como a masculinidade depende da aprovação deles, sua emoção mais destacada é o medo, o que situa a homofobia como princípio

---

<sup>17</sup> O grifo é nosso.

<sup>18</sup> Contexto das críticas à teoria dos papéis sexuais.

<sup>19</sup> O grifo é nosso.

organizador da virilidade. Nesta dinâmica, o medo leva à vergonha, ao silêncio e à violenta afirmação da masculinidade (Kimmel, 1997 *apud* Giffin, 2005).

Seidler (1991) é outro autor que analisa a construção do gênero masculino a partir da sua identificação com a razão. Segundo ele, a masculinidade está associada à expressão de independência e auto-suficiência pelos homens para competirem na esfera pública, o que favorece a negação ou desvalorização das suas necessidades afetivas. O preço pago para assumirem a masculinidade é a fragmentação de um ser dividido contra si, uma vez que as emoções e sentimentos são fontes importantes da dignidade e integridade humana. O autor afirma ainda que as conseqüências negativas desta ênfase social no racional é a desvalorização das relações interpessoais, que refletem não só os limites afetivos do ser fragmentado internamente, mas a organização concreta da vida em geral a partir das necessidades de produção.

Inicia-se, assim, um novo campo de conhecimentos cujo nome ainda é alvo de controvérsias, e que será referido no presente trabalho como “estudos críticos sobre homens” (*Critical Studies on Men*), conforme proposição de Jeff Hearn (1998). Sob tal denominação, congregam-se os estudos que compartilham das seguintes características: são estudos críticos; sobre homens; explicitamente “generificados”<sup>20</sup>; feitos por homens e mulheres, separada ou colaborativamente; interdisciplinares; e que problematizam não somente o conteúdo substantivo de estudar homens, mas também o processo e a epistemologia de tal estudo (Hearn, 1998).

---

<sup>20</sup> Termo emprestado de Guacira Lopes Louro em seu livro “Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer”. Belo Horizonte: Autêntica. 2004. A palavra é utilizada para traduzir o termo “*engendered*”.

Uma alternativa para nomear esta área de conhecimentos seria utilizar a expressão mais conhecida nos meios acadêmicos anglo-saxões: “*Men’s Studies*”. No entanto, conforme argumentação tenaz de Hearn (*Ibid.*), este termo é impreciso e politicamente perigoso, pois alimenta a idéia de que os “*men’s studies*” são equivalentes ou paralelos aos “*women’s studies*”, o que, segundo ele, é falso. Além disso, trata-se de um termo ambíguo: são estudos sobre homens ou de homens? Não necessariamente os estudos que são classificados sob este termo são críticos, ao contrário, grande parte deles mascara a misoginia e o heterossexismo<sup>21</sup>. A preocupação de Jeff Hearn se justifica porque visa estabelecer uma distinção clara entre os teóricos e pesquisadores pró-feministas, grupo ocupado em problematizar ao mesmo tempo a opressão das mulheres e a alienação dos homens dominantes, e aqueles que se enquadram na denominada “nebulosa anti-sexista”, que compreende diversos grupos que buscam reiterar a “masculinidade tradicional em crise”.

De modo geral, são estudos que partem de um modelo de investigação que explora o fazer e o refazer das convenções na prática social, isto é, nos relacionamentos interpessoais cotidianos. No que diz respeito à análise sobre as construções das diferentes formas de masculinidade, fatores como etnia, classe social e momentos do ciclo vital passaram a ser levados em consideração.

O Movimento Gay também teve contribuição importante para estes trabalhos, já que, na luta pelos seus direitos cívicos, nas décadas de 60 / 70, e na crítica ao modelo familiar, na década de 80, chamou a atenção para o peso da

---

<sup>21</sup> A discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. É a promoção incessante da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade, da bissexualidade e das sexualidades transversais (Welzer-Lang, 2001).

heterossexualidade na hegemonia masculina (Plummer, 1981; Weeks, 1985, 1989). Segundo Connell (1987), os ativistas *gays* “*geralmente vêm a família como a fábrica da heterossexualidade, ao encontro da necessidade de provisão de mão-de-obra pelo capital e de subordinação pelo Estado*” (p.36). Além disso, o ativismo *gay* trouxe à tona o fato de que o desejo das pessoas pode se organizar em contraste com as suas determinações biológicas.

Portanto, os estudos críticos sobre homens não propõem modelos de causa e efeito, ao contrário, examinam os vários projetos da masculinidade e as condições na quais eles são produzidos sob uma perspectiva da dialética dos relacionamentos interpessoais. Assim, longe das categorias binárias, masculinidade e feminilidade se revelam áreas ambivalentes, dinâmicas, imprevisíveis e em constante estado de mudança (Whitehead, 2002).

Sem dúvida, a maior novidade introduzida nestes trabalhos é o abandono do homem como a norma humana, isto é, a utilização do termo ‘homem’ para designar todo e qualquer ser humano. Sob esta nova perspectiva, as variações entre os homens são vistas como ponto central para a compreensão do cotidiano masculino. Segundo Fonseca (1999), “... *da relação entre a definição normativa da masculinidade (branco, meia idade, classe média e heterossexual) e as outras formas de identidade masculina, resulta que a primeira deve ser vista como a dominante e não como a correta*” (p. 45).

O principal objetivo dos estudos críticos sobre homens na atualidade é entender como as masculinidades são construídas, produzidas e reproduzidas, assumindo, portanto que são variadas e mutáveis ao longo do tempo (história) e

espaço (cultura), dentro de uma mesma sociedade, ao longo do ciclo vital e biografia individual.

A abordagem teórica mais comum nestes estudos é o construcionismo. Em sua maioria, os autores discutem a construção social da masculinidade e mantêm vínculos explícitos com o feminismo. A proposição construcionista surge na discussão da masculinidade como reação ao essencialismo – baseado na crença de que a sexualidade e / ou o gênero são biologicamente determinados – e, por outro lado, naqueles baseados na teoria dos papéis e na sua concepção dicotômica da construção dos gêneros.

## **2.2. As perspectivas essencialistas e funcionalistas e as tentativas de explicação da masculinidade.**

De modo geral, as proposições essencialistas sustentam que os comportamentos humanos são passíveis de explicação em termos de herança genética e de funcionamento dos neurônios. O enfoque essencialista teve impacto nas pesquisas e estudos sobre homens e masculinidades especialmente no início da década de 70, sendo que os modelos de análise derivados deste enfoque salientam os modos pelos quais as diferenças biológicas inatas entre homens e mulheres determinam comportamentos sociais. A argumentação biológica foi contestada por vários pesquisadores dos mais diferentes campos do conhecimento. A causalidade implicada entre dois campos observáveis de diferenças (diferenças biológicas e comportamentos diferentes) é mal conduzida, uma vez que não há razão lógica para supor que uma produza a outra, ou que a direção da causalidade ocorra somente do biológico para o social (Carrigan,

Connell & Lee, 1987; Connel, 1987, 1993, 1995; Kimmel, 1991; Whitehead, 2002; Kimmel & Messner, 2004).

A teoria dos papéis surge nos anos 50 como proposta do sociólogo Talcott Parsons, cujo “funcionalismo” se tornou uma ferramenta-chave na compreensão de como a rede social sustenta algum senso de ordem, equilíbrio e consenso, apesar do eterno conflito potencial sobre os recursos materiais. Parsons colocou grande ênfase no processo de socialização, particularmente em respeito à família como uma produtora de personalidades adultas estáveis. Os papéis masculinos e femininos são aspectos centrais da sua teoria, compreendidos por ele como naturalmente diferentes e complementares. O argumento de Parsons é o de que a desigualdade de poder entre homens e mulheres é um fenômeno natural conseqüente da necessária estratificação social. Embora o funcionalismo não tenha inventado a dicotomia sexual, tentou justificar e explicar as desigualdades conseqüentes a ela como fenômeno natural e, portanto, necessário ao aperfeiçoamento do sistema social (Connell, 1995; Whitehead, 2002).

A literatura aponta uma variação da teoria dos papéis que tenta responder às críticas da justificação da opressão feminina na teoria parsoniana, propondo que o processo de socialização atua como um transmissor, reproduzindo modelos ideais de comportamento e divulgando estereótipos dominantes. Esta proposição é feita através da aliança com a noção das diferenças biológicas inatas. Emerge daí uma decorrência da teoria dos papéis: a teoria dos papéis sexuais, que busca explicar as desigualdades de gênero em termos da elaboração sócio-cultural sobre as diferenças biológicas entre os sexos. Uma vasta produção de pesquisas

tentou dar conta de entender e explicar como estas desigualdades eram produzidas a partir de um processo de socialização diferencial para meninos e meninas, propondo meios de favorecer uma educação familiar e social sob parâmetros mais igualitários para ambos os sexos.

No que diz respeito às críticas mais consistentes à teoria dos papéis sexuais, se destacam algumas feitas por Carrigan, Connell & Lee (1987), que, por sua vez, são fruto de considerações tomadas de muitas autoras feministas. São elas:

- a. A própria idéia de um “papel masculino” implica um padrão reconhecido e aceito, e os teóricos do papel sexual a postulam quase como uma norma para explicar as diferenças sexuais;
- b. A literatura sobre papel sexual não distingue com consistência o que é esperado das pessoas e aquilo que elas de fato fazem;
- c. A estrutura do papel (...), dependendo do uso que se fizer dela, pode levar a conclusões totalmente opostas sobre a natureza da masculinidade;
- d. Como teoria social, a estrutura do papel sexual é fundamentalmente estática. Isto não quer dizer que ela não possa reconhecer a mudança social. Pelo contrário: a mudança tem sido um tema conduzido nas discussões dos papéis sexuais masculinos. (...) O problema é que os autores que conduzem estas discussões não podem compreendê-la como histórica, como influência mútua entre prática e estrutura;

- e. A noção da total subordinação das mulheres, institucionalizada na divisão do trabalho doméstico, mas consistente com uma situação de poder ocasionalmente invertida nos relacionamentos privados, não é uma concepção que pode ser formulada na linguagem da teoria do papel;
- f. A literatura do papel sexual evitou sistematicamente os fatos da resistência dos homens à mudança na divisão do poder, na divisão sexual do trabalho e na própria masculinidade;
- g. O “papel sexual masculino” não existe. É impossível isolar um “papel” que constrói a masculinidade (ou outro que construa a feminilidade), porque não há área da vida social que não seja a arena da diferenciação sexual e das relações de gênero;
- h. o papel sexual reduz o gênero a duas categorias homogêneas e exagera na polarização da percepção das diferenças entre homens e mulheres. Baseado nesta dicotomia, o papel sexual oculta a dominação masculina. Como consequência, o exercício do poder nas relações de gênero não é imediatamente evidente nesses estudos.

Em resumo, o que se defende é que o conceito de papel sexual é obsoleto, positivista, etnocêntrico e desprovido da perspectiva de poder.

Como contraponto às discussões feitas pelos teóricos do papel sexual, os estudos críticos sobre homens partem de uma perspectiva relacional de gênero, a qual entende que a masculinidade e a feminilidade são construídas socialmente, são históricas, mutáveis e relacionais.

Conforme apontado anteriormente, sob este enfoque o que se busca é romper com a falsa universalidade dos papéis sexuais masculinos e partir para a compreensão da diversidade de estilos de masculinidade, cada um deles atrelado às diferentes inserções dos homens nos âmbitos político, econômico, cultural e interpessoal.

Para os estudiosos que trabalham sob esta perspectiva crítica, é preciso trazer à tona o privilégio de gênero que está escamoteado nestas teorias. Porque partem da idéia de neutralidade de gênero, elas reasseguram subliminarmente o privilégio dos homens e um ideal masculino a ser perseguido (Kimmel, 2004).

Embora se identifique um predomínio de estudos sociológicos, a tendência da produção acadêmica neste grupo é a incorporação de uma diversidade de disciplinas como a história, a medicina, a filosofia, a psicologia, as comunicações, a antropologia, o direito, entre outras.

Dentre os principais autores a discutir a masculinidade sob a perspectiva relacional do gênero, Robert W. Connell é um dos que mais se destaca e aquele com o qual houve maior afinidade de nossa parte. Por conta disso, será feita uma exposição sucinta das suas principais idéias, uma vez que o esquema de análise deste autor será utilizado no presente trabalho.

### **2.3. Robert W. Connell e uma nova proposta para o estudo das masculinidades**

Robert Connell é um sociólogo australiano que leciona na Universidade de Sydney (Austrália) e é autor e co-autor de 18 livros e diversos artigos: *“Gender and power”* (1987); *“Masculinities”* (1995); *“The men and the boys”* (2000);

*“Gender”* (2002); *“Handbook of studies on men and masculinities”* (Kimmel, Hearn & Connell, 2005); e o artigo *“Hegemonic masculinity: rethinking the concept”* (2005) são os que mais se destacam.

Ele entende que ao invés de se tentar definir a masculinidade como um objeto, isto é, como uma espécie de caráter natural, de comportamento médio ou de norma, é necessário concentrar a atenção nos processos e relacionamentos através dos quais os homens e as mulheres conduzem suas vidas sob o suporte do gênero. Para ele, a masculinidade é simultaneamente uma posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais homens e mulheres se colocam nesta posição e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (Connell, 1995).

Sendo assim, não existe um padrão fixo de masculinidade em todos os momentos e lugares. As culturas variam entre si e os padrões de masculinidade mudam com o tempo. Dentro de uma sociedade específica, ou mesmo de uma comunidade ou instituição particular, há diferentes padrões de masculinidade, diferentes modos reconhecíveis de se “tornar homem”. Assim como hoje se reconhece que existem diversos tipos de família, é possível supor que há diferentes construções da masculinidade em diferentes contextos de classe social, diferentes comunidades étnicas e regiões distintas.

No entanto, conforme aponta o sociólogo, as diferentes masculinidades não se agrupam lado a lado como estilos alternativos de vida que os homens podem escolher livremente, mas por meio de relações hierárquicas e de exclusão. Na maioria das comunidades há um padrão específico de masculinidade que é mais respeitado do que outros, o padrão hegemônico. Ele geralmente está

associado às identidades masculinas celebradas nos filmes, programas de televisão e esportes populares, e é apresentado aos jovens como uma mensagem de referência. Existem outros padrões de masculinidade, mas que não atraem o mesmo respeito, ao contrário, costumam ser duramente estigmatizadas.

Nem todos personificam o modelo hegemônico. Na verdade, segundo Connell, somente uma minoria o faz realmente. Todavia, a hierarquia que se estabelece em torno deste padrão masculino é uma fonte considerável de conflitos e violência entre os homens. Por exemplo, desafiar a masculinidade de um homem é comumente um foco de brigas e ferimentos. A afirmação do domínio sobre homossexuais ou homens afeminados pode tomar formas violentas, culminando em surras e até em assassinatos. Esta dominação também pode se mostrar simbolicamente: os desafios entre os rapazes (“Vem! Prova que você é homem de verdade! Prova que você é macho!”) que levam às brigas violentas é um exemplo.

A masculinidade é um nível de padrão da conduta e da vida pessoal, mas é importante entender que as masculinidades também existem em outros níveis: de forma impessoal, nas comunidades, na cultura e nas instituições. Organizações como as Forças Armadas e as corporações embutem padrões de gênero particulares na sua cultura organizacional, podendo produzi-los deliberadamente por meio de programas de treinamento. Os meios de comunicação de massa promovem ícones particulares de masculinidade, celebram padrões de conduta específicos, ao mesmo tempo em que zombam dos outros.

Uma das aproximações que temos com a proposta de Connell é quanto à crítica que ele faz ao Construcionismo. Segundo ele, se uma abordagem da construção social da masculinidade significou um avanço em relação à abordagem dos papéis sexuais, por outro lado, chegou num impasse: criticando o reducionismo biológico das concepções essencialistas, acaba resvalando no reducionismo social. O construcionismo não consegue explicar como se dá o processo de conformação do indivíduo, algo que Connell procura dar conta. Segundo ele:

***“o enfoque construcionista social do gênero e da sexualidade sustenta-se em uma perspectiva semiótica do corpo, fornecendo uma antítese quase completa à sociobiologia. (...) o corpo é uma tela a ser pintada, uma superfície a ser impressa. (...) Embora tenha sido brilhantemente produtivo, este enfoque depara-se com dificuldade. Com tanta ênfase no significativo, o significado tende a desaparecer. (...) As discussões sócio-construcionistas têm o estranho efeito de desincorporar o sexo.”*** (Connell, 1995, p. 50-51)

O autor defende que para entender como os corpos masculinos estão de fato envolvidos nas masculinidades é necessário abandonar a dicotomia convencional de que a cultura muda e os corpos não. Há uma gama de práticas corporais dirigidas aos corpos que os classificam e os modificam.

A este respeito, é possível estabelecer uma relação com a importância de certas jogos infantis que envolviam os corpos dos meninos brasileiros das décadas de 50 e 60, tão bem descrita e discutida por DaMatta (1997). O antropólogo relata uma brincadeira comum da época que envolvia um garoto que se encarregava de apalpar o traseiro de um outro, sempre na presença de um grupo maior de rapazes, seguida da pergunta *“tem pente aí?”* A reação da “vítima”, diz DaMatta, era quase sempre a de dar um pulo para frente, proteger as nádegas com as mãos e reagir violentamente à brincadeira. Mas o autor

demonstra como nada disso era tão simples, uma vez que havia toda uma norma que regulava a expressão destas reações, que nem podiam ser muito violentas e tampouco demoradas, o que poderia denotar alta sensibilidade numa “parte sagrada do corpo masculino”. Conforme refere DaMatta (1997):

*“... ‘ser homem’ não era apenas ter um corpo de homem, mas mostrar-se ‘masculino’ e ‘macho’ em todos os momentos. (...) Um dos preços da masculinidade, portanto, era uma eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo”* (p. 37)

Assim, é possível concordar com Connell e pensar que, de fato, a materialidade do corpo nunca é apagada e permanece fundamental para qualquer entendimento que se procure desenvolver sobre masculinidade ou feminilidade. É inegável que há corpos grandes e pequenos, velhos e jovens, sadios e doentes. Além disso, cada um tem a sua própria trajetória através do tempo, fazendo com que se depare com jogos, acidentes, violência, fome, doença, cirurgia, etc, tendo que se reorganizar em função disso.

É nesse sentido que ele propõe o entendimento do corpo como agente e, ao mesmo tempo, objeto da prática social. As práticas nas quais os corpos estão envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais às quais, por sua vez, promovem as condições para um novo circuito que interliga os processos corporais e as estruturas sociais.

É possível complementar esta proposta de Connell afirmando que os corpos masculinos são lugares sobre os quais as masculinidades estão inscritas, mas isso não quer dizer que esta inscrição seja feita de modo previsível ou linear, uma vez que *“... não existem corpos fora das condições de sua materialização”* (Whitehead, 2002, p. 194).

De qualquer modo, é possível postular que a corporalização da masculinidade hegemônica está associada à força, resistência, dureza e competência física: ela sugere um modo de definir e ocupar o espaço, uma habilidade de exercer controle sobre ele e um preparo para colocar o corpo em risco visando atingir estas expectativas (Whitehead, *Ibid.*).

Além disso, cabe pensar nos aspectos atrelados ao corpo sexual na hegemonia. Bourdieu (2005) defende que a relação sexual se mostra sempre como uma relação de dominação, isto porque ela é construída por meio do princípio central de divisão entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo. Segundo ele, este princípio “... *cria, organiza, expressa e dirige o desejo: o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada*”(p. 31).

Outro aspecto a ressaltar na postulação de Connell e que também nos aproxima do modo como concebe a constituição da masculinidade e da feminilidade é que, para ele, ambas envolvem não somente as relações sociais como também uma *condição de subjetivação*<sup>22</sup>, o que o leva a recorrer à psicologia. Neste caso, Connell baseia-se principalmente na psicanálise de Freud para demonstrar que a masculinidade também é construída nas relações afetivas.

O autor faz uma análise dinâmica da masculinidade, servindo-se para isso de subsídios das psicanálises freudiana e adleriana, bem como da sociologia e da antropologia cultural (Connell, 1995; 2000). Visa, com isso, romper com a pesquisa positivista que busca nos múltiplos casos estudados generalizações culturais sobre os gêneros (Cecchetto, 2004).

---

<sup>22</sup> O grifo é meu.

A partir de nossa identificação com as idéias de Connell, foi realizado um levantamento da literatura publicada do autor e foram selecionados artigos e livros que, pela nossa avaliação, são mais representativos das idéias que se pretende destacar neste trabalho.

Entre as contribuições mais importantes de Connell (1987; 1995; 2000; 2005) para os estudos críticos sobre homens, evidenciam-se as seguintes:

1. Consideração da masculinidade como “configurações de práticas”: ele investigou como alguns modelos de masculinidade são mais valorizados e exaltados no universo de modelos disponível, enquanto outros, num mesmo contexto, são desprezados ou subordinados. Connell (1987) interessa-se pelo processo de configuração de práticas como algo dinâmico através do qual se pode compreender a masculinidade como um “projeto de gênero”;
2. O masculino é inconcebível sem um feminino a respeito do qual se define: o masculino é autoridade legítima que se exhibe ao mesmo tempo na força física e no poder de dizer como são as coisas, tanto nas instituições quanto na gama infinita de situações que põe os seres em relação. Por outro lado, quando se cruza a identidade masculina com outros fatores (raça, classe) que estruturam a sociedade nos encontramos na presença de múltiplas masculinidades que, por sua vez, são relativas a múltiplas feminilidades;

3. Masculinidade hegemônica e masculinidades subordinadas: em seu sétimo livro<sup>23</sup> (Connell, 1995), o investigador põe ênfase na necessidade de compreender as diversas masculinidades, cada uma em relação com as demais. Esta hierarquia de poder que afeta toda a sociedade ou ordem de gênero se estabelece nas lutas através das quais se forja a condição masculina. Também se destaca nesta obra a imposição dos modos de ser homem. Sobre isso, Connell elabora uma proposição esclarecedora: masculinidade hegemônica, em oposição às subordinadas ou marginais<sup>24</sup>;
4. Ordem de gênero: baseando-se nas investigações realizadas sobre o conceito de gênero na sociologia, na psicologia e na história, Connell (1995) volta-se para a organização social e para as interações entre instituições e indivíduos ao falar de poder. Estuda com afincamento as circunstâncias individuais recolhidas em histórias de vida, as que permitem, por exemplo, entrar no que significou a primeira transa para um indivíduo; examina as instituições como lugares de onde se exerce e percebe o poder, por exemplo, a empresa, chegando assim às grandes instituições como o Estado e sua política trabalhista e de emprego. Percebe-se em tal sentido uma “ordem de gênero”, tanto em seus estratos como nas articulações.
5. Estrutura das relações de gênero: trabalho, poder, emoções e símbolos articulam conjuntamente a estrutura das relações de gênero. Compõem, assim, um arcabouço conceitual amplo,

---

<sup>23</sup> Escrito na língua inglesa, sem levar em consideração os livros escritos em co-autoria.

<sup>24</sup> Tópico que será discutido com mais detalhes logo adiante.

necessário para analisar as questões de gênero (Connell, 1987; 1995; 2000). As relações de produção (trabalho) dizem respeito às divisões de tarefas por gênero, mas, além disso, é necessário dar atenção às conseqüências econômicas desta divisão, isto é, aos dividendos resultantes da divisão desigual do trabalho social acumulados pelos homens. As relações de poder dizem respeito especificamente à subordinação geral das mulheres e à dominação dos homens, definindo um problema de legitimidade que tem grande importância para a política da masculinidade. As relações afetivas (emoções) se referem às práticas que dão forma e atualizam o desejo, sendo, portanto, um aspecto da ordem de gênero. Neste sentido, é possível formular questões políticas sobre, por exemplo, se estas relações são consensuais ou coercitivas, se o prazer é igualmente dado e recebido, etc. Em obra mais recente, o autor acrescentou as relações de simbolização (símbolos): *“... a apresentação simbólica do gênero por meio da roupa, da maquiagem, da cultura corporal, dos gestos, do tom de voz, etc, é uma parte importante da experiência cotidiana de gênero”* (Connell, 2000, p. 26). Portanto, falar de mulher ou de homem implica adentrar num sistema de interpretações, compromissos e insinuações que se acumularam através de nossa história cultural.

6. Importância de estudar as relações dialéticas de aliança, dominação e subordinação que constroem as masculinidades: o autor alerta que o reconhecimento da diversidade no masculino não é suficiente, pois *“ao reconhecer masculinidades múltiplas, especialmente em uma cultura individualista como a dos Estados Unidos, há o risco de elas*

*serem entendidas como estilos de vida alternativos, uma questão de escolha do consumidor”* (Connell, 1995, p. 76).

7. Dimensão corporal na experiência de ser homem: diz respeito à reivindicação feita por Connell da volta da dimensão corporal nos estudos sobre homens, para além de concepções binárias inadequadas: o corpo como máquina natural ou como superfície passiva e neutra. Para ele, é importante não esquecer que as sociedades nas quais a feminilidade e a masculinidade guiam a organização e a produção de uma forma definida de ser homem ou mulher, tal masculinidade e feminilidade são “projetos de gênero” e o conjunto da prática social está encaminhado para a construção destes projetos. Tal construção se realiza pela modelagem dos corpos das pessoas, ou seja: as formas corporais e suas envolturas, os movimentos, as emoções, os sentimentos, os desejos e os projetos vitais e profissionais serão dirigidos e organizados, porém não determinados, pela prática social, sem esquecer que esta é ativa, mutante e, portanto, complexa (Connell, 1995; 2000).

Uma vez que o gênero é compreendido por Connell como uma forma de estruturação das práticas sociais, a proposta feita é a de interconexão entre estrutura e prática, destacando o entrelaçamento contínuo entre a vida pessoal e a estrutura social. As estruturas sociais, portanto, não são engendradas por uma base biológica, mas por processos históricos.

O que se observa, aqui, é uma abordagem que proclama o estabelecimento de uma conexão entre os estudos da masculinidade e estratégias de mudança. Isto é o que mais nos chama a atenção, uma vez que

nosso trabalho com situações de violência doméstica nos faz pensar que grande parte das ações de enfrentamento e combate a esta questão passa por uma reformulação da política de gênero. Esta só será efetiva se puder contar também com as contribuições dos estudos críticos sobre homens.

Segundo Connell (2002), é importante insistir que o gênero é mais do que uma marca individual atrelada a uma diferença corporal, e que se faz necessário entender que as pessoas enfrentam uma prática social ordenada, muito categórica e com poder, através da qual a vida cotidiana está organizada em relação a “arena reprodutiva”<sup>25</sup>.

Sendo assim, a compreensão das masculinidades contemporâneas envolve o mapeamento das tendências de crise na ordem do gênero. Por exemplo, um movimento global pela emancipação feminina contribui para o colapso do patriarcado (relações de poder), o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho colabora para a redistribuição do dinheiro (relações de produção) e a estabilização da sexualidade gay e lésbica se apresentam como alternativas na ordem heterossexual (relações afetivas). Se a ordem patriarcal proíbe certas formas de emoção, relacionamento e prazer, em sua (des)construção estão envolvidas relações econômicas, regionais e globais, bem como relações domésticas e pessoais.

Por isso a importância de se detalhar a formulação de Connell sobre as dinâmicas relacionais das masculinidades, uma vez que, do nosso ponto de vista,

---

<sup>25</sup> Conceito que compreende a totalidade dos espaços sociais, desde o micro até o macro, atravessando as relações de poder, econômicas e afetivas. Connell (1995) afirma que a arena reprodutiva é o espaço da excitação sexual, do relacionamento sexual, da gravidez e do cuidado da prole, das semelhanças e diferenças sexuais do corpo.

ela fornece subsídios para uma apreciação crítica da relação entre diferença e dominação de gênero. Este é o tema do tópico a seguir.

#### **2.4. Masculinidade Hegemônica e Masculinidades Subordinadas**

O conceito de masculinidade hegemônica foi elaborado em substituição ao de papel masculino, tendo como referência o conceito de hegemonia do pensador marxista italiano Antonio Gramsci, que o formulou em alusão à tomada e manutenção de uma posição de liderança de um grupo sobre outros.

Os escritos de Gramsci se centravam na dinâmica da mudança cultural que envolvia a mobilização e a desmobilização de todas as classes sociais<sup>26</sup>. Segundo Connell (2005), sem uma atenção muito clara à questão da mudança histórica a idéia de hegemonia poderia ser reduzida a um simples modelo de controle cultural, sendo que em grande parte do debate sobre gênero esta mudança histórica em larga-escala não está em foco.

A hegemonia é uma relação historicamente móvel. Como conceito, envolve o entendimento de que em determinado momento do tempo uma forma de masculinidade, mais do que outras, é exaltada:

*“masculinidade hegemônica pode ser definida como a configuração de uma prática de gênero que incorpora a resposta aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou que se ocupa em garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres”.* (Connell, 1995, p. 77)

O conceito permite entender a masculinidade não como um papel estático, mas como sendo sustentada por estruturas e normas sociais, sendo que o ‘heterossexismo’ é uma das partes essenciais da hegemonia.

---

<sup>26</sup> Fonte: **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Editado por William Outhwaite & Tom Bottomore. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1996

Dessa forma, a masculinidade hegemônica deve ser entendida como uma dinâmica cultural pela qual um grupo reclama e sustenta uma posição superior na vida social, sendo que se relaciona com a dominação cultural na sociedade como um todo. Construída em relação à(s) feminilidade(s) e às outras masculinidades dos grupos dominados, ela as dissimula e as submete.

Segundo Connell (1995; 2000; 2005), há diferentes masculinidades e relações sociais definidas entre elas. Mais ainda, há relações hierárquicas, nas quais algumas masculinidades são dominantes enquanto outras são cúmplices, subordinadas ou marginalizadas.

É importante entender que a masculinidade hegemônica não corresponde necessariamente às características dos homens concretamente mais poderosos. Ela diz respeito àquilo que sustenta o seu poder e àquilo que muitos homens são motivados a apoiar. Conforme Cecchetto (2004), “... *na tentativa de se conferirem uma masculinidade socialmente valorizada, certos grupos masculinos negam outras versões de homem, transformando-as em duvidosas e desprezíveis*” (p.66).

Connell refere haver grupos de homens que, mesmo não encarnando o ideal hegemônico, alcançam alguns dos seus benefícios, como a vantagem sobre as mulheres, apenas porque mantêm uma *relação de cumplicidade* com o grupo hegemônico. Estas “masculinidades cúmplices” se organizam em torno da aceitação do dividendo patriarcal, embora não exerçam militância em defesa do mesmo.

Também aponta para outras relações internas à dinâmica do gênero, como a *subordinação*. A esse respeito, Welzer-Lang (2001) se refere à norma<sup>27</sup> política heterocentrada e homofóbica, produzida sob a definição da superioridade masculina e daquilo que deve ser a performance sexual masculina, a qual indica o que é um homem “normal”, “verdadeiro”: viril na aparência e em suas práticas, não-afeminado, ativo e dominante. Diante disso, todos os homens que se diferenciarem dessa norma passam a pertencer ao grupo dos “outros”, dominados, o que inclui as mulheres, as crianças e qualquer outro que não seja um “homem normal”. Connell (2000) afirma que o exemplo mais notável de masculinidades subordinadas nas culturas européias e da América do Norte é a masculinidade *gay* (p. 30).

Outra forma de masculinidade que co-existe ou é produzida concomitantemente à masculinidade hegemônica é a masculinidade *marginalizada*, produzida nos grupos explorados ou oprimidos tais como os grupos étnicos minoritários, que podem compartilhar muitas características com a masculinidade hegemônica, mas que são socialmente desautorizados:

***“... A marginalização é sempre relativa à autorização da masculinidade hegemônica do grupo dominante. Assim, nos Estados Unidos, atletas negros específicos podem ser exemplos típicos para a masculinidade hegemônica, mas a fama e o dinheiro destes astros não têm efeito benéfico: eles não produzem uma autorização social para os homens negros em geral”*** (Connell, 1995, p. 81).

O autor reconhece que estas definições (subordinação e marginalização, especialmente) ainda aguardam melhor precisão, uma vez que se trata de uma

---

<sup>27</sup> Não se trata aqui do termo “norma” no sentido estatístico de uma tendência central. Tampouco do que é “normal” no sentido clínico. Ao invés disso, o termo é utilizado por Welzer-Lang no seu sentido sociológico, no qual algo é visto como normativo quando a maioria das pessoas o considera como um valor ou um padrão moral (conforme Oswald, Blume & Marks, 2005).

estrutura de análise em processo de aprimoramento. No caso das masculinidades marginalizadas, entendemos que a idéia é a de que não importa quanta riqueza ou poder um homem negro (o mesmo exemplo dado por Connell) possua ou possa vir a ter, o fato é que ele sempre será desautorizado por ser negro. Além disso, os privilégios<sup>28</sup> que eles possuem nunca se estenderão para os demais homens negros, ao contrário do que ocorre com os homens brancos que desfrutam dos privilégios dos seus “pares”.

A masculinidade hegemônica também inclui a possibilidade de escapar dela. As masculinidades subordinadas podem protestar contra ela. Grupos potenciais são os homens negros, os *gays*, e os anti-sexistas. As normas hegemônicas são, contudo, uma fronteira para muitos homens. O homem ideal é forte fisicamente, bem-sucedido na sociedade, estável e capaz de defender a si próprio e à sua comunidade; além de um excelente amante heterossexual. Os homens têm de provar sua masculinidade de diferentes modos e falhar nestas tentativas pode causar-lhes problemas.

Uma das críticas mais contundentes ao conceito de “masculinidade hegemônica” é a de que existe uma tendência a reificar este termo, fazendo com que ele se torne um tipo de caráter fixo, algo como a famosa “personalidade do tipo A”. Dada esta tendência, todas as coisas objetivas que os homens fazem – estupro, agressão, degradação ambiental, as práticas comerciais do tipo “um querendo comer o outro”, etc – podem caber na sacola da “masculinidade hegemônica” (Connell, 2000; 2005). A esse respeito, cabe retomar Kimmel (1991) e o próprio Connell (1995) para lembrar que este conceito foi introduzido nas

---

<sup>28</sup> Reiterando que estes privilégios são na maioria das vezes invisíveis para quem goza deles.

discussões da masculinidade para tratar dos assuntos relacionais e, o mais importante, das conexões entre as diferenças e hierarquias entre os homens, e das relações entre homens e mulheres.

Outra crítica freqüentemente feita é a de que o conceito de masculinidade hegemônica embute a 'heteronormatividade'<sup>29</sup>. Segundo Connell (2005), no desenvolvimento do conceito as divisões entre homens, especialmente a exclusão e subordinação dos homossexuais, sempre foram pontos bastante centrais, sendo que a vigilância da heterossexualidade tem sido um tema de maior interesse nas discussões da masculinidade hegemônica desde então.

Das críticas recebidas ao conceito, a que Connell concorda como fazendo sentido é aquela que diz respeito à tendência em dispor em duas categorias as experiências das mulheres e dos homens, tanto na literatura de pesquisa quanto na popular. A suposição das 'esferas separadas' leva muitos pesquisadores a procederem como se as mulheres não fossem parte relevante da análise, discutindo seus trabalhos baseados apenas nos homens e nas relações entre eles. Porém, afirma ele, isto não é inevitável. A saída está em se apoiar num enfoque relacional consistente do gênero e não no abandono das concepções de gênero e masculinidade (*op. cit.*, p. 837). É inegável que as mulheres são centrais na maioria dos processos de construção das masculinidades, seja como mães, colegas de escola, amigas, parceiras sexuais e esposas, companheiras de trabalho e etc.

---

<sup>29</sup> Heteronormatividade se refere a uma ideologia que promove uma perspectiva convencional das relações de gênero e da heterossexualidade, e uma visão tradicionalista da família, como a maneira correta das pessoas viverem. (C. Ingraham . The heterosexual imaginary: feminist sociology and theories of gender. In: S. Seidman (ed). **Queer Theory / Sociology**. Cambridge, MA: BLackwell, p. 168-193, 1996) [apud. Oswald, Blume & Marks, 2005].

Uma última crítica dirigida à Connell e que merece destaque é sobre a inadequação da leitura do corpo como objeto de construção social. As contribuições feitas pela “Teoria *Queer*” aos estudos de gênero apontam para a necessidade de um tratamento mais sofisticado sobre a corporalização da masculinidade hegemônica, especialmente quando se pensa nas práticas dos transgêneros e a sua subversão da ordem de gênero (Heasley, 2005; Reyes, 2004). Neste caso, Connell (*op. cit.*) reconhece que os corpos estão envolvidos mais ativamente e intrinsecamente com os processos sociais do que a sua teoria normalmente admitiu.

Faz-se necessário perceber as relações de poder ou prestígio na constituição das masculinidades: “... *na tentativa de se conferirem uma masculinidade socialmente valorizada, certos grupos negam outras versões de homem, transformando-as em duvidosas e desprezíveis*”(Cecchetto, 2004, p. 66).

Kimmel (1991) já havia chamado atenção para o fato de que são os homens cujas masculinidades são vistas como desviantes, no caso os homens negros e os homossexuais, que lançaram o desafio à concepção de hegemonia masculina. São eles que servem de pano de fundo contra o qual se constrói a hegemonia em oposição à subalternidade ou à marginalidade. O homem ocidental, branco e de classe média não interpela a sua masculinidade o tempo todo, o que permite entender que as estruturas de prestígio lhe conferem o “*privilégio da invisibilidade em relação aos outros grupos*” (Cecchetto, *op. cit.*, p. 67).

Finalizando, é importante entender que a masculinidade hegemônica é um modelo dificilmente alcançado por todos os homens, embora tenha

ascendência sobre os demais modelos. Entender as diferentes demandas de masculinidade implica, portanto, investigar as práticas na qual esta hegemonia é constituída e contestada.

## **2.5. Explicando a construção da masculinidade: algumas contribuições da Psicologia e para além dela.**

Algumas expressões utilizadas popularmente demonstram como a tarefa do menino para se transformar num homem é árdua e fruto de muitas exigências. Frases e ditados como *“endireite-se e fale como homem!”*, *“mandaram-me um menino para fazer trabalho de homem”* e *“enfrente esta situação como homem!”* transmitem significados culturalmente partilhados e que servem a propósitos específicos (reprodução da ordem de gênero).

Isto é tão evidente, que geralmente não é necessário especificar com detalhes as condutas e características masculinas que se acham implícitas nestas afirmações. Trata-se da reprodução de estereótipos que dignificam ou idealizam um dos gêneros às expensas do outro: agir como homem, por exemplo, significa não agir como uma menina (“mulherzinha”<sup>30</sup>).

No campo da Psicologia, a discussão sobre a masculinidade e sua construção a partir das contribuições da teoria do gênero ainda não teve um impacto capaz de provocar uma produção de conhecimento significativa como no campo das ciências sociais.

---

<sup>30</sup> É muito comum o uso deste termo para se referir aos homens homossexuais. Os termos “boneca” e “veado” comportam o mesmo significado de “mulherzinha”, conforme demonstram Alves (2001) e Parker (1991; 2002).

Em nosso trabalho sobre a concepção de intimidade para os homens no relacionamento conjugal, já havíamos lidado com a dificuldade de levantar bibliografia específica em psicologia que incorporasse as contribuições dos estudos de gênero ao entendimento da masculinidade e do seu desenvolvimento entre os homens (Maciel Jr, 1999).

Na revisão bibliográfica para o presente trabalho, sem dúvida foi constatado um aumento significativo da literatura e pesquisa sobre homens e masculinidades, embora muito pouco significativa na área psicológica.

Mesmo as pesquisas em ciências sociais acabam se apoiando nos trabalhos clássicos da psicanálise (Freud, Erikson, Lacan) quando fazem referência aos aspectos psicológicos da masculinidade, embora em sua maioria estabeleçam críticas importantes a estes trabalhos (Kimmel, 1991, 2004; Connell, 1995, 2000, 2002; Whitehead, 2002).

Este estudo se propõe a desenvolver uma compreensão sobre como diferentes atributos da masculinidade são centrais para definição do eu de homens específicos, bem como entender de que modo é um processo que eles negociam em momentos do ciclo vital. A discussão a ser feita leva em consideração fundamentalmente as contribuições dos estudos da masculinidade sob a ótica do gênero, o que traz uma dificuldade quando se trata de buscar aportes teóricos da psicologia que se coadunem com tal empreendimento e, ao mesmo tempo, dos quais possamos compartilhar.

A partir deste esclarecimento, serão apresentadas algumas reflexões sobre a construção da masculinidade por meio de autores com os quais há maior afinidade de nossa parte (seja em função de pressupostos partilhados, seja por

conta de explicações que, no nosso entender, lançam luz para refletir este processo através de uma articulação com as contribuições da perspectiva de gênero). Outros trabalhos serão discutidos porque tiveram algum impacto nos seus respectivos países, embora não estejam necessariamente alinhados com esta perspectiva.

Um dos livros pioneiros a discutir e analisar o que significar ser homem e as conseqüências disso para os brasileiros foi o de Nolasco (1993), cujo título é "*O mito da masculinidade*". Realizando uma pesquisa com vinte e cinco homens de classe média, com idade de 35 anos, o autor analisou as formas opressivas sobre as quais os homens são tradicionalmente socializados. Tentando entender como eles se relacionavam com o trabalho, consigo próprios, com suas parceiras, amigos e filhos, Nolasco discutiu os parâmetros sociais a partir dos quais se define o que um é homem. Ele partiu da consideração de que em diversos países estava havendo um expressivo aumento no número de homens que buscava novos caminhos (psicoterapias e grupos de apoio) que lhes permitissem descobrir outro modelo de subjetividade no qual os afetos não fossem classificados sob uma ótica sexista. Em sua análise, as principais tensões experimentadas pelos homens advinham dos esforços que eles desenvolviam para se adaptarem aos papéis sociais que, na verdade, não correspondiam às suas habilidades e desejos. Até então, segundo Nolasco, a autopercepção dos homens na definição da masculinidade tem se baseado em conceitos vagos de autoridade e tradição. Uma das dificuldades expressadas pelos participantes da pesquisa era como construir suas auto-imagens de acordo com diferentes aspectos de suas identidades e não simplesmente com aquilo que era socialmente esperado. Segundo o autor, o estereótipo de macho exclui estas dinâmicas subjetivas,

fazendo com que os indivíduos acreditem que um homem é feito de uma série de absolutos: nunca chora, tem que ser o melhor, tem que competir sempre, ser forte, não deve se envolver afetivamente e nunca fugir quando confrontado. Para Nolasco, este é o modelo que alguns homens se esforçam para superar.

Outro trabalho a que tivemos acesso foi o de Ramírez<sup>31</sup> (1999), que discute a compreensão da masculinidade entre homens porto-riquenhos. Ele começa tecendo uma crítica de como o termo “*machismo*” vem sendo utilizado e posteriormente faz uma descrição de diversas masculinidades em contextos etnográficos distintos. Quanto ao machismo, o autor afirma que tratá-lo como uma ideologia exclusiva dos homens é algo equivocado e perigoso: o machismo está incorporado tanto à visão de mundo dos homens quanto das mulheres, além de ser o eixo de uma trama política maior que transcende os indivíduos. Ramírez também defende que a ideologia dominante da masculinidade é reproduzida entre homens nos relacionamentos homossexuais e, decorrente disto, conclui o seu estudo sugerindo a possibilidade de construção de uma nova identidade masculina, isenta dos jogos de poder e competição presentes no papel masculino tradicional. Por meio de estudos etnográficos, Ramírez propõe uma interpretação para o que significa ser homem em Porto Rico, concluindo que neste país “... a *identidade masculina está personificada nos genitais e é articulada com a sexualidade e o poder*” (*Ibid.*, p. 48). Portanto, os relacionamentos entre os homens se baseiam no poder, na competição e no conflito.

Enquanto o trabalho de Ramírez está claramente associado aos estudos de gênero, Nolasco procura se distinguir dele (mais especificamente do

---

<sup>31</sup> Rafael Ramírez é professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Porto Rico.

feminismo), argumentando que a organização de grupos de homens não deve ser caracterizada como movimento político e que cada um destes movimentos tem características e dinâmicas específicas. Nolasco também critica a associação que o feminismo inicial estabeleceu entre os homens e o patriarcado, bem como a representação das mulheres como virtuosas e dos homens como fundamentalmente maus.

Embora a proposta de Ramírez traga contribuições importantes sobre a questão do machismo na constituição das masculinidades latinas<sup>32</sup>, bem como sobre a reprodução da ideologia masculina dominante nos relacionamentos homossexuais masculinos, causa-nos estranheza quando ele defende a possibilidade de construção de uma nova identidade masculina desatrelada dos jogos de poder e competição. Pelo que vem sendo discutido no nosso trabalho, é pertinente pensar: será que tudo se resume à constituição de um novo modelo de identidade? Será possível pensar em identidades que estejam apartadas da ordem hegemônica de gênero?

Um dos principais autores sobre o estudo da masculinidade em psicologia é o norte-americano Joseph Pleck (1981; 1995). Ele desenvolveu no início dos anos 80 um modelo para compreensão das dinâmicas da masculinidade. O modelo, conhecido como “The Gender Role Strain Paradigm<sup>33</sup>”, sofreu diversas apreciações por parte dos autores ligados aos estudos críticos da masculinidade na década de 90 (Carrigan, Connell & Lee, 1987; Kimmel, 1991; Connell, 1995), todas elas associando o modelo de Pleck às teorias dos papéis sexuais.

---

<sup>32</sup> Embora nos pareça que a questão do machismo no Brasil comporte especificidades em relação aos demais países latinos, que, embora sejam distintos culturalmente, guardam semelhanças de significados associados à cultura e à língua espanhola (claro que entrecruzados com as culturas dos povos locais).

<sup>33</sup> Modelo de Tensão do Papel de Gênero.

Em 1995, o autor responde a este conjunto de críticas, defendendo que o seu modelo não pode ser associado às teorias clássicas dos papéis sexuais e que, na verdade, ele foi desenvolvido a partir das novas idéias sobre masculinidade que começavam a emergir na literatura especializada. A proposta foi a de formular uma estrutura teórica sistematizada que substituísse o modelo de identidade sexual masculina que então vigorava.

Pleck desenvolveu uma abordagem crítica dos modelos de identidade masculina baseados nos papéis sociais (teorias clássicas dos papéis sexuais), reprovando a noção de que é a conformidade com o papel sexual que promove o ajustamento psíquico. Sob influência do filósofo Michel Foucault, ele argumenta que a teoria dos papéis sexuais é uma forma de política de gênero, isto porque as mudanças históricas nas relações de gênero exigem uma modificação na forma de controle social sobre homens e mulheres (Fonseca, 2003).

Pleck propõe o constructo “*ideologia de gênero*” como um conjunto de crenças (construído social e culturalmente) sobre comportamentos, atitudes e características que um homem ou uma mulher deve ter. No caso da ideologia masculina<sup>34</sup>, o modelo propõe que os comportamentos masculinos resultam de crenças construídas sobre a virilidade e a masculinidade, mais do que pela biologia do homem. Esta ideologia masculina entende o desejo e o comportamento homossexual como inaceitáveis. Por sua vez, os homens homossexuais estão expostos a ideologias idênticas à dos heterossexuais da mesma sociedade (Pleck, 1995).

---

<sup>34</sup> Pensamos que é possível compreender este constructo de Pleck [“ideologia (de gênero) masculina”] como sinônimo de “padrão hegemônico de masculinidade” (conforme Connell, 2000, p. 30)

O seu “modelo de tensão do papel de gênero” afirma que os papéis apropriados aos homens e às mulheres são determinados pela ideologia de gênero dominante na cultura (ideologia que é um reflexo da dinâmica de poder subjacente em dada sociedade) e são impostos ao longo do desenvolvimento infantil através dos pais, dos professores e dos grupos de pares que subscrevem esta ideologia. Posteriormente, Pleck acrescentou que: os papéis de gênero contemporâneos são contraditórios e inconsistentes, sendo que a proporção de pessoas que violam estes papéis é alta; que a violação dos papéis de gênero produz condenação social e conseqüências psicológicas negativas; que a transgressão real ou imaginária dos papéis de gênero conduz as pessoas a uma conformação mais estrita a eles; que a não-observância dos papéis de gênero tem conseqüências mais severas para os homens do que para as mulheres; que certas características prescritas pelos papéis de gênero (como a agressão masculina) são quase sempre disfuncionais; que cada gênero experimenta a tensão do papel de gênero em seu ambiente de trabalho e no meio familiar; e que as mudanças históricas provocam tensão no papel de gênero (*Ibid.*, p. 24).

Connell (1995) reconheceu que Pleck foi o único autor fora dos “*Gay Studies*” a observar que a dicotomia entre heterossexuais e homossexuais é um dos focos centrais em todas as categorias de masculinidade. Segundo Pleck, a maior parte das sociedades ainda identifica a masculinidade à heterossexualidade. Na medida em que o gênero acaba sendo definido pelo comportamento sexual e a masculinidade por oposição à feminilidade, a homofobia desempenha papel importante no sentimento de ser homem. Desse modo, a homofobia também cumpre uma função social, uma vez que os homens

heterossexuais exprimem seu preconceito contra os gays visando, ao mesmo tempo, obter a aprovação do outros e ganhar mais autoconfiança.

O que emerge deste argumento é o conceito de masculinidade hegemônica e não de papel sexual masculino. Esta perspectiva, segundo Pleck, favoreceria um novo modelo para o estudo dos papéis sociais, de acordo com o que é mais relevante para a sociedade contemporânea.

Pleck reformulou o modelo de tensão de papel de gênero, afirmando que a sua formulação original estimulou a pesquisa em três variedades, as quais ele denominou de “tensão discrepante”, “tensão disfuncional” e “tensão traumática” (*Ibid.*, p. 24).

A tensão discrepante resulta da dificuldade de um homem para viver de acordo com um ideal de masculinidade, o qual, entre homens adultos contemporâneos, é frequentemente uma aproximação íntima da ideologia tradicional de gênero.

A tensão disfuncional se apresenta mesmo quando um homem satisfaz os requerimentos dos códigos masculinos, porque muitas das características vistas como desejáveis em homens podem ter efeitos negativos sobre os próprios homens e para aqueles próximos deles.

A tensão traumática pode resultar de diversas fontes, uma das quais é a experiência penosa do processo de socialização dos papéis masculinos. Especificamente, o processo de socialização afetiva do homem é feito no sentido de suprimir e mudar a afetividade natural do menino numa extensão tal que provoca as seguintes conseqüências: quando adultos, se tornam menos

empáticos afetivamente do que as mulheres; mais propensos para expressar a raiva agressivamente e para transformar seus “afetos vulneráveis” (sentimentos que o fazem se sentir vulnerável como tristeza, medo e vergonha) em raiva; menos habilitados a tolerarem a intimidade afetiva; e mais propensos a preferirem uma sexualidade não-relacional (*Ibid.*, p. 28-29).

Assim, o que se destaca na formulação do modelo de Pleck é fundamentalmente o constructo da ideologia de gênero. Ele definiu a ideologia masculina tradicional como um constructo multidimensional que comporta normas masculinas de evitação de tudo o que se refere ao feminino; que restringe a vida afetiva de um homem; que favorece que ele se torne valente e agressivo; que promove a autoconfiança e a aquisição de status; que apresenta atitudes não-relacionais acerca da sexualidade; que favorece o medo e a raiva dos homossexuais. Além disso, também discute variações culturais na ideologia masculina. Finalmente, Pleck descreve alguns dos mais novos desenvolvimentos clínicos que emergem desta perspectiva.

Uma psicologia dos homens com ênfase na tensão de papel de gênero auxilia a compreensão do paradoxo entre o privilégio masculino em relação ao feminino numa sociedade patriarcal e o fato deles participarem de forma maciça em muitas estatísticas, como: abuso de substâncias; condição de moradores de rua; perpetração da violência doméstica e interpessoal; compulsão sexual; abuso sexual contra mulheres e crianças; vítimas de homicídio, suicídio e acidentes automobilísticos fatais; e estilo de vida e doenças fatais associados ao stress.

Estas contribuições de Pleck, aliadas às proposições de Connell (1995; 2000) e à nossa experiência no campo da psicologia do desenvolvimento

permitem algumas reflexões: as masculinidades adultas são produzidas através de um processo complexo que envolve uma negociação ativa nos diversos relacionamentos interpessoais e sociais. Como as crianças são sujeitos eminentemente ativos no seu processo de desenvolvimento, esta negociação é um processo dialético de confrontação e negação, no qual as masculinidades são construídas desde a infância tanto por oposição quanto em conformidade à pressão institucional. Sendo assim, o resultado na vida adulta é normalmente uma estrutura complexa de personalidade ? e não uma estrutura homogênea ? na qual afetos e compromissos contraditórios coexistem. Por exemplo, conforme apontam Bishop & Robinson (1998) em relação à sexualidade adulta, uma heterossexualidade predatória pode existir em associação com o desejo de ser acalentado, um padrão que os autores identificaram entre os homens que se utilizavam do turismo sexual na Tailândia. Outra forma de ilustrar o que foi dito é por meio dos casos de heterossexualidades públicas que coexistem com um desejo homoerótico que nunca é temido ou rejeitado.

### Capítulo 3 – Método

O presente estudo visa, por meio da análise de histórias de vida, descrever e discutir como diferentes atributos da masculinidade são centrais para definição do eu de homens específicos e como se trata de um processo negociado em momentos do ciclo vital.

Trata-se de um trabalho descritivo-qualitativo, no qual o foco de atenção é a narração que os participantes fizeram de suas vidas: como eles a relataram, o que eles priorizaram nestes relatos, que considerações fizeram a respeito daquilo que viveram e de que modo se relacionaram com o entrevistador durante as entrevistas.

Apesar de se tratar de uma investigação que visou compreender processos por intermédio de uma população não-clínica (não se trabalhou com clientes de psicoterapia do pesquisador), este trabalho é caracterizado como uma pesquisa clínica. Isto é, parafraseando Perron (*apud* Giami, 1989, p.40), trata-se de uma pesquisa que consiste em um processo de conhecimento dos significados que o indivíduo atribui às suas crenças e valores, visando construir em uma estrutura inteligível os fatos psicológicos dos quais ele é a fonte.

Dessa forma, a investigação clínica que foi realizada é distinta daquela cujo significado é o de lidar unicamente com procedimentos psicoterápicos ou situações de consultório, comportando um conjunto específico de técnicas cuja finalidade é a busca da compreensão de um fenômeno, mais do que sua explicação.

Sob esta perspectiva, o investigador deve estar envolvido e ao mesmo

tempo manter certo distanciamento que lhe permita posteriormente pensar sobre o que ouviu. Ele exerce um papel como co-participante da realidade observada, tendo responsabilidade pelo material produzido. Neste caso, como assinalam Berg & Smith (1988), é de fundamental importância considerar a subjetividade do pesquisador, bem como sua responsabilidade pelos “dados coletados”. Além disso, ele deve ter clareza de que estes “dados” irão se constituir a partir dos contextos específicos de interação ocorrida durante as entrevistas, o que significa que a forma como estas relações se estabelecem (empatia, confiança) contribui sobremaneira para a configuração das narrativas desenvolvidas, que comportarão características bastante peculiares, apesar de tratarem do mesmo tema.

A estratégia metodológica utilizada foi a da história de vida<sup>35</sup>, que oferece informações e documentação acerca da experiência social, da ideologia e da subjetividade. A história de vida permite a revelação da estrutura e da dinâmica presente nas instituições sociais, pois se refere às fases da vida social ao longo do tempo. Fornece um estudo apropriado do indivíduo e da sociedade, já que há uma recursividade entre estes dois níveis de experiência. É útil na discussão sobre as questões de gênero, podendo focar as relações entre os indivíduos e as instituições num determinado momento histórico (Bruner, 1997; Connell, 1995).

A história de vida permite ainda a apresentação do desenrolar de uma experiência particular de vida ao longo dos anos e pode ser utilizada para mostrar como uma pessoa é influenciada por sua época e como colaborou para dar forma a ela (Levinson, 1978).

---

<sup>35</sup> Neste trabalho, história de vida também é mencionada sob o termo autobiografia e se diferencia de história oral no sentido de que esta sempre comporta um foco específico (um evento, um tema, um tempo ou um lugar).

Segundo Atkinson (1998), uma vida individual e o papel que ela desempenha na comunidade mais ampla são mais bem compreendidos por meio da história de vida. As pessoas se tornam completamente conscientes de suas próprias vidas mediante o processo de articulá-las no formato de uma narrativa. É dessa forma que a história é contextualizada e adquire um significado reconhecido pelo próprio sujeito. Narrar a própria vida permite ao sujeito ser ouvido, reconhecido e apreciado pelas demais pessoas. A autobiografia favorece a explicitação daquilo que estava implícito e o esclarecimento do que estava confuso:

*“... A história de vida é o relato que uma pessoa escolhe fazer sobre a vida que viveu, contada o mais completa e honestamente possível a partir do que é lembrado e daquilo que o (a) contador (a) quer que os outros saibam sobre ele (a), normalmente como resultado de uma entrevista conduzida por outrem”* (Atkinson, 1998, p. 5).

A revisão da literatura permite constatar que a história de vida tem sido utilizada em pesquisas sobre os mais diversos temas, como, por exemplo, o processo de envelhecimento, problemas de aprendizagem, abuso sexual, migração, questões de gênero dentre outros (Monteiro, 2003; Plummer, 2001; Atkinson, 1998).

Em relação ao tema do presente estudo, alguns pesquisadores fizeram uso da autobiografia para ilustrar e discutir assuntos associados à masculinidade, como o desenvolvimento de homens de meia-idade (Levinson, 1978) ou as diferentes possibilidades de mudança na masculinidade (Connell, 1995).

Em seu estudo publicado como *“The seasons of a man’s life”* (op. cit.), Levinson utilizou a entrevista de história de vida como meio para fundamentar a sua teoria de desenvolvimento adulto (posteriormente ampliada por meio de uma

pesquisa com mulheres<sup>36</sup>). Ao realizar este primeiro estudo, ele escolheu a autobiografia porque constatou que os métodos usuais de pesquisa como questionários, testes, entrevistas estruturadas, etc, possuíam valor muito limitado para realização de um empreendimento como o que ele estava se propondo a desenvolver. Acabou concluindo que a autobiografia lhe permitiria explorar as vidas individuais dos participantes daquela investigação com maior profundidade.

O uso do método biográfico permite ao pesquisador trabalhar somente com entrevistas abertas ou, caso avalie ser necessário, dirigi-las para focos específicos de interesse. Na condução da entrevista, deve-se permitir ao entrevistado que conte sua história e, simultaneamente, deve-se realizar intervenções que o auxiliem a manter o rumo do relato, apreendendo situações particulares, ações e sentimentos.

De acordo com Levinson (1978), a entrevista de história de vida combina aspectos da entrevista de pesquisa, da entrevista clínica e da conversa entre amigos:

- (1) Como numa entrevista estruturada de pesquisa, deve-se obter informações sobre alguns tópicos;
- (2) Como numa entrevista clínica, o entrevistador é sensível aos sentimentos expressos e segue a orientação e construção do entrevistado ao longo do temas;
- (3) Como uma conversa entre dois amigos, a relação é igualitária e o entrevistador está livre para responder em termos de sua própria experiência.

O que está em questão, portanto, é uma relação que envolve intimidade, intensidade e duração. É importante que o entrevistador dê atenção ao

---

<sup>36</sup> Publicado em 1996 sob o título **The seasons of a woman's life**.

desenvolvimento do vínculo na entrevista, à manutenção deste ao longo da situação e nas próximas entrevistas (caso ocorram), bem como ao seu término.

Em seu livro *“Masculinities”*, Connell (1995) faz uso do método biográfico e rejeita a noção de que estudar autobiografias é necessariamente uma preocupação individualista. Para ele, é exatamente o oposto: a utilização do método por vários pesquisadores sugere ter sempre havido uma preocupação com a constituição da vida social ao longo do tempo, o que favorece a conexão entre o pessoal, o histórico e o cultural. No estudo de Connell, história de vida, estrutura social, narrativa e teoria estão todas trabalhando juntas. Ele tenta obter a seqüência do relato dos eventos, uma análise estrutural das relações de gênero e uma análise sistemática *“... traçando a construção e a desconstrução da masculinidade”* (Plummer, 2001, p. 165).

Portanto, a utilização da história de vida no presente estudo se justifica à medida que ela fornece informações acerca da subjetividade e, ao mesmo tempo, reflete as transformações sociais, exatamente o que se pretende compreender e analisar aqui.

Porém, como toda situação que envolve um relacionamento interpessoal, a entrevista biográfica não está isenta dos vieses de gênero e, por isso, é importante desenvolver uma reflexão sobre os obstáculos a serem enfrentados quando se entrevista homens.

### 3.1. Entrevistando homens: tecendo algumas considerações<sup>37</sup>

Uma vez que este estudo foi desenvolvido sob a perspectiva de gênero, fez-se necessário prestar atenção à exibição da masculinidade no processo de realização das entrevistas de história de vida. O pressuposto aqui adotado é que a masculinidade interfere no modo como os homens comunicam seus conceitos, sentimentos e percepções enquanto estão sendo entrevistados.

Sendo assim, conforme Schwalbe & Wolkomir (2003), tais exibições da masculinidade não são meramente obstáculos para obter as informações de que o pesquisador precisa, mas podem constituir parte dos dados de que ele necessita. Nesse sentido, observar como o participante responde às perguntas e como se comporta na entrevista é algo fundamental para compreensão da sua expressão masculina.

Somente mais recentemente é que a influência das questões de gênero no processo de pesquisa tem sido objeto de atenção nos estudos desenvolvidos com homens, particularmente no que diz respeito à relação entrevistador - entrevistado. A literatura que trata deste tema é ainda incipiente, sendo necessário produzir pesquisas que intentem compreender quais os impactos que a masculinidade (ou sua expressão) exerce no processo da investigação (Addis & Mahalik, 2003). Para Scott (1984)<sup>38</sup>, a crença do “homem como a norma” levou à suposição de que conduzir entrevistas com homens é algo que não requer considerações e questionamentos. Isto favorece uma relativa invisibilidade e

---

<sup>37</sup> A maior parte das considerações realizadas neste tópico é formulada com base no artigo **“Interviewing men”**, de Michael L. Schwalbe e Michelle Wolkomir publicado em 2003 (vide referências bibliográficas), uma vez que ainda há poucos estudos publicados sobre o tema, mesmo considerando a literatura disponível em inglês.

<sup>38</sup> *Apud* Smith & Drummond (2003)

desinteresse sobre a masculinidade como um fator que interfere na condução de tais entrevistas.

Particularmente no que diz respeito à relação pesquisador - participante nas entrevistas que envolvem questões associadas à masculinidade, há trabalhos indicando que a relação homem - homem favorece respostas mais limitadas (por ex., em Padfield & Proctor, 1996) e, portanto, é importante criar condições para promover uma empatia que permita deixar o entrevistado o mais à vontade possível. Segundo Smith & Drummond (2003), alguns dos homens entrevistados por eles mostraram-se inclinados a iniciar uma discussão não relacionada ao tema tratado, a “jogar conversa fora” antes de dar início à entrevista propriamente dita. Os autores afirmam que embora estas discussões fossem insignificantes quanto àquilo que realmente os interessava como pesquisadores, a empatia que foi estabelecida como resultado desta conversa inicial foi crucial para o sucesso da entrevista. Logo, parece que dispor um tempo inicial para favorecer uma relação mais próxima com o participante, contribui para que ele faça o seu relato imbuído de maior disposição para discutir as suas idéias, seus sentimentos e opiniões com abertura, algo com o qual Autonen-Vaaraniemi<sup>39</sup> (s/d) concorda, afirmando que a tarefa central “... na “coleta de dados” é tornar as situações de entrevista o mais confortável possível, permitindo o estabelecimento da confiança” (p. 2). Por outro lado, cabe pensar que o estabelecimento da empatia é fundamental para a condução de toda entrevista que trate de tema que envolva confidencialidade, seja ela com homens, seja com mulheres.

Outro aspecto destacado como importante para reflexão sobre a

---

<sup>39</sup> Faz referência às entrevistas de história de vida que realizou com homens na Finlândia.

condução de entrevista com homens é o local no qual ela se realiza. De acordo com Brown (2001), ambientes não-familiares podem ameaçar a masculinidade dos participantes, que podem se mostrar menos dispostos a conversarem abertamente quando entrevistados em tais locais. Segundo o pesquisador, deixar o entrevistado escolher um lugar de sua predileção para realização da entrevista, desde que seja suficientemente reservado para tal tarefa, facilita a diminuição desta ameaça.

Em conformidade com aquilo que foi discutido nos capítulos anteriores, o gênero é construído, em parte, através do trabalho de identidade que os indivíduos realizam e que os demarca como pertencentes às categorias “homem” ou “mulher”. Por outro lado, a ordem preponderante do gênero requer a posse de um *self* essencialmente conformado a ela, isto é, um *self* que torne o pertencimento do indivíduo a uma categoria particular algo certo e apropriado:

*“... Para os homens, a tarefa dramaturgica é expressar a posse de um self essencialmente masculino, um self com desejos e capacidades que confirmam sua associação com o grupo dominante. (...) Precisamente, o que deve ser expresso e como isto deve ser feito vai variar de acordo com a idade, a etnia, a classe social, a orientação sexual, a cultura local e a circunstância imediata. Um self masculino é, assim, o produto de uma performance talhada para a situação e público ao alcance. A despeito das variações nos detalhes da performance, podemos observar similaridades que se originam de uma noção cultural imbuída das qualidades e capacidades que os homens devem expressar para serem inteiramente creditados como homens.”* (Schwalbe & Wolkomir, 2003, p. 56)

De modo geral, na cultura ocidental, os homens que reivindicam os privilégios da masculinidade têm que se diferenciar das mulheres expressando intenso desejo e capacidade de controlar as pessoas e o mundo. Para conseguir, devem demonstrar um pensamento e uma ação autônomos e racionais, engajar-se em situações que envolvam risco e excitação, bem como manifestar

prazer e façanha (hetero) sexuais<sup>40</sup> (Vigoya, 2001; Connel, 1995; DaMatta, 1997; Nolasco, 1993).

Portanto, sustentar um self pautado nestas características é conformar-se àquilo que é considerado “ser homem”. O problema é que entre a performance e a realidade existe uma contradição, uma vez que são poucos os homens que têm controle sobre seus mundos: a maioria está em conformidade com aqueles que correm poucos riscos significativos de quaisquer tipos e geralmente tem mais fantasias do que conquistas sexuais (Schwalbe & Wolkomir, 2003). Assim, torna-se compreensível que os homens possam ser inseguros, ansiosos e medrosos, mesmo quando se esforçam veementemente para construir um *self* que é a antítese destas emoções.

De qualquer modo, algumas situações específicas serão consideradas mais difíceis, especialmente aquelas que impossibilitam a manutenção do controle sobre a autonomia, a racionalidade e o desejo sexual. Dentre elas, encontra-se a situação de entrevista, porque ela é tanto uma oportunidade para que o homem expresse a sua masculinidade, quanto um encontro peculiar no qual essa masculinidade pode sofrer uma ameaça.

Como oportunidade, a entrevista propicia ao homem que se represente a si próprio como alguém capaz de manter o controle, a autonomia e assim por diante. Como ameaça, ela o coloca sob uma situação na qual é o (a) entrevistador (a) que controla a interação, formulando perguntas que podem colocar em xeque estes elementos da auto-representação viril do entrevistado (Schwalbe & Wolkomir, *op. cit.*). Cabe acrescentar que isto de fato pode acontecer, mas

---

<sup>40</sup> O que implica, portanto, na necessidade de se diferenciar também dos homens homossexuais.

também é possível pensar que, a depender do modo como o (a) pesquisador (a) conduz a situação, a entrevista pode colaborar para atestar a exibição da masculinidade do seu entrevistado<sup>41</sup>.

Schwalbe & Wolkomir (2003) propuseram uma distinção entre o que eles denominaram de “ameaça de base” e “ameaça adicional” à masculinidade numa situação de entrevista: a primeira se refere à própria situação da entrevista, que é geralmente definida como aquela na qual um estranho [o (a) entrevistador (a)] estabelece a agenda, formula as perguntas, controla o fluxo da conversa e busca informações sobre aspectos mais ou menos íntimos da vida daquele homem. Ao concordar em participar de tal situação, por mais amigável ou coloquial que ela seja, este homem está de algum modo abandonando certo controle e se expondo de forma patente. Mas exatamente pelo fato do privilégio ser delimitado pela expressão do *self* masculino, muitos homens podem temer a situação e agir de modo a evitar a perda do seu controle, o que acarreta algumas dificuldades para o pesquisador. Quanto à ameaça adicional, os autores sugerem que ela advém de duas fontes: uma delas é uma linha de formulação das perguntas que pode expor o *self* masculino como ilusório, por exemplo, quando se trata de temas que, de modo implícito, põem a racionalidade do entrevistado em dúvida. Isto pode ser experimentado por ele como intimidação à sua masculinidade. Outra fonte da qual este tipo de ameaça pode se originar é a identidade do (a) entrevistador (a): provavelmente o homem que estiver sendo entrevistado se sentirá mais ou menos ameaçado se, por exemplo, o entrevistador for homem ou mulher, tiver orientação heterossexual ou homossexual, bem como nos casos ligados à sua etnia, classe

---

<sup>41</sup> Basta lembrar o que foi discutido no capítulo 2 sobre as dinâmicas das relações que definem a masculinidade (subordinação, cumplicidade e marginalização).

e idade. Sem dúvida, estes fatores são especialmente importantes de se considerar, mas aqui também é possível pensar que eles devem valer tanto para a identidade do entrevistador quanto para a identidade do participante (quer dizer, se ele for branco ou negro, se for heterossexual ou homossexual, se tiver instrução básica ou universitária, se for um trabalhador braçal ou um grande empresário etc.).

No entanto, Schwalbe & Wolkomir (2003) afirmam que a percepção consciente do entrevistado quanto à ameaça ao seu *self* é irrelevante, pois o que importa é o modo pelo qual o pesquisador irá avaliá-la, qual a prontidão com que ele lidará com os problemas que ela produz e a sua habilidade para responder de modo a tornar a entrevista bem-sucedida. Para eles, a melhor forma de um entrevistador lidar com a diversidade entre os homens é também a melhor forma de descobrir padrões entre eles e que, portanto, *“... deve-se evitar supor muita coisa baseando-se em quaisquer destas categorias [etnia, classe, idade] e contar, ao invés disso, com a própria entrevista para revelar o indivíduo”* (p. 58). Isto não significa, no entanto, para estes autores, que eles estejam desconsiderando as especificidades da entrevista com homens, uma vez que propõem que o trabalho de identidade que os homens desenvolvem nela seja tratado como “dado”: há que se observar como e quando os homens tentam expressar a masculinidade nesta situação, visando favorecer o desenvolvimento de análises perspicazes das vidas dos homens como seres “generificados”.

Nesse sentido, os autores revelam que na sua experiência em entrevistar homens não foi incomum se deparar com um tipo de controle compensatório por

parte dos entrevistados na situação da entrevista. Este controle era manifestado sob três formas: teste, sexualização e minimização.

A manifestação do controle compensatório na forma de teste envolve todo tipo de tentativa por parte do entrevistado no sentido de expor a agenda ou a inferioridade do (a) pesquisador (a), como meio de tentar se apoderar da compreensão do assunto que está sendo tratado. Trata-se, portanto, de testar tanto a legitimidade do (a) pesquisador (a) como entrevistador quanto a sua habilidade de manter o controle da situação: se ele demonstrar perturbação ou “patinar”, o controle se desloca para o entrevistado. Após tecerem estas considerações, os autores propõem algumas estratégias para manejá-las no sentido de evitar que a entrevista seja prejudicada. Uma delas é reconhecer as expressões simbólicas de controle: por exemplo, quando o participante sugere que a entrevista seja realizada num local insatisfatório (muito exposto a interferências de toda espécie), solicitar dele que sugira um outro local mais privativo ou quieto, demonstrando com isso que ele continua no controle, uma vez que a decisão está em suas mãos. Uma segunda estratégia é deixar que o entrevistado faça a primeira pergunta, fornecendo-lhe a oportunidade de testar o pesquisador e se sentir menos desconfortável por estar desistindo do controle para um estranho. Desafiar o participante a se assumir como um especialista é outra estratégia sugerida. Neste caso, a idéia é permitir que o entrevistado se sinta poderoso e no controle de um modo particular, isto é, fornecendo informação útil: “... *you can explain to me...?; You can help me understand how...?*” (Schwalbe & Wolkomir, 2003, p. 60).

A sexualização é outro modo que o participante tem de exercer o controle compensatório na situação da entrevista. Ela envolve a manifestação inadequada de condutas de caráter sexual por parte de alguns homens quando são entrevistados por mulheres e é uma tentativa de reassegurar o próprio controle. Pode tomar a forma de flerte, insinuação sexual, toque e comentários sobre a aparência da entrevistadora. Os autores afirmam que embora parte destas condutas possa ser interpretada como inocente e inofensiva, há que se considerar também que elas estão dirigidas à diminuição do poder e da legitimidade da mulher como pesquisadora. Outro aspecto a considerar quanto à sexualização é que se torna difícil interpretá-la como problema à medida que a interação entre homens e mulheres geralmente comporta certa conotação sexual que é tida como “normal”.

Quanto à minimização, é uma forma de manifestação do controle compensatório que se manifesta por meio de respostas evasivas ou que não são fornecidas com a profundidade que se espera. É um modo de tentar desqualificar a entrevista que pode levar o (a) entrevistador (a) a considerá-la perdida, mas que pode ser manejada com algumas estratégias. A primeira é deixar a entrevista transcorrer livremente, mesmo que o participante persista no fornecimento de respostas vagas, o que, segundo Schwalbe & Wolkomir (2003), permite que ele se sinta no controle. Após o término, o (a) pesquisador (a) comenta que o entrevistado lhe forneceu um quadro geral muito bom, mas que ele (a) ainda tem algumas dúvidas que gostaria de esclarecer. Seria uma forma de admitir que a experiência do sujeito é complexa e também um modo de permitir com que ele se sinta na condução do processo. Outra estratégia é evocar o que outros homens disseram, fazendo com que o entrevistado menosprezador procure superar outros

homens que supostamente falaram mais sobre suas experiências, dado o caráter competitivo que envolve a construção da masculinidade.

Outro aspecto para o qual se deve atentar numa situação de entrevista com homens é a reticência emocional, algo que Sattel (1976)<sup>42</sup> qualificou como “estratégia de controle”. Segundo ele, os homens ocultam suas emoções para mascarar as suas vulnerabilidades e manter uma negociação vantajosa que implica numa prontidão para deixar um relacionamento se o (a) parceiro (a) lhe exigir muito. No entanto, conforme Schwalbe & Wolkomir (2003), a dissimulação ou revelação limitada das emoções nesta situação também deve ser considerada um ponto-chave da expressão do *self* masculino hegemônico. Sendo assim, o melhor a fazer é não tentar explorar imediatamente tópicos que envolvam uma carga emocional, principalmente se o entrevistador perceber que o participante está demonstrando muita hesitação. A proposta, neste caso, é retomar o tópico posteriormente, quando a confiança entre ambos tiver sido estabelecida. Outras considerações sobre o manejo da contenção emocional abrangem solicitar do entrevistador que relate a situação específica, perguntando em seguida como ele se sentiu; ou ainda evocar o que outros homens disseram em situações semelhantes; ou perguntar inicialmente sobre pensamentos para só depois explorar os sentimentos ou emoções associados. Por exemplo: “... o que você acha de ...?” e, após a exposição do entrevistado, acrescentar: “... parece que... fez você se sentir um pouco... [triste, zangado, embaraçado, feliz, etc]”. Segundo os autores, uma vez que um homem sente que justificou a si próprio dizendo o que ele pensa, pode se sentir mais à vontade para falar sobre o que sentiu (Schwalbe & Wolkomir, *op. cit.*, p. 63).

---

<sup>42</sup> *apud* Schwalbe & Wolkomir, 2003.

No que se refere à contenção emocional, é importante que o pesquisador preste atenção não só no que os participantes relatam na entrevista, mas no modo como eles dizem e lidam com o que foi dito:

*“... não revelar ou expressar emoção quando se fala de assunto e experiências intensamente afetados [do ponto de vista emocional] é uma conduta expressiva de gênero que exige análise.”* (op. cit., p. 63)

A racionalidade e autonomia exageradas também são tentativas de controle compensatório por parte de um homem que está sendo entrevistado sobre tema que envolve profundidade e precisão dos eventos e experiências da sua vida. Para obter tal relato sem que estas tentativas de controle dificultem o trabalho, o pesquisador pode permitir a expressão do *self* masculino<sup>43</sup> no início da entrevista, atitude que podem favorecer a “deposição das armas” por parte do participante que, mais relaxado, pode se mostrar disposto a revelar suas incertezas, confusões e vulnerabilidades.

Embora não aconteça somente nas situações em que homens são entrevistados, a tentativa de estabelecer um acordo tácito com o entrevistador visando evitar certa hesitação na expressão do que desejam ou sentem é bastante comum na situação em que homens entrevistam homens (Schwalbe & Wolkomir, 2003). Ela geralmente se apresenta na forma de perguntas como “você sabe o que eu quero dizer, não é?” e pode fazer com que o pesquisador acabe respondendo positivamente, porque não o admitir colocaria sua identidade masculina em jogo. Apesar de expressões como essa não implicarem sempre numa resposta estratégica, os autores dão algumas indicações do que pode ser feito para evitar a formação de uma “aliança perversa” com o entrevistado. Uma

---

<sup>43</sup> Isto é, do *self* masculino conformado à ordem de gênero.

delas é a de responder que provavelmente sabe o que ele quis dizer, mas que seria melhor não presumir nada para preservar o sentido do que está sendo dito. A outra é procurar articular as informações fornecidas pelo entrevistado e depois solicitar que ele as corrobore ou corrija, fazendo com que perceba que há alternativas plausíveis.

De modo geral, as estratégias apresentadas por Schwalbe & Wolkomir para contornar certas tentativas de controle compensatório por parte de um homem que está sendo entrevistado servem para deixá-lo o mais confortável possível e, com isso, se sentir bem o suficiente para expor seus pensamentos e sentimentos. Isto só é atingido quando ele percebe ter criado uma imagem relativamente duradoura dele mesmo como homem que não será desacreditada quando ele se expuser de forma mais aberta.

### **3.2. Participantes**

O critério inicial de inclusão dos participantes deste estudo foi a faixa etária. Foram selecionados para entrevista homens de idade entre 35 e 45 anos. Outros critérios como o nível sócio-educacional, a orientação sexual, o estado civil e a profissão não foram controlados intencionalmente, uma vez que objetivo era procurar num pequeno universo variado aquilo que poderia ser comum segundo a ótica do gênero. Quanto à faixa etária definida, a suposição foi a de que os participantes na faixa dos 35 a 45 anos teriam suficiente experiência de vida e relacionamentos significativos para relatar. Por outro lado, a heterogeneidade de nível sócio-educacional, de orientação sexual, estado civil e profissão poderia dar conta de uma variabilidade devida às diferentes condições e singularidade dos relatos, e também de uma homogeneidade resultante do pertencimento dos

participantes ao mesmo gênero.

Para a presente pesquisa, foram realizadas entrevistas com nove participantes. Destas entrevistas, foram selecionadas quatro para discussão, uma vez que avaliamos ser possível, por meio delas, mostrar e discutir como dentro de extratos de onde possivelmente provêm os homens hegemônicos, essa hegemonia é constantemente negociada.

A caracterização dos participantes foi feita de modo a impedir a sua identificação. A exposição da história de vida poderia comprometer também outras pessoas, acarretando uma preocupação em não oferecer informações que pudessem favorecer as suas identificações.

Participaram do estudo quatro sujeitos, todos na faixa etária entre 35 e 45 anos<sup>44</sup>. Dois deles estão no segundo relacionamento conjugal, outro está casado (1ª união) e o quarto é separado. Todos têm filhos, sendo que somente um tem filho também da primeira união. Um dos entrevistados se declara abertamente homossexual e os demais se apresentam como heterossexuais. Todos têm formação universitária, sendo que dois são profissionais liberais, um é executivo numa grande empresa e o quarto é diretor numa micro-empresa da família. Todos trabalham em suas respectivas áreas de formação.

### **3.3. Procedimento**

Os entrevistados foram contatados pessoalmente ou por telefone, por meio da indicação de amigos, colegas de trabalho, familiares ou alunos. Foi explicitado que esta pesquisa tinha como interesse conhecer a história de vida

---

<sup>44</sup> Os quatro participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) cujo modelo foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUCSP.

de homens entre 35 e 45 anos, observando-se a disponibilidade de cada sujeito para participar de um a dois encontros, de duração de cerca de duas horas. Já nesta ocasião foi solicitada a permissão para gravação das entrevistas.

A realização das entrevistas ocorreu em locais privados e de conveniência dos participantes, tomando-se os devidos cuidados para a manutenção do sigilo. Três deles propuseram que a entrevista fosse realizada em seu próprio local de trabalho e o quarto preferiu ir ao apartamento do entrevistador, que ficava próximo do prédio onde ele trabalhava.

Os encontros propriamente ditos foram iniciados com uma retomada dos objetivos do estudo. Na ocasião, foi reafirmado o sigilo pela preservação de suas identidades.

O número de encontros foi definido de acordo com o desenrolar da primeira entrevista e / ou da disponibilidade de tempo do entrevistado para a realização da mesma. De qualquer modo, cada um foi informado sobre a possibilidade de se fazer mais uma entrevista além da primeira, obtendo de todos eles a concordância e disponibilidade para fazê-lo. Dos quatro participantes, três foram entrevistados duas vezes e o quarto apenas uma.

No início da entrevista, foi novamente solicitada uma permissão do participante para gravação, explicitando-se que a mesma possibilitaria um registro mais fiel do seu relato.

Antes do encerramento de cada entrevista, o pesquisador procurou demonstrar disposição para acolher e dar continência aos sentimentos e idéias

presentes, cōnscio de que a atividade tinha mobilizado diferentes conteúdos no entrevistado em questão, desde a ampliação da elaboração de suas vivências até a mobilização de aspectos doloridos das mesmas.

### **3.4. Instrumento**

O instrumento utilizado foi a entrevista de história de vida (ou biografia). Conforme Flick (2004), neste tipo de entrevista pede-se ao informante que apresente, em uma narrativa improvisada, a história de sua vida ou a história de um tema de interesse do qual ele tenha participado ou vivido. A tarefa do entrevistador é fazer com que o informante conte esta história de modo consistente, com todos os eventos relevantes, do início ao fim.

Plummer (2001) afirma que a grande vantagem da entrevista de história de vida é que ela é um processo, ou seja, nunca está completamente pronta. Sendo assim, o pesquisador deve estar preparado para retornar e fazer novas perguntas ou esclarecer pontos vagos ou obscuros.

No caso desta pesquisa, os participantes foram estimulados a relatar suas histórias de vida da forma que quisessem, sem a preocupação de estabelecer focos de interesse por parte do entrevistador. Na segunda entrevista, buscou-se a explicitação de informações sobre as quais ainda permaneciam dúvidas e também um maior detalhamento de tópicos considerados importantes para o pesquisador, do ponto-de-vista do objetivo do estudo.

De modo geral, ambos os encontros cobriram o total da experiência dos indivíduos<sup>45</sup>: identificação das práticas que constituem a experiência nos vários domínios da vida (o que fizeram e como); como ocorreram as transições de

---

<sup>45</sup> Mesmo no caso do participante com o qual foi realizada uma única entrevista.

estágio e institucionais; como foram os relacionamentos nestas instituições (escola, família, trabalho, casamento). Também se buscou evidências acerca das estruturas de gênero: poder, trabalho emoções e simbolismo nos diferentes períodos da vida.

Ao final de cada entrevista foi feito um resumo dos acontecimentos com as sensações e impressões do entrevistador.

### **3.5. Análise dos resultados**

As entrevistas, gravadas e anotadas, foram transcritas na íntegra, para que se pudesse ter o material completo de cada encontro.

Foram realizadas diversas leituras e sínteses das narrativas, a fim de se obter um relato condensado que ao mesmo tempo contivesse as informações mais significativas, na forma apresentada pelo participante. Estes relatos foram enriquecidos com as notas realizadas pelo entrevistador durante os encontros, relativas à forma e conteúdo das falas (estrutura da história, parte esquecidas, mudanças nos indicadores, pausas) e que também serão apontadas para análise.

As narrações individuais foram codificadas e redigidas no formato de estudos de caso que foram analisados a partir de três chaves: a) seqüência da narrativa dos eventos; b) análise dinâmica, identificando o fazer e o refazer da masculinidade; c) análise estrutural, usando indicadores de gênero (poder, trabalho, emoções e simbolismo). Após esta etapa, realizou-se uma reelaboração dos estudos de caso, de modo a retratar o entrevistado e refletir os significados deste retrato no que se refere à mudança social. Por fim, procedeu-se o reexame

dos estudos de caso em grupo: identificação de semelhanças e diferenças na trajetória; localização enquanto grupo(s) em um movimento social.

Foram então produzidas abstrações que refletem uma percepção de todo o grupo sob a perspectiva de gênero e, ao mesmo tempo, preservam a individualidade de cada vida, refletindo os significados no que se refere à construção pessoal da própria masculinidade.

## Capítulo 4 – Análise e Discussão

A abundância de informações provenientes do uso de histórias de vida torna a apresentação e análise dos resultados uma questão de escolha e elaboração, de modo a responder ao problema que se propôs investigar, não caindo na tentação de análises profundas caso a caso e, ao mesmo tempo, expressar a individualidade dos mesmos.

Cada história comporta uma riqueza psicodinâmica que, se explorada, favoreceria muitas outras possíveis interpretações. Como o propósito deste estudo é compreender a negociação da masculinidade no plano dos relacionamentos e, a partir disso, ampliar a análise com o intuito de identificar aquilo que pode ser atribuído às prerrogativas da masculinidade hegemônica, a discussão terá como foco a intersecção entre os níveis interpessoal e social, não interessando, portanto, os aspectos intrapsíquicos.

Em vista do exposto, este capítulo foi organizado de modo a, primeiramente, apresentar uma síntese de cada história de vida, seguida de uma análise dinâmica que tentará identificar os movimentos de construção da masculinidade, seu fazer e refazer ao longo do tempo, bem como o projeto de gênero envolvido. Após esta discussão, será apresentada uma discussão reflexiva por meio de nova análise das histórias em conjunto, buscando identificar as semelhanças e diferenças entre as trajetórias e localizá-las enquanto grupo num movimento social (meta análise sob a ótica do gênero).

Esta forma de apresentação da descrição e análise das biografias leva em conta o compromisso ético de não expor os participantes que se propuseram

a colaborar com o trabalho, bem como as demais pessoas que compartilham (compartilharam) estas histórias.

De modo geral, os participantes se mostraram disponíveis e solícitos desde o primeiro momento da proposta para efetuarem um relato das suas histórias de vida, antecipando seu posicionamento frente à entrevista. Com exceção de um, que preferiu realizar a entrevista na Universidade, os demais escolherem os próprios locais de trabalho para esta tarefa. Praticamente todos perguntaram logo no primeiro contato por telefone sobre a duração da entrevista, procurando marcar exatamente o tempo que o pesquisador apontou como necessário (uma hora e meia) e dando a entender que precisavam estabelecê-lo com antecedência por conta de outros compromissos. E neste momento já era possível perguntar: tratava-se de uma forma de controle?

#### 4.1. As biografias

##### WILLIAM

William tem 35 anos, é casado (2ª união), tem um filho de 1 ano e meio e está “grávido” de outro. Tem formação universitária com pós-graduação e MBA no exterior. Exerce o cargo de gerente executivo de vendas numa grande empresa.

Inicia o seu relato de história de vida se situando dentro da configuração familiar: é o caçula de cinco filhos e o único homem. Além disso, há diferença de 16 anos com a irmã mais velha e de 8 anos com a mais nova das quatro.

Lembra que sempre chamava o pai quando tinha pesadelos à noite, na infância, e que era ele que costumava levá-lo junto com as irmãs para passear no Parque do Ibirapuera, num *shopping center* e também para o litoral, onde a família tinha um apartamento. Admite que embora o pai sempre tenha sido atencioso e cuidadoso com todos os filhos, houve uma diferença clara em relação a ele por ser o único homem e o filho temporão. Refere-se ao pai como seu “*companheiro*” e como um homem pouco rígido, embora faça críticas a ele pelo fato de não o ter deixado trabalhar antes que terminasse a faculdade: “... *meu pai dizia: ‘meu filho não precisa trabalhar’ e isso era muito cômodo!*” (com ar de sarcasmo).

Ao falar da falta de rigidez do pai, admite que é rígido consigo próprio desde criança: “... *até hoje a maior cobrança que eu tenho é de mim mesmo, não é dos outros*”. Admite identificação com o pai no que se refere à honestidade, inflexibilidade e impaciência do mesmo. Além disso, admira-o pelo valor que ele dá à família e pelo “*sentimento de família*” que ele demonstra ter. Quanto à mãe,

William afirma que ela era meio distante, depressiva, e que não ligava para os filhos, deixando-os *“meio largados”*. Declara ser parecido com ela quanto à incapacidade de expressar os sentimentos.

## INFÂNCIA E MENINICE

No início da infância teve por companheira nas brincadeiras infantis a filha da empregada, um ano mais velha. Fez o pré-primário<sup>46</sup> em escola pública, junto com esta garota. Iniciou o primário<sup>47</sup> numa escola particular próxima a casa dele e depois foi estudar num conceituado colégio de São Paulo – 2ª à 4ª série – no qual já sofreu discriminação dos colegas por não saber jogar futebol. Acontece seu primeiro *“namoro”*, coisa de criança, mas que dá a entender se tratar de uma nova companheira para um menino que foi discriminado pelo grupo masculino devido à falta de habilidade no jogo.

## ADOLESCÊNCIA

Entre os 11 e os 17 anos foi estudar em outro colégio, também conceituado, que era mais próximo de sua residência. Gostou inicialmente da mudança e começou a participar de acampamentos com os novos colegas. Logo surgiu um problema de insuficiência hormonal que provocou significativo atraso no seu desenvolvimento físico e cujo tratamento persistiu por toda a sua adolescência. Além disso, teve que usar um colete ortopédico por causa de um problema de coluna e passou por três cirurgias plásticas. Isto tudo afasta os colegas dele (sic). Pela diferença de tamanho e aparência mais debilitada é alvo de preconceito e se retrai. Em plena adolescência afirma ter apagado a sua vida. Relata estes incidentes de forma comovida, embora contido na sua expressão:

---

<sup>46</sup> Atual ensino básico

<sup>47</sup> Atual ensino fundamental

seu relato foi entremeado por silêncios nos quais dava a impressão de estar refletindo sobre tudo o que acontecera.

## INICIAÇÃO SEXUAL, NAMOROS, VIAGEM E AVENTURAS COM OS AMIGOS

Sua iniciação sexual aconteceu aos 18 anos com a sua primeira namorada, que era *"gordinha"* e discriminada como ele: *"... Não foi paixão a primeira vista. Foi aquela coisa, tipo: ninguém olhava pra você, ninguém dava bola, e quando você via uma pessoa que começava a olhar um pouco diferente, você vai um pouco por exclusão..... E com ela acho que também foi a mesma coisa"*. O relacionamento durou cerca de um ano e meio e William chegou a acreditar que ela era a mulher da vida dele, que eles iriam se casar: *"... quando eu ficava longe dela dava saudade, vontade de ficar junto"*. O namoro terminou devido ao falecimento do pai da namorada, algo que mexeu profundamente com ela, deixando-a, nas palavras de William, *"totalmente pirada"*. O rompimento lhe deixou muito marcado e traumatizado, chegando a pensar em suicídio.

Depois de um tempo, inicia um novo namoro, agora com uma garota completamente distinta da anterior sob o aspecto estético. Tratava-se de uma moça *"superbonita"*, mas que não oferecia mais do que a sua beleza: *"... ela era um vaso de flores"*. Resolveu terminar o namoro e ir fazer intercâmbio no exterior. Durante o relato deste episódio, se dá conta de que a viagem foi uma ótima desculpa para terminar um namoro que não lhe agradava. A experiência em outro país foi considerada fundamental: *"... consegui ficar longe dos meus pais e tive que me virar sozinho"*.

Logo que retorna ao Brasil, é incentivado pelo pai a sair de carro com os amigos. William saía à noite, o carro do pai com o tanque de gasolina cheio, e só

voltava quando amanhecia e com o tanque praticamente vazio. Ele e os amigos chegavam a rodar cerca de 30km numa noite. Não era dado a disputar rachas, ficava passeando na região da Rua Augusta. Afirma que se policiava nestes passeios e que ele e os amigos eram *"uns bobões"* para os quais nenhuma garota dava bola. Eles iam para as boates, assistiam shows de *striptease* e os amigos bebiam, mas ele não. O pai dava dinheiro para ele gastar com o que quisesse porque se preocupava com a personalidade introvertida de William.

## ESCOLHA PROFISSIONAL, FACULDADE E TRABALHO

William narra que assim que retornou do intercâmbio iniciou o curso de Administração de Empresas. Não se detém em detalhar o que o levou a escolher esta profissão e tampouco sobre a época de faculdade. Apenas comentou que depois de formado foi trabalhar inicialmente no ramo de consultoria, mas não gostou nem um pouco. Também se queixou por não ter podido começar a trabalhar antes de se formar, algo que o pai não permitiu.

## OS DOIS CASAMENTOS

Conheceu Beatriz, sua primeira esposa, na mesma época em que iniciou a faculdade. Embora tenha ficado meio apaixonado no início do relacionamento, percebeu que havia muitas diferenças entre eles para que o namoro fosse em frente. No entanto, como o sexo era bom (sic), manteve o relacionamento e acabou se casando: *"... graças a Deus me separei logo. Ficamos mais ou menos um ano e meio casados. Eu pedi o divórcio"*. As diferenças que havia notado no início do namoro foram se acirrando a tal ponto que ele não agüentou. Depois disso, teve outras namoradas, mas nenhum relacionamento que ele considere importante. Até que foi apresentado à prima de um colega, Luisa (atual esposa),

com quem iniciou um namoro. Com o tempo, passaram a tecer planos de casamento e filhos, mas tudo se modificou porque Luisa engravidou. Eles foram morar juntos e convivem até hoje, aproximadamente dois anos e meio de vida em comum. Dessa união nasceu Lucas e agora aguardam a chegada de um novo bebê. William revela estar muito feliz quanto a este relacionamento, embora não tenha entrado em detalhes sobre o que do relacionamento colabora para a sua satisfação.

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA, A PATERNIDADE E ELE PRÓPRIO

Descreve-se como um homem muito preocupado com a família que formou, afirmando não viver o presente e ficar com a cabeça no amanhã. Queixa-se por não conseguir *“demonstrar muito”* seus sentimentos pela esposa e pelo filho. Como pai de Lucas, afirma querer evitar os erros que o seu próprio pai cometeu: *“... vou tentar pegar todos os defeitos que meu pai cometeu, e são muitos, e tentar não passar para os meus filhos”*.

Reconhece que tem um defeito com o qual precisa trabalhar muito: *“... sou muito impaciente, principalmente com criança muito nova: enche o saco!”* Afirma que demonstra esta irritação facilmente, que não consegue segurar. Lucas tem predileção pelo avô (sic) e sobre isso William comenta que costuma dizer brincando para Luisa: *“... o pai e uma mosca na parede é a mesma coisa, ou seja, os dois não servem pra nada!”* No entanto, logo depois ele se lembra de um episódio com o filho e o relata visivelmente emocionado, quase chorando: *“... foi num sábado. A Luisa tinha saído e o Lucas estava no berço, no quarto ao lado, enquanto eu estava deitado na minha cama. De repente, eu o ouço chamar pela mãe. Ele chama, chama algumas vezes e aí começa a chamar por mim*

(comovido). *Eu fui até lá e o peguei no colo.*” Depois de um tempo em silêncio, acrescenta: *“... parece que eu sou importante para o meu filho”*. Confirma que somente após este episódio é que se convenceu disso. Passa, então, a relatar sobre o bebê que vai nascer e que também será um menino: *“... isso me deixa mais preocupado ainda. Se eu sou preocupado com um, imagina com dois! Vou ter que fazer terapia duas vezes por semana! (rindo) ... Vou precisar de tranqüilizante! (...) A minha preocupação é do ponto de vista financeiro, porque de resto eu acho que sou um bom pai. Apesar de tudo, eu consigo ser carinhoso e tudo mais”*.

Reconhece ter mais facilidade de se relacionar com mulheres do que com homens e atribui isto à convivência com as irmãs. Por outro lado, o relacionamento com os homens comporta particularidades: *“... acho que a gente acaba vendo os homens sempre como competidores”*.

Até hoje mantém algumas amizades do final da adolescência, embora admita não ter costume de cultivar suas amizades. No trabalho, segundo ele, só é possível ter colegas. Relaciona-se principalmente com homens no âmbito profissional e diz que as pessoas gostam de trabalhar com ele. Passa a relatar um pouco do seu cotidiano de trabalho e diz que a maior parte das tarefas resume-se à resolução da burocracia interna da empresa e pouco envolve o trabalho com o cliente, algo que é dito com um tom de insatisfação claramente visível. Tem sob sua liderança uma grande equipe de profissionais. Segundo ele, o seu desânimo não diz respeito ao salário, que é considerado bom demais para as funções que exerce. O que ele sente falta é de desafios (sic).

Tece considerações sobre como os homens hoje estão lidando com a presença cada vez mais maciça das mulheres no mercado de trabalho: *"... eu acho que nem os homens e nem as mulheres sabem lidar com essa nova realidade. (...) O homem não sabe lidar quando a mulher ganha mais do que ele e as mulheres não sabem lidar quando elas ganham mais do que os homens".* Afirma que com Beatriz, a sua primeira esposa, foi isso que ocorreu: *"... a mulher acha que porque ela ganha mais não precisa dar satisfação para o homem".* Declara conhecer mulheres executivas que são um "fiasco" como mãe e esposa: *"... se você observar as mulheres que são bem sucedidas, alguma coisa tem: não é casada, é infeliz no relacionamento... não são equilibradas".* Observa que muitas mulheres na faixa de 35 a 40 anos que estão nesta situação e que são auto-suficientes acabam causando medo nos homens: *"... elas acabam causando literalmente medo nos homens.... Eu acho que os homens ficam com medo de uma mulher muito independente, que quer fazer tudo... porque os homens de alguma maneira gostam que as mulheres vejam neles um porto seguro. Assim: 'puxa, pelo menos pra isso você depende de mim'. Nem que seja pra trocar o raio do pneu.... ou abrir uma latinha" (ri).* Lembra de uma propaganda na qual a mulher consegue abrir a lata de palmito, mas que depois ela a fecha novamente e pede para o marido abrir.

Admite que o homem deve considerar mais o ponto de vista da mulher, deve ser *"mais sensível"*, ao mesmo tempo em que a mulher *"tem que ser um pouco mais independente"*, mas, por outro lado, afirma que *"cada um tem o seu papel na sociedade"*. Reconhece que pode estar sendo machista ao fazer tal afirmação e tenta exemplificar aquilo que disse com a situação na qual vive uma das suas irmãs e o cunhado: *"... ele cuida da casa e dos filhos enquanto ela*

*trabalha fora. Ela, além de gerar o filho, além de fazer isso, ainda dá o sustento da casa. É como se ela falasse: 'olha, eu não preciso de você! Eu poderia muito bem te substituir por uma babá que daria a mesma coisa'". Quando é indagado sobre a situação inversa, que já foi mais comum, da mulher ficar em casa cuidando dos filhos enquanto o homem era o provedor financeiro da família, William argumenta: "... é a mais comum porque pra sociedade é aceito você ter a mulher cuidando dos filhos. É o que é o mais aceito. (...) Eu acho que o que tem que haver é um meio termo: cuidar dos filhos, cuidar da casa, tem que ter um pouco mais de responsabilidade do pai também, como o fato de estar trabalhando, ter uma atividade..."*

### **William – Análise do Caso**

Iniciou seu relato chamando a atenção para o fato de ser o único homem entre os filhos e o caçula, com significativa diferença de idade entre ele e a mais nova das irmãs. Mais adiante na sua narração, afirma ter sido tratado diferentemente pelo pai por conta disso. Trata-se aqui da anunciação de um projeto masculino que, já de início, comporta privilégio pela condição de William como único filho homem da família. Ao mesmo tempo, considerando que a masculinidade comporta negociações ao longo do tempo, observa-se já de início que as primeiras negociações empreendidas por William se deram dentro da sua própria casa, em relação às irmãs e à filha da empregada, sua principal parceira nas brincadeiras. Embora estes relacionamentos não tenham sido detalhados por William, é possível depreender da situação que parece que ele viveu uma posição de destaque enquanto homem no meio dessas mulheres desde muito cedo. William nasceu para ser o masculino hegemônico.

Destaca-se a referência feita por ele à vinculação com o pai, que o protegia, embora seja possível entender que essa proteção não era necessariamente positiva, já que como vemos posteriormente ele mesmo escarnece dessa figura quando refere que *“o pai e uma mosca na parede eram a mesma coisa”*.

Outro ponto que emerge da narrativa de William sobre a sua infância, e que se realça ainda mais na adolescência, são os problemas de saúde enfrentados no período entre os 11 e os 17 anos. Considerando-se que o corpo está no cerne da constituição do próprio self e da construção da masculinidade, sendo que a experiência de ser masculino envolve o reconhecimento de um senso corporal (Connel, 1995; 2000; Whithead, 2002), os problemas de saúde de William afetaram diretamente o seu corpo e puseram em suspenso a possibilidade dele participar dos jogos e brincadeiras com os parceiros da infância. Isto lhe propiciou a primeira experiência de exclusão de um grupo no qual teria tido a oportunidade de empreender suas primeiras relações sociais de competição e cooperação, aspectos fundamentais no processo de constituição de sua masculinidade. Além disso, ter tido de lidar com um corpo cujo desempenho ficava aquém das expectativas de força, dureza, resistência e competência física relacionadas ao masculino numa fase em que o grupo de iguais está em pleno processo de experimentação destas possibilidades, certamente favoreceu uma definição de si mesmo como pessoa e como menino / rapaz naquele momento bastante peculiar: a noção de não poder, de depender, de estar sempre à mercê do outro, e, conseqüentemente, de subordinação nas dinâmicas relacionais como um todo.

É de se entender o que William relata sobre ter apagado sua vida neste período, ao que é possível interpretar como tendo se sentido, de fato, apagado, sem vida, a partir de um corpo que não serve, mas que é servido. Além disso, é possível supor que em plena adolescência o seu corpo era a negação do seu protótipo corporal masculino.

A referência que ele faz à iniciação afetiva e sexual com uma garota também excluída do grupo chama a atenção. Neste caso, William tenta inicialmente desqualificar a importância deste relacionamento, afirmando que foi uma escolha por exclusão de ambos, uma vez que eram igualmente discriminados pelo grupo de pares. No entanto, logo em seguida admite ter se apaixonado a ponto de pensar em suicídio após o término do namoro. Obviamente seria possível tecer considerações sobre os aspectos psicodinâmicos da personalidade dele nesta situação, mas o foco desta análise é a construção da masculinidade a partir dos relacionamentos interpessoais do entrevistado. Neste caso, uma interpretação possível é que o relacionamento com esta garota parece ter redimido William da marginalidade a que ficou submetido por conta dos seus problemas de desenvolvimento. Foi a partir daí que seu projeto de gênero retomou os trilhos para uma condição masculina hegemônica que haviam sido desviados pelos percalços do seu desenvolvimento físico. Não importa se a garota era gordinha e tão excluída quanto ele, e sim o fato de ela ter colaborado para esta “retomada de prumo”.

O episódio com a namorada seguinte, por outro lado, favorece o entendimento de que ele já tinha validado a própria masculinidade dentro dos parâmetros idealizados e, portanto, seus relacionamentos afetivos e sexuais

passavam a ter outra conotação e comportavam outros tipos de exigência. Assim, não interessa ficar com uma mulher lindíssima se ela não tem nada a acrescentar a não ser a sua beleza.

A narração que William faz sobre as aventuras noturnas com os amigos no carro do pai remete àquilo que Connell (1995) afirma sobre as características socialmente idealizadas do que seria um homem bem-sucedido. Dentre elas, se destacam a de estabilidade econômica e excelente amante heterossexual. Conforme discutido, as dificuldades anteriormente enfrentadas por William ameaçaram o seu [do pai e da família] ideal hegemônico e, portanto, havia necessidade de garantir condições para lidar com esta ameaça. Quando o pai lhe incentiva a sair com os amigos, oferecendo-lhe dinheiro e o carro com o tanque cheio, é possível pensar que está em jogo a manutenção da sua posição na ordem de gênero. Dentre as condições necessárias para garanti-la estão a prova do seu status econômico e da sua condição de amante heterossexual. O pai e os amigos exercem um papel fundamental na organização destas provas.

A centralidade que a família tem no relato da história de vida dele é evidente. A família a qual se refere e atribui importância é aquela pautada por valores tradicionais e que tem sustentado a divisão de poder entre os gêneros, e assim, a ordem social maior. William deixa claro, por exemplo, o que pensa sobre mulheres que fogem aos estereótipos tradicionais (*"... se você observar as mulheres que são bem sucedidas, alguma coisa tem: não é casada, é infeliz no relacionamento... não são equilibradas"*), sobre a mulher ter que dar satisfação ao homem, sobre o homem não saber lidar com a esposa que ganha maior salário, enfim, homens e mulheres têm o seu papel na sociedade: o homem deve ser

mais sensível ao ponto-de-vista da mulher, a mulher deve ser mais independente, mas, no final das contas, a ordem de gênero deve se manter inalterada.

Ao falar sobre a paternidade, remete-se ao próprio pai, afirmando querer evitar os erros que ele cometeu em relação aos seus próprios filhos. O modo como William se refere ao pai comporta ambivalência, uma vez que ele é apresentado inicialmente como seu companheiro, alguém não-rígido e carinhoso, e, ao mesmo tempo, como superprotetor e responsável pelo adiamento da sua iniciação profissional. A característica superprotetora que William atribui ao pai poderia ser entendida como não-favorecedora do seu desenvolvimento como indivíduo adulto. No entanto, conforme discutido, parecia estar a serviço de uma tarefa menos visível, isto é, o favorecimento de uma masculinidade sustentada por certos privilégios.

Quando relata o episódio no qual seu filho, um bebê, o chama após algumas solicitações feitas à mãe sem sucesso, reconhecendo, emocionado, que tem importância para o filho, deixa entrever um conflito ligado às expectativas de ser um bom pai (= bom provedor) e um pai carinhoso, que se deixa afetar pelo filho e deseja conseguir expressar o seu carinho por ele. A interpretação de que se trata de um conflito (prover e dar carinho não são aspectos excludentes) está baseada numa das crenças que sustentam a masculinidade tradicional, isto é, que um homem não se deixa tomar pelos afetos, o que implica numa performance como pai na qual a expressão do carinho e do amor se faz por intermédio da provisão (Bernard, 1981).

## EM SÍNTESE

O eixo da entrevista de William está no seu fazer, isto é, ele se ateu praticamente a relatar o que fez na e da vida. As dificuldades de desenvolvimento dele também permitem identificar aspectos mais individuais que certamente favoreceriam uma análise estritamente psicológica sob a ótica psicodinâmica, que, conforme foi esclarecido no início do capítulo, não é o foco do trabalho..

O discurso dele está permeado pela heteronormatividade, isto é, o seu projeto masculino tem sido pautado numa perspectiva convencional das relações de gênero e numa visão tradicionalista da família; na identificação do homem com aquele que pensa, planeja, compete e ascende no trabalho, provê a casa e o filho como a maneira correta de viver e, com isso, garante a ordem do mundo.

O seu projeto também esteve permeado pela tarefa de lidar com mulheres que fugiam do estereótipo feminino, especialmente aquelas com as quais conviveu mais intimamente (mãe e primeira esposa).

Ele nasce com todas as condições para se tornar legítimo representante da masculinidade hegemônica. E então, subitamente, esta possibilidade é ameaçada por um corpo que não corresponde a ela. Quais os mecanismos de que lança mão para garantir permanecer com o privilégio? O pai dele, por exemplo, lhe oferece o carro, dá dinheiro para ele gastar com as mulheres, incentiva-o a fazer aquilo que um homem deve fazer. Com isso, ele se distancia da condição de uma masculinidade marginalizada (na qual acabou se colocando por conta dos problemas de saúde que teve).

Outro aspecto a se destacar na biografia de William é que ela exemplifica aquilo que Connell (1995; 2005) argumenta sobre a mobilidade das relações hegemônicas e de como elas se originam em situações particulares dos relacionamentos do indivíduo. Não havendo posição fixa, há alternância nas vivências que ele tem ao longo da vida. William demonstra claramente esta transição entre uma posição hegemônica e posições subordinadas ou marginalizadas: ora ele se encontra numa posição de poder, status e comando, ora ele vivencia a marginalidade em relação aos demais.

## RENATO

Renato iniciou o seu relato se apresentando: tem 41 anos e nasceu no dia 26/03/64, lembrando que isto ocorreu poucos dias antes da *"revolução"*. É separado e tem um menino, Igor, hoje com 7 anos. Tem formação universitária e trabalha com a mãe numa firma de recursos humanos que é de propriedade dela.

Morou com os pais até os 21 anos, quando estes se separaram, e tem uma irmã que é dois anos mais nova que ele.

## SOBRE A FAMÍLIA

Afirma que sua mãe sempre lhe deu condição para fazer o que quisesse. Seu pai era *"chofer de praça"* quando ele era pequeno e trabalhou muitos anos nesta atividade. A mãe trabalhava no ramo de recursos humanos, o mesmo ramo da empresa que eles têm hoje, como promotora e demonstradora de supermercado.

Esclarece que sempre teve muito amor e carinho dos pais. Afirma que sua mãe sempre foi mais *"rígida"* e que o pai era *"mais na boa"*. Sobre a mãe, diz: *"... da casa, ela que proveu tudo ... a gente pensava em alguma coisa, a gente tinha ... ou batalhava para ter .... quando não tinha, tinha que entender"*. Ele estudou em colégio público do pré-primário até a 8ª série. Era o pai quem buscava ele e a irmã na escola e fazia o almoço. Afirma que, com ele, aprendeu a jogar bola, empinar pipa, andar de carro, conversar mais. Diz que o pai era mais flexível que a mãe: *"... era aquele cara que sempre estava ali do lado, companheiro"*. A mãe é apresentada como sendo mais rígida e, ao mesmo tempo, mais carinhosa e afetiva. Também era a responsável por determinar os

rumos da família: *"... ela é que era a que ... olha ... vamos por aqui, vamos por aqui..."* e, por isso, segundo ele, é muito mais bem sucedida que o pai hoje. Afirma que a referência em relação à mãe era clara: *"... grana era com ela"*.

Relata que o início da vida familiar foi muito simples. Todos dormiam no mesmo quarto. Lembra de uma situação de medo que vivia nessa época, na qual ficava vendo vulto na janela do quarto onde ele e a família dormiam: *"... só pensava em chamar meu pai.... Eu pensava: meu pai é forte, tal... Meu pai tá aqui. Eu sei que se acontecer alguma coisa.... Então eu me sentia seguro, ficava normal"*.

Quanto ao relacionamento com a irmã, diz que os dois brigavam muito, mas que se davam bem. Lembra-se de ter o seu grupo de meninos e ela o de meninas, sendo que eles não se misturavam.

Faz referência ao modo como era tratado em casa: *"... eu em casa, como eu era mais velho, então.... minha mãe.... eu sempre fui mais privilegiado. Às vezes é o caçula, mas dessa vez fui eu... E aí ela [Laura, a irmã] sentia isso muito. Tudo o que acontecia de errado ela ia e me dedurava. Então, tinha essa rixinha, né"*.

## INFÂNCIA E ESCOLA

Descreve a infância como um período de muitas brincadeiras e muita diversão. Lembra de correr na rua com os amigos, andar de bicicleta e jogar bola no campo próximo à sua casa.

Quanto à escola, diz que suas lembranças são escassas. Afirma que se lembra de que tinha que cantar o hino e fazer fila para entrar na classe. Relata ter

lembranças de ter chorado algumas vezes, quando trocou de escola, de ter ficado mal, mas se lembra de que logo depois já estava brincando com os amigos e entrava na rotina.

## ADOLESCÊNCIA

O que mais consegue lembrar da adolescência é que namorava, surfava e estudava, sendo que com 18 anos entrou no exército para servir no CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva).

Um episódio particularmente lembrado por Renato é de uma briga que teve com Laura, sua irmã, quando tinha 17 anos. Diz que já havia tido outras brigas feias entre os dois, mas que aquela foi marcante: *"... uma vez a gente se pegou ... de mão, mesmo. E a Laura é grande .... e ela jogava capoeira, namorava um cara que era capoeirista... e ela veio com aqueles negócios ..... ah, a primeira vacilada que ela deu, eu dei um murro nela e a joguei na porta da cozinha. Eu virei as costas, só senti um negócio nas costas. Quando eu fui ver, era uma faca. Ela me jogou uma faca.... O negócio foi sério.... Daí pra frente foi uma loucura. Ela teve que correr do apartamento porque eu queria pegar ela de qualquer jeito".* A seriedade da situação foi tão grande que, segundo ele, a partir dali ambos passaram a se respeitar e nunca mais brigaram.

## SEPARAÇÃO DOS PAIS

Um fato que marcou Renato no início da vida adulta foi a separação dos seus pais: *"... morei com meus pais até os 21 anos, quando eles se separaram. Isso aí pra mim foi um processo muito doloroso".* Segundo ele, desde que era criança a família costumava viajar nas férias escolares. Eles pegavam o carro e

ficavam um mês viajando e acampando. Conheceram quase todo o país e também países como Paraguai, Uruguai e Argentina. Porém, aos 16 anos, os pais quase se separaram e ele ameaçou se suicidar caso eles o fizessem: *"... minha mãe diz que eu tive um chillique. Eu disse: 'oh, se vocês se separarem eu vou me matar'.... Eu não conseguia conceber a minha família separada"*.

## EXÉRCITO

Sobre o que o atraiu para o Exército, afirma que principalmente a possibilidade de fazer atividades físicas. No início, não gostou nem um pouco de ter que usar farda, achava uma *"encheção de saco"*, mas diz que hoje gosta e que até comprou todo o aparato militar de novo há pouco tempo. Ele é oficial R2 (da reserva) e mantém vínculo e continua participando dos treinamentos na selva, além de outras atividades: *"... tô voltando a me envolver com isso daí (atividades do CPOR) .... estive trabalhando com isso ... gosto, é uma coisa que eu realmente amo pelo que é, entende? Pela ideologia.... não aquela coisa de guerra, não. É o respeito pelas pessoas, é a educação.... que é o que eu vejo mais diferente da polícia, você entendeu? A coisa da disciplina .... muita coisa mudou em mim depois que eu estive lá. (...) Eu passei um período meio revoltado, eu queria sair.... Minha mãe até arrumou um cara para me tirar, mas eu falei: não, eu vou, eu quero"*.

Embora admita que no início da prestação do serviço militar sofreu um choque com todas as normas rígidas que recebia, afirma ter se acostumado posteriormente e reconhecido o significado de pertencer ao CPOR: *"... depois que você se acostuma, você vê o retorno que isso vai te dar. Aí eu falei: pô, legal! Vou sair um oficial, não vou sair um soldado. Então, é um status ... e CPOR ainda hoje*

*é uma instituição valorizada. Então, tudo isso me ajuda, sempre me abriu portas. É o que sempre falavam pra mim: isso nunca vai te diminuir, vai te abrir portas. Então... ótimo .... pra mim só foi uma coisa que sempre acrescentou muito na minha vida".*

Diz, finalmente, que o exército é uma tradição de família, da parte da mãe dele, e que por isso tem esse significado especial: *"... então, eu queria a minha espada. Você vê a espada de honra .... tanto é que eu mostrei para o Igor [filho] esse final de semana e ele ficou maluco".*

## NAMOROS

Guarda muitas recordações das suas ex-namoradas. Segundo ele, sempre se envolveu muito nos relacionamentos, procurava ficar junto, participar.

Sempre foi muito namorador e diz que sua mãe costumava comentar que ele precisava *"tirar o sexo da testa"*.

Seu namoro mais rápido durou um ano, enquanto que o mais longo durou seis. Refere ser um homem que se dedica aos seus relacionamentos. Como exemplo, cita uma namorada, Adriana, que era bailarina. Afirma ter ido fazer balé para ficar mais próximo dela, chegando a se apresentar num famoso teatro em São Paulo e também numa cidade do sul do Brasil, onde ganhou um prêmio.

O balé encenado era *"O Guarani"*. Ele era o Peri e ela a Ceci. Segundo Renato, na estréia as duas primeiras fileiras estavam lotadas apenas com os amigos dele. Sua preocupação era quanto ao que eles poderiam aprontar durante a apresentação, uma vez que os conhecia bem e sabia que eles iriam *"aprontar alguma"*. Na hora, diz ter pensado: *"... até que ponto eu cheguei por causa de uma*

*mulher? Eu estou me expondo pra que?" Após curto tempo de reflexão, respondeu para si mesmo: "... não é só por ela. Eu estou aqui porque estou curtindo o que eu tô fazendo". Tece considerações sobre o episódio: "... até que ponto vai... O que eu sentia era legal para mim, também pra ela. Não deixa de ser uma prova de amor. Ela sabendo do jeito que eu pensava. Mas eu estava ali, numa boa".*

Diz que acabou servindo de alavanca para que seus amigos quebrassem um pouco o preconceito: *"... eles passaram a curtir ir a peças de teatro, espetáculos de dança...."*. Afirma ter visto que tudo era realmente preconceito dele mesmo. Começou a ter mais amigos, a ter maior participação sobre assuntos e opiniões nas conversas com as mulheres (sic): *"... a sensibilidade é de acordo com a pessoa. Falar para xavecar é fácil, sentir mesmo é difícil"*.

O relacionamento durou seis anos, após Adriana ter lhe cobrado uma decisão sobre o casamento, uma vez que, para ela, só fazia sentido continuar o relacionamento se fosse para eles se casarem. Ela terminou a relação, após um tempo ele pediu para reatarem, alegando que queria se casar com ela e logo depois ele próprio decidiu terminar. Alguns meses após esta separação, Renato refere ter espreitado Adriana no clube no qual ela fazia treinamento físico após ter tido notícia de que ela estaria namorando outro rapaz. Comenta ter ficado muito irado ao saber desse namoro.

Dentre seus relacionamentos mais destacados, recorda-se que em 1995 conheceu uma moça, Glória, no salão de beleza de um amigo dele. Afirma ter se "enrolado" com esta mulher, que morava no sul do Brasil. Logo que se conheceram, ambos "se internaram" num flat durante uns quinze dias e se

esqueceram do mundo. Depois disso, Glória voltou para o sul e, logo depois, retornou a São Paulo, onde ficou por mais uma quinzena. Renato comenta ter sumido do trabalho durante esse período, não fazia absolutamente nada a não ser ficar com a namorada. Até que um dia ela anunciou que estava voltando para a cidade dela e que não voltaria mais. A resposta dele foi imediata: *"... eu vou com você"*. Chegou na empresa da sua mãe e disse: *"... Olha, acabou! Eu estou juntando as minhas coisas e estou indo embora para ... (cidade)"*.

Ficou cerca de um ano e meio sem trabalho. Perdeu o apartamento, duas motos e um carro. Acabou arrumando uma dívida que levou oito anos para saldar: *"... foi uma coisa louca! Em termos de relacionamento .... ali ... não é que foi gostar, ali acho que foi aquela coisa de paixão com sexo, aquela mistura maluca.... Me envolveu de um jeito... acabei virando as costas para minha família, briguei com a minha mãe, não queria saber de mais nada"*.

Afirma ter sido a melhor e mais cara transa da sua vida. Ambos tinham a mesma idade, porém comenta que Glória era *"um mulherão"* e aparentava ser mais velha que ele: *"... era como se fosse uma mulher de 30 com um garotão de 19 anos.... Pegou forte a parte do sexo"*. Após o término do relacionamento, demorou muito tempo para reconquistar o respeito da sua família.

Após o término deste relacionamento, ficou mais ou menos um ano se relacionando, mas sem ter maior envolvimento. Em seu relato, Renato se lembra de outra namorada, Ana. Tinha ganhado um apartamento da mãe quando a conheceu. Diz ter começado a curtir a garota. Como o apartamento estava montado, resolveu convidá-la para ir morar com ele. Diz que a mãe o advertiu para ter cuidado, calma, e esperar. Ana foi passar umas férias no Sul e ele ficou

em São Paulo. Conseguiu quatro dias de folga e ligou para ela dizendo que estava indo. Ela lhe pediu para não ir. Ele achou estranho e respondeu que não iria. Alugou um carro e diz ter utilizado *“técnicas militares”* para localizá-la. Acabou encontrando-a nos braços de outro rapaz e acabou dando uma surra nos dois. Acabou voltando para a cidade na qual estava hospedado. Ana foi atrás dele, pois sabia onde localizá-lo. O resultado desse encontro foi que ele praticamente a estuprou (sic): *“... tudo o que você pode imaginar que você pode fazer com raiva de uma mulher eu fiz”*. Afirmo nunca mais ter tido notícias dela. Naquele dia, levou-a até a Rodoviária, a colocou no ônibus e disse a ela: *“... some da minha vida”*. Ficou sabendo que ela virou *hippie*, bicho-grilo, que está fazendo bijuteria. Afirmo ter se arrependido um pouco (sic), diz ter se deixado levar pela situação: *“... foram poucas as vezes que eu me vi neste estado alterado, mas também não gostei do resultado”*.

## CASAMENTO

Conheceu Clara poucos meses depois de ter retornado do sul, após o término do relacionamento com Glória. Com três meses de relacionamento, Clara engravidou. Renato lhe disse que assumiria a criança, alertando-a sobre a sua condição financeira e o seu relacionamento conturbado com a família (por causa do relacionamento anterior com Glória). Nasceu o filho, Igor, hoje com 7 anos. Na época da gravidez, Clara estudava em outro município da Grande São Paulo. Ele morava na zona sul com a mãe e trabalhava no centro de São Paulo. Comenta que saía do trabalho, ia com Clara até a faculdade e dormia no carro até o término da aula, porque não queria que ela corresse o risco de ser assaltada. Após algum tempo, passou a assistir aula junto com ela. Afirmo ter feito isso durante seis meses. Após o nascimento de Igor, começou a haver muitas brigas

ligadas a cobranças feitas por Clara por conta do padrão de vida deles. Acabaram se separando. Clara pegou as coisas dela e foi embora. Foi ela que resolveu se separar. Até então, não tinha havido casamento formal. Renato afirma ter ficado pouco mais de um ano separado. Diz que Clara fez uso do filho para lhe chantagear e que isto o deixou muito magoado. Teve problema de pressão e um princípio de infarto com “30 e poucos anos”: *“aí eu comecei a ver... vi que estava sentindo muita falta.... Comecei a me perguntar: ‘será que não é problema meu?’ Todo mundo dizia que eu era muito cabeça dura, tal...”* Tentou reformular a vida, foi atrás de Clara, conseguiu retomar o relacionamento e eles se casaram. Alugaram um apartamento e viveram bem até março de 2004. Aí, segundo ele, começaram novamente as cobranças. Diz ter começado a melhorar de vida e que fazia as coisas para agradar Clara, mas que ela não reconhecia. Afirma que ela só queria as coisas para si própria e que ele viu que isto não tinha cabimento. Acabaram se separando em maio de 2005. A decisão foi novamente de Clara. Dessa vez, segundo ele, foi diferente porque Igor já estava crescendo e apegado a ele.

## PATERNIDADE

Comenta que Igor foi fazer acompanhamento psicológico depois da separação e hoje vê que o filho já a assimilou bem. Segundo ele, a terapeuta do filho lhe “puxa a orelha” porque ele costuma exagerar com o menino: afirmou que se ele continuar fazendo o que faz para Igor este acabará virando homossexual, porque ele é uma mãe para o menino e está invertendo os papéis. Renato comenta que Clara costuma ser mais dura com Igor. Considera-se um *“superpai”*: acabou optando por “fazer o que puder e mostrar o lado bom”: *“... ser carinhoso,*

*beijar muito, abraçar muito, conversar, dar umas duras...*” Afirma que está exagerando. Curte ficar com o filho, se dedicar a ele, mas revela uma preocupação de que este “vire homossexual”: *“... tenho amigos homossexuais. Se o Igor quiser ser, que seja, mas desde que eu já tenha mostrado para ele.... Vá por opção, não por um distúrbio ou um desvio..... Embora eu vá amá-lo do mesmo jeito; é meu filho, amo de paixão, não tenho nada contra. Mas vou tentar encaminhar para o jeito que eu acredito ser o certo. Então, eu tô fazendo tudo certinho: pago terapia, vou junto, batalho, tal...”* .

## A VIDA DE RENATO HOJE

Diz que hoje está curtindo a vida, sem envolvimento maiores. Comenta que ou ele deu uma acalmada sexualmente ou é tudo em função da situação [separação recente]. Refere que pelo abalo e sofrimento pelo qual passou após a separação com Clara, agora para ficar com alguém precisará se convencer de que o relacionamento realmente vale a pena. Segundo ele, atualmente está difícil se relacionar: *“... tem uma transa ou outra, uns beijinhos, mas na verdade acho que o legal é estar com alguém”*, embora afirme que por enquanto ele nem pensa nisso.

Reflete que sempre se mostrou mais para as mulheres com as quais se relacionou do que o inverso. Reconhece que sempre foi mais exagerado. Diz que, com esse seu jeito, elas ficavam, como se pensassem: *“... vou ver o que vai rolar”*.

Pensa que pelo fato de sempre ter se colocado à disposição das mulheres com as quais se relacionou, elas acabavam se desinteressando. Descobriu que algumas delas se envolveram com outros rapazes enquanto estavam com ele: *“... caras que eram mais durões, mais atraentes para elas”*.

Conclui que o seu erro deve ter sido exatamente o de não ter sido durão, mas, ao contrário, ter exposto o seu romantismo e os seus sentimentos.

### **Renato – Análise do Caso**

Percebe-se logo no início do relato que o relacionamento conjugal dos pais de Renato parece ter seguido uma ordem de gênero invertida: enquanto a mãe dele era aquela que tinha voz ativa em casa, que cuidava do dinheiro e tomava as decisões, o pai é apresentado como aquele que cuida, dá afeto e proteção.

Salienta-se a sua identificação com a mãe, por quem demonstra ter muita admiração e com quem trabalha hoje. Não há como ignorar o comentário que ele faz sobre a mãe ser mais bem sucedida que o pai atualmente. Por outro lado, o pai é aquele que estava mais presente no seu cotidiano infantil. Foi com ele que Renato aprendeu a jogar bola, empinar pipa, dirigir e conversar mais. Também é pelo pai que ele expressa mais claramente a sua ligação afetiva, ao narrar o episódio do medo que sentia à noite, antes de dormir.

É possível pensar que foi a produtividade e não a afetividade que Renato privilegiou no seu projeto de gênero, uma vez que hoje ele trabalha com a mãe e tem especialização em RH, que é o ramo da empresa materna, e expressa grande admiração pelo sucesso profissional dela.

Ele menciona que tinha algumas regalias em casa e as atribui ao fato de ser o filho mais velho. De fato, pelo relato que faz das situações de disputa e das rixas havidas entre ele e a irmã, depreende-se que se tratava de regalias dadas ao filho, ao homem.

Ele pouco mencionou a infância e a adolescência. Esta última acaba sendo percebida pela narração que ele faz dos namoros ocorridos. Ao mencionar que sempre se envolveu muito nos relacionamentos, procurando ficar junto e participar das coisas junto com as namoradas, fica claro que esse envolvimento parece ser expressão de uma necessidade que ele tinha de se manter no controle das situações ou das relações.

Por exemplo, o relacionamento com Adriana, com quem ele acabou se envolvendo a ponto de ir dançar balé e participar de um espetáculo, permite facilmente uma interpretação de que se trata de um “homem moderno”, que vence os preconceitos por amor a uma mulher. No entanto, o que descreve sobre ter ido espreitá-la após o término do namoro quando soube que ela estava envolvida com outro, faz pensar mais apropriadamente numa expressão de controle e possessividade, condutas que ele também acaba demonstrado em relação às demais namoradas. Aqui se trata da máxima expressão de uma masculinidade tradicional.

À primeira vista, ao narrar o relacionamento com Glória dá testemunho de uma completa ausência de controle, visto que ele abriu mão de tudo que tinha para acompanhá-la: vendeu apartamento, carro e duas motos. A relação durou cerca de um ano e meio. Quando foi indagado sobre se havia arrumado emprego no sul, visto que tinha abandonado tudo em São Paulo, Renato respondeu que não, embora não tenha fornecido detalhes. A impressão causada foi a de que ele sequer procurou trabalho, uma vez que admite ter arrumado uma dívida que levou anos para saldar. Dessa forma, cabe a hipótese de que ele mergulhou profundamente no relacionamento e esqueceu de tudo mais. Por outro lado, o que

também se destaca é que Glória parece não ter existência própria, sendo única e exclusivamente o objeto do desejo dele. Assim, também caberia pensar que este descontrolo completo (que é o extremo oposto daquilo que caracteriza a “verdadeira masculinidade”, como foi visto) serve, na verdade, a um propósito maior: controlar completamente o seu ‘objeto de desejo’. Nessa dinâmica expressada por Renato, também se evidencia que a questão dos bens materiais perde a importância. O que está em primeiro plano é a garantia da posse e domínio da parceira. A mesma dinâmica é expressa em relação à Ana: ele fez uso de técnicas militares para localizá-la, vigiou-a sem que ela soubesse, espancou-a (e ao rapaz com quem ela estava) e depois a estuprou. Portanto, Ana também não é reconhecida como alteridade, ela está a serviço do desejo e do controle de Renato.

As condutas violentas aqui relatadas permitem pensar que a masculinidade de Renato parece repousar sobre algumas premissas básicas: por um lado, uma contraposição do masculino e do feminino, segundo a qual eles não são somente diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino, que deve estar no controle e ao qual o feminino deve se submeter. O que se expressa, nestes casos, é um desejo masculino como desejo de posse (Bourdieu, 2005), como dominação erotizada.

O relacionamento com Clara, sua ex-esposa, obedeceu inicialmente os mesmos padrões apresentados quanto aos antigos namoros. A diferença é que Clara é a primeira mulher que é apresentada por ele como detentora de desejos próprios, tanto que partiu dela a decisão de se separar nas duas vezes. A resposta de Renato veio na forma de pressão alta e infarto. Conforme discutido

no capítulo 2, a força, a dureza, a resistência e a competência física estão associadas a certas noções dominantes de masculinidade (Whitehead, 2002). A resposta física de Renato pode ser interpretada como expressão da perda do domínio e do exercício do controle que até então tentou empreender no relacionamento com a esposa: o corpo que constrói a masculinidade reage à perda do controle, da posse.

Em seu relato sobre o exército, a busca pela disciplina, pelo poder, reconhecimento e status é destacada. O exército pode ser considerado o *locus* da masculinidade. Local no qual características como honra, disciplina e respeito, e de símbolos como a espada e as medalhas, são destacados e valorizados como atributos que um verdadeiro homem deve possuir.

O que se destaca na parte em que narra a sua relação com Igor é um medo em relação à manifestação da sua afetividade por ele: expressar muito afeto pode 'causar' a homossexualidade no filho. Aqui, a interpretação feita anteriormente sobre a afetividade não fazer parte do projeto de masculinidade dele, ou ao menos não estar no cerne deste projeto, parece ganhar força. Ela representa uma ameaça a uma masculinidade que parece se conjugar com a ordem de gênero prevalente. Sob esta ordem, a construção da masculinidade não trata somente da produção de representações e práticas, mas também de uma série de pressões e limites sobre certas manifestações da afetividade, como aquelas relativas ao medo, à tristeza e, mais frequentemente, à ternura (Nolasco, 1993; Pleck, 1995). Isto fica ainda mais evidente quando se refere aos relacionamentos afetivos que teve, afirmando que o seu erro foi ter exposto o seu romantismo, os seus sentimentos, ao invés de se mostrar "*durão*", isto é, viril.

## EM SÍNTESE

O relato da história de vida de Renato permite concluir que a masculinidade que emerge nesse processo tem como eixo o poder, sendo o controle e a posse nos relacionamentos amorosos suas maiores expressões. A afetividade parece constituir uma ameaça ao seu projeto masculino, que, no caso, mostra-se aliado à ordem de gênero predominante.

Para ele, a masculinidade está associada a estar sempre no controle, dominar, ser racional, estratégico e másculo ao extremo.

## FÁBIO

Fábio tem 45 anos e nasceu no município de São Paulo. É o filho caçula numa família de 4 filhos: tem uma irmã e dois irmãos mais velhos. É casado e tem dois filhos. É analista de sistemas e afirma estar na profissão “*por acaso*”. Começou trabalhando num escritório, depois na secretaria do colégio no qual trabalhava a sua mãe, em um escritório de advocacia, depois com o pai (no ramo de construção civil) e finalmente acabou indo parar na área de análise de sistemas. Afirma ter passado muito tempo dando prioridade para outras coisas e somente em 2004 é que se formou.

## INFÂNCIA E MENINICE

Fábio se refere pouco aos pais nesse período, afirmando que eles trabalhavam fora enquanto ele e os irmãos passavam muito tempo “*sozinhos*”. Quando bebê, ficava com uma babá e, mais velho, com uma empregada. Afirma ter aprendido a andar sozinho, no berço. Já em idade escolar, no período em que não estava tendo aula, ficava brincando na escola em que a mãe trabalhava (tratava-se de um colégio particular e era próximo à escola pública na qual ele estudava) ou, já mais velho, brincava na rua até que os pais retornassem do trabalho.

Ao relatar o seu relacionamento com os irmãos, afirma que eles não eram “*muito coesos*” e que brigavam muito. Embora estivessem mais juntos, pois eram companheiros de jogos e brincadeiras (especialmente ele e Paulo, o irmão do meio), Fábio comenta que eles viviam separados e que cada um acabou tomando o seu rumo, explicitando o distanciamento existente entre eles. Já com a irmã, apesar deles terem vivido boa parte da infância mais distantes, uma vez que ela

estudava em regime de semi-internato e eles só se encontravam nos finais de semana, contou que ela nutria um carinho especial por ele e que é assim até hoje: ele a considera a sua “*guardiã*”.

Refere maior convivência nessa fase da infância com Paulo, seu parceiro de brincadeiras e de brigas: “... *nós brincávamos e brigávamos muito, pois tínhamos personalidades muito fortes*”.

Comenta sobre algumas paqueras da infância. Os colegas lhe arrumaram um “*namorinho*” quando ele tinha 7 anos: “*era pra fazer bonito, namoradinha, tal!*”.

## ADOLESCÊNCIA

No início da adolescência, passou por situações que fizeram com que ele questionasse a sua “*normalidade sexual*”. Descreve ter sido indagado quanto à sua masculinidade por seus amigos, especialmente em relação a um com quem competia como “*comedor*” dos meninos: “... *pô, meu, se você continuar assim você vai ser veado [rindo], entendeu...*” Havia ali a cobrança de um concorrente que percebia que a sua atração não era exclusivamente sexual. Diz que isto soou como uma cobrança e reconhece que ficou incomodado: “... *eu sabia que eu não sentia da mesma forma que a maior parte da molecada, entendeu?*” Comenta que desde essa época se percebia diferente de seus amigos com relação ao desejo que sentia por meninos: “... *eu falava: ‘pô, então o meu sentimento era uma coisa anormal?’ ... em relação ao resto... entendeu?*”.

Relata que não se percebia como seus amigos quanto à sexualidade na adolescência. Associa sua forma de encarar a atração que sentia por meninos com a rigurosidade da educação religiosa que recebeu: “...*existe toda aquela*

*criação católica carregada... que aquilo tudo é pecado, aquilo tudo é errado (...) ... e que se você está fazendo alguma coisa que não é de acordo com a sociedade... você é marginal".* Afirma que por muito tempo [e de certa forma até hoje] essa diferença pesou. Não dividia com ninguém e achava errado, apesar de prazeroso, manter encontros sexuais às escondidas com homens: *"...e aí eu carreguei isso comigo todo esse tempo (rindo)... pô, acho que só eu no mundo me sinto assim!..."*. Acrescenta que se sentia culpado por sua condição homossexual [ou seu homoerotismo?]: *"... mas com uma culpa... enorme! Eu tinha que esconder tudo aquilo..."*.

## RELACIONAMENTOS COM MENINAS E MENINOS

Uma atividade bastante lembrada na sua adolescência foi a dos "bailinhos" de fundo de quintal (na sua própria casa ou nas casas dos amigos) e das quermesses. Nessas ocasiões é que surgiam as oportunidades para namorar. Lembra que sua primeira namorada pertencia a uma turma rival, mas o namoro durou pouco e terminou sem explicação, como se não houvesse mais interesse: *"...eu acho que foi por consenso, eu não me lembro quem foi que deu o bota-fora, não"*. Quando Fábio se refere aos seus relacionamentos e conquistas neste período, chama a atenção para uma característica sua qualificada como "terrível". Tratava-se da habilidade para fazer a garota tomar a iniciativa de se afastar dele: *"... é que quando eu vejo que a coisa não está boa para o meu lado, eu tento inverter ou procuro fazer com que a pessoa do outro lado desista, caia fora (...) Fazia de alguma forma que a pessoa se desapontasse comigo, ou alguma coisa desse tipo, e rompesse o relacionamento"*. Foi o que fez com a sua primeira namorada.

Afirma ter tido várias namoradas ao longo da adolescência, mas nada sério. Chegou a tomar a namorada de Paulo, seu irmão: *"...tomei uma namorada dele. Mas não era nem uma namorada, ele nem esquentou a cabeça"*. Descreve a situação como se não tivesse importância, como se fosse inconseqüente e de curta duração: *"... Aí, de repente, a gente (ele e a garota) fica um do lado do outro, não sei o que mais, papo vai, papo vem, daqui a pouco a gente tava nos amassos. Foi uma coisa breve, de uma semana para outra"*.

Fábio deixa claro que tinha dificuldade de manter esses namoros: *"... eu nunca fiquei muito tempo com ninguém"*. Justifica sua inconstância: *"...eu tenho meu lado... homossexual... entendeu?"*, e associa os seus namoros com as garotas como uma forma de ocultar a sua homossexualidade: *"... perante a sociedade eu não deixava transparecer de jeito nenhum ... de jeito nenhum ... é ... tinha quem desconfiasse, logicamente .... por conta disso eu tinha lá as namoradinhas..."*. Refere, ainda, que os seus relacionamentos com rapazes também tinham um caráter transitório, fugaz: *"...e tinha também muitos relacionamentos com uns amigos etc e tal..."* e se dá conta de que nessa época não manteve nenhum relacionamento mais duradouro: *"....então, nem de um lado e nem do outro eu mantinha nenhum relacionamento. As meninas gostavam de mim, me achavam bonitinho... de vez em quando eu ficava com uma, com outra, mas não tive nenhum relacionamento .... 'Fiquei' muito, mas não acabei com ninguém, né (rindo)"*.

Quanto aos seus relacionamentos com os rapazes na adolescência, se lembra de um que o marcou especialmente. Era um amigo com quem sempre saía, embora nada tivesse acontecido na esfera sexual entre os dois até então. Quando surgiu uma oportunidade, esse amigo o convidou para fazerem sexo e

Fábio não aceitou: *"... e ele tentou induzir pra que a gente brincasse ali... fizesse sexo ali, entendeu? Aí eu caí fora... eu falei: 'não!'... entendeu?..."* Porém, já mais velho, percebeu que essa situação foi especial, isto é, que havia uma vontade de estar com o amigo, embora não tivesse cedido: *"....quer dizer, hoje, olhando isso tudo, eu falo: 'não, então tinha alguma coisa que era especial ali'..."*

Relata outra situação envolvendo uma amiga por quem se apaixonou. Estava no segundo grau e cursava escola técnica quando a conheceu. Lembra que aquilo que o fascinava em relação à garota era o fato dela ser a única mulher da turma e, apesar disso, se relacionava de igual para igual com ele e os demais colegas: *"... ela não tinha frescuras, não era dondoca, ela se agregava"* e refere que era exatamente esse despojamento que o encantava e que fez com que ele se apaixonasse por ela. Recorda que se sentia muito à vontade com essa garota, que eram muito amigos, embora o sentimento amoroso, a paixão, não tenha sido imediatamente identificada por ele: *"... essa foi a primeira paixão. (...) Foi engraçado, né... Também não veio nada... não bateu nada logo de cara, né... (...) essa é a mulher da minha vida!", entendeu... tipo... bateu forte!"* Afirma que a atração sexual é diferente de amor e paixão, que se tratam de sentimentos mais tranquilos, e que essa moça o atraiu porque o deixava ser como ele de fato era, o deixava totalmente à vontade: *"... o que era atraente pra mim? Era o fato de eu ter uma pessoa com quem eu me identificasse totalmente! ..."* Ele acabou se declarando, mas ela não lhe correspondeu, justificando que eram amigos demais para serem namorados, o que o deixou frustrado: *"... na época foi frustrante. Eu tive um trabalho louco pra chegar ... sempre fui muito tímido". (...) Como eu me achava incapaz, tinha toda a sombra da homossexualidade. Você fala assim: 'eu*

*vou arriscar, mas, se der certo, eu me firmo'...*". De fato, não deu certo, embora a amizade e o convívio entre os dois tenha perdurado por um bom tempo.

Concomitantemente a este episódio do envolvimento e paixão por esta garota, Fábio teve um relacionamento significativo com um amigo do colégio que também tinha demonstrado interesse pela mesma garota: *"... eu gostava do Vicente, tinha muita afinidade com ele... Mas eu tinha medo, me achava diferente, era anormal (rindo). (...) Eu freqüentava a casa dele"*. Embora não tenha havido nenhum relacionamento sexual ou amoroso entre os dois, o amigo chegou a declarar a sua atração por Fábio, mas este não teve coragem de assumir que também estava envolvido por ele.

## O TRABALHO

Começou a trabalhar quando tinha 15 para 16 anos. Primeiro trabalhou com a mãe e, posteriormente, com o pai, até que surgiu a oportunidade dele atuar na área de informática, quando pôde então conquistar a sua independência financeira. Chegou a iniciar alguns cursos universitários, várias vezes, mas os interrompia por não se identificar com nenhum deles. Após os 20 anos, quando consegue trabalhar numa área com a qual se identifica e na qual permanece até hoje, passa a se perceber auto-suficiente e independente. Isto permite que se sinta mais seguro quanto à sua competência profissional, favorecendo uma escolha mais amadurecida da profissão que desejava seguir (formou-se recentemente, em 2004, embora já estivesse trabalhando vários anos na área).

## O ADULTO JOVEM

No final da adolescência, Fábio se reaproxima do irmão mais velho, Marcelo, e também do pai, de quem não era tão próximo. Como Marcelo já dirigia,

Fábio passou a pegar carona e a sair junto com ele. Além disso, começou a jogar futebol com o irmão e os amigos dele. Comenta que de certa forma a bebida facilitou a sua aproximação com o irmão e o pai, pois era no boteco que eles costumavam se reunir nos finais de tarde para jogar sinuca e beber: *"... tanto eu quanto o Marcelo passamos a conhecer um pouco mais o meu pai. (...) (o pai) Era meio austero. A gente tinha pouco convívio com ele porque (...) trabalhava com construção de casa e passava muito tempo fora. Quando voltava do trabalho ia para o boteco bater papo com os amigos"*.

Recorda que na turma do irmão teve que enfrentar situações singulares envolvendo mulheres: *"... quando eles iam catar putas eu não ia. Eu não gostava, elas não me atraíam"*. Os amigos cobravam a sua não-participação neste programa: *"... De alguma forma cobravam. Em geral, era cobrança velada..."* Certa ocasião, quando os pais e a irmã de Fábio não estavam em casa, Marcelo e um amigo levaram algumas garotas até lá e cobraram dele a participação na aventura, mas ele se esquivou: *"... pô, meu, é o seguinte... por mim, não precisa não, cara. Se eu tiver que catar, eu vou catar sozinho'.... Tipo: 'não leva a mal, não, mas eu não tô a fim de encarar essa, não'..."*

Comenta que os seus relacionamentos com mulheres no início da vida adulta não aconteceram por sua iniciativa. Tampouco tinha algum interesse: eram os amigos que os promoviam e, mesmo assim, duravam pouco. Recorda-se de um deles: *"... todas as iniciativas partiram de amigos, né, amigos ou parentes, né, enfim, é... a Clarissa foi até um lance forçado, né..."*. Chegaram a ficar noivos, mas, segundo ele, não passaram das preliminares no sexo.

Lembra ainda de um relacionamento com outra mulher, Roberta, com quem também teve um envolvimento. Refere que nessa ocasião a sua falta de interesse e seu pouco empenho para estar com mulheres levantava preocupação em seus amigos, que, por sua vez, *"... traçavam todas que davam mole e colocavam sua marca de macho"*. Fábio não se identificava com eles, se percebia diferente: *"... como eu não era assim, eles ficavam com pé atrás"*.

Roberta foi a primeira mulher com quem ele fez sexo: *"... até então eu não tinha tido nenhum relacionamento sexual com uma mulher. Quando a Roberta apareceu, aconteceu"*. O relacionamento teve certa duração e eles chegaram a morar juntos (na casa dos pais dele e com a filha dela), mas também não deu certo. Embora ele tivesse desejado que o relacionamento se mantivesse, Roberta preferiu voltar para a cidade na qual tinha nascido.

Conheceu Sandra, sua atual esposa, também por intermédio de amigos. Afirma que a atração física não foi o principal fator de admiração. O que despertou o seu desejo por ela foi o fato dela ser muito inteligente e ter uma conversa que lhe agradava. Casou-se com trinta anos e tem dois filhos: Matheus, de quatorze anos, e Daniel, de onze. Hoje, avalia que Sandra se apega muito às convenções sociais e percebe que o encanto se quebrou: *"... depois, perde o elã da conquista. O cotidiano é cansativo, a gente fica entediado. A minha libido não é muito alta"*. Relata não ter se casado para cumprir um papel social e afirma que tinha muita vontade de ter filhos. Com um ano e dois meses de convívio estavam casados e já são dezessete anos de relacionamento.

## PATERNIDADE

Fábio se refere aos filhos com muita admiração, amizade e carinho. Percebe-se cúmplice deles: *"... como pai eu me sinto bastante feliz. Eu vejo os meus filhos progredindo, tal, e fico corujão, mesmo"*. Enquanto a esposa é mais firme e cobra mais os filhos, ele é o contraponto. Descreve, orgulhoso, que brinca com os garotos e procura estar sempre junto com eles. Afirma ser muito feliz como pai.

Apesar de se perceber desejando evitar que os filhos sofram, além de querer o melhor para eles, também se dá conta de que cada um tem o seu próprio caminho a percorrer: *"... cada um tem que ver o seu caminho, com seus tombos, com suas coisas... então eu procuro respeitar isso, né. Eu acho que... eu tive a missão de orientá-los, entendeu?"* Procura não interferir nas escolhas dos filhos e sim orientá-los, tentando respeitar as decisões que eles tomarem.

## RELACIONAMENTO COM HOMEM E COM MULHER

Aos 40 anos descobre a Internet, algo que favorece a conciliação entre a sua vida social como marido, pai e profissional, e os seus desejos homossexuais: *"... descobri que tinha uma porção de gente igual a mim (isto é, homens casados que buscavam relacionamentos com homens). (...) Até então eu me considerava uma pessoa reservada e me entendia como diferente da maioria dos homens"*.

Fábio percebe que a cada dez anos houve uma *"virada"* em sua vida. Com 20 anos conquistou a sua independência financeira, com 30 anos se casou e aos 40 descobriu a Internet: *"... a descoberta da Internet mudou a minha cabeça e também a minha orientação de vida. (...) Durante os últimos cinco anos, desde que descobri a Internet, estou vivendo uma nova fase"*.

Ele faz um extenso relato sobre o significado desta descoberta, afirmando que por meio dela pôde libertar seu *“lado adormecido”*, que ele havia imputado como *“anormal”* (seu desejo por homens), e ainda constatar que havia muitos homens como ele. Com isso, descobre-se *“normal”* e começa a explorar e dar vazão ao desejo homoerótico, embora escondido de todos. Comenta que num primeiro momento a necessidade foi a de satisfazer o desejo sexual e somente depois de um tempo é que começou a procurar afinidades, filtrar as escolhas com maior critério. Durante quatro anos teve breves relacionamentos com homens mantendo o casamento paralelamente, embora admita que antes disso já convivesse num *“clima de irmandade”* com a esposa e que é assim até hoje.

Sandra chegou a levantar suspeita quanto à homossexualidade dele, mas Fábio nunca admitiu e assim convivem até hoje. Ele relata que os dois pensaram em separação, mas que, por comodidade mútua, não chegaram a uma decisão: *“... a zona de comodidade está imperando. É cômodo pra mim, perante a sociedade, manter um casamento, ainda que não seja frutífero, e é cômodo pra ela também se manter no casamento, para não se sentir fracassada”*. Fábio afirma que há ciência e convivência velada por parte de Sandra quanto à sua homossexualidade e que, se tivesse que romper o relacionamento conjugal, teria que ser um rompimento impulsivo e estrondoso. Como se trata de algo inconcebível para ele no presente momento, continua levando uma *“vida dupla”*.

Expõe minuciosamente seu envolvimento afetivo-sexual com o atual namorado, Jaques, com quem mantém sua primeira relação homossexual *“forte”*, que contém afinidades de ambas as partes, reciprocidade e envolvimento: *“... hoje eu me preocupo em estar vivendo uma vida dupla porque pela primeira vez num relacionamento homossexual a gente tem uma ligação forte”*. As outras

relações que ele teve com homens não chegaram ao ponto que o relacionamento com Jaques. Afirma vislumbrar um futuro neste relacionamento, embora não consiga planejar nada, já que permanece casado e ainda não vê nenhuma possibilidade de falar do seu envolvimento afetivo por Jaques com a esposa e com os filhos.

Pela primeira vez Fábio vive tem um relacionamento por meio do qual pode expressar o que é e o que sente. Tece comentários sobre a sua relação com Jaques: *"... a minha vida com o Jacques é real! Aí é que eu acho que está a grande diferença em relação ao meu relacionamento com a Sandra"*. Afirma que no seu casamento sempre teve que usar uma máscara, sendo que com Jaques não precisa disso: *"... com ele, o principal é que eu estou sendo autêntico! Isso é um grande alívio. Não preciso estar montando uma personalidade que o agrada. Ele gosta da minha personalidade como eu sou. Esse é um prazer que eu tenho hoje. Tenho alguém do meu lado que me conhece por inteiro"*.

Por enquanto vive sem planejar muito: *"...do jeito que deu, deixa..."*, embora Jaques seja o oposto dele: *"...gosta de saber exatamente como vai ser..."*. Por isso, um projeto de vida a dois está difícil. Mesmo que tenham planos de vida em comum, não há previsão sobre como torná-los viáveis. Refere que a grande dificuldade é lidar com o seu casamento, sua família: *"...num primeiro momento, a idéia foi essa: olha, eu quero sair fora disso e ficar do lado de lá, mas sair fora disso... tem dois filhos... todo um... é difícil. Mas eu queria mesmo era mudar"*. Explica que nos momentos em que está longe de Jaques fica tudo *"pesado"*. Geralmente passa os finais de semana com a família, *"cumprindo"* o seu *"papel social"* e durante a semana está mais próximo de Jaques, *"vivendo o meu prazer"*, conforme explicitou.

Sobre a manutenção de dois relacionamentos ao mesmo tempo, afirma que *“... eu acho que pela primeira vez na vida eu estou fazendo o casamento de duas coisas que andavam em paralelo... entendeu? Tipo... a sexualidade andava por um lado e a vida social andava por outro...”*. Mais adiante complementa o que disse, demonstrando ter a fórmula de como obter o que precisa: *“... o relacionamento de casamento que é puramente social... e o relacionamento com o Jacques que é um pouco mais completo... eu tenho sexo e tenho o social também...”*. Apesar de saber que não é o ideal, percebe que é o arranjo possível no momento, já que pela primeira vez se enxerga mais completo: *“... mas eu acho que existe essa coisa que está bem forte... tipo... eu estou me sentindo mais completo. Eu estou vivendo uma vida mais completa”*.

### **Fábio – Análise do Caso**

O que se destaca logo no início do relato de Fábio é o fato dele ter vivido uma infância solitária no que diz respeito ao convívio familiar. Embora refira estar sempre com alguém em casa (babá, empregada, irmãos), percebe-se uma convivência menos próxima com os pais, uma vez que ambos trabalhavam extradomiciliarmente, e mesmo com a irmã e o irmão mais velho. Pelo menos no que se diz respeito ao seu relacionamento com o pai, esta hipótese ganha força quando, posteriormente, revela ter se aproximado dele à medida que passou a freqüentar o boteco, jogar sinuca e beber. Quando relata que aprendeu a andar sozinho no berço, percebe-se que esse sentimento de estar só é precoce. Mesmo ao se referir às brincadeiras na infância destaca o irmão, Paulo, como seu mais assíduo companheiro. Pode-se associar essa vivência com aspectos ulteriores, como a sua referida efemeridade de relacionamentos na adolescência: *“nunca tive nenhum relacionamento fixo...”* , quando admite ter “ficado” com muitas

meninas e meninos, embora ninguém que considerasse um relacionamento de fato.

Já na infância evidencia-se o aspecto competitivo no relacionamento com os irmãos que, embora comum nesta fase de desenvolvimento, parece se configurar como um padrão que ele passou a fazer uso nos relacionamentos com os meninos (infância e puberdade) e com os rapazes (adolescência e início da vida adulta), sendo também um aspecto central na organização da masculinidade.

O destaque que Fábio dá ao fato de sempre ter precisado esconder e negar todos os desejos que emergiam em relação aos meninos e rapazes, afirmando que se sentia anormal por isso, permite pensar na proposição sobre a heterossexualidade como um regulador da identidade de gênero masculina: ou seja, normal seria fazer e ser como os outros moleques, que embora participassem das brincadeiras sexuais tanto no papel de ativo quanto no de passivo, jamais demonstravam sentir ternura ou carinho pelo companheiro do jogo sexual. Mais tarde, refere que essa atração e desejo por homens tiveram que permanecer escondidos durante toda a sua vida, pois, no seu entendimento, era isso que o mantinha diferente (*“anormal”*) dos demais homens, ou seja, o deixava de fora do grupo dos “homens de verdade”. Compreende-se que, sob este ponto de vista, a pior humilhação para Fábio consistiria em ser transformado em mulher, isto é, ser chamado de “mulherzinha”. É sabido que a forma mais contundente de expor um homem ao ridículo, ou colocar em dúvida a sua masculinidade, é debochar da sua virilidade acusando-o de homossexual ou se referir a ele como se fosse mulher (Bourdieu, 2005).

Fábio adota estratégias que o ajudam a ser visto e a se perceber como homem: namora as garotas por intermédio dos amigos, passa a jogar futebol e sinuca, bem como beber no boteco com o pai e o irmão mais velho, além de competir com Paulo e outros amigos em relação às garotas (namoradas ou aquelas que eram objeto de interesse deles), ou seja, atua de modo a manter todas as prerrogativas associadas à masculinidade hegemônica.

Outro aspecto a destacar na descrição feita por Fábio, e que também é pautado nas prerrogativas da masculinidade hegemônica, diz respeito ao fato de que existe uma regulamentação sobre a performance masculina que indica não só o que pode ser feito, mas como, com quem e sob quais condições, conduzindo-o a se perceber diferente dos outros adolescentes quanto à sua sexualidade. Daí se compreende todo o seu esforço em disfarçar a homossexualidade através da demonstração de interesse por garotas, especialmente na adolescência e no início da vida adulta. Seus namoros serviam para sustentar a sua masculinidade: como se percebia diferente dos demais rapazes e também identificava os códigos que regulamentavam a masculinidade entre eles, adotava atitudes e condutas que favoreciam o distanciamento da pecha de “veado” que alguns tentavam lhe atribuir. Conforme discutido no capítulo 2, uma das condições para se tornar um “verdadeiro homem” é receber da mulher um atestado que comprove essa condição (DaMatta, 1997) e é, também, ser validado pela confraria dos homens.

Quando se refere aos relacionamentos afetivos inconstantes que manteve durante a adolescência, destaca-se novamente o que foi comentado logo no início desta análise sobre as dificuldades concretas de relacionamento que ele

apresentava. Esta inconstância revela tanto seu afastamento [dificuldade de troca afetiva] das mulheres quanto dos homens, já que com nenhum deles relatou ter tido um relacionamento mais duradouro. É possível supor aqui, conforme já explicitado, que buscar se relacionar com as mulheres, mesmo não obtendo o êxito que ensejava, servia ao propósito de se afirmar como homem [tanto para ele próprio quanto para os outros]. Por outro lado, evitar o relacionamento com os rapazes, para além de servir ao mesmo propósito, agregava outro componente importante nesta dinâmica de construção de si como homem: a homofobia internalizada, que não lhe permitia uma entrega aberta e irrestrita. Isto se evidencia quando ele se remete ao amigo adolescente que expressou desejo sexual por ele convidando-o para uma transa. Embora posteriormente tenha considerado que havia “algo especial” naquele relacionamento, não conseguiu reconhecer o próprio desejo e se abrir [ou se assumir por meio do] com o amigo.

Ao relatar sobre a sua primeira paixão por uma amiga do colégio, é possível pensar que ele próprio não conseguia dar vazão aos sentimentos e a atração que as mulheres exerciam sobre ele. Não fica claro se a paixão que sentiu pela amiga foi de fato tão intensa ou se ela se tornou marcante pelo fato de não ter sido correspondida pela garota. Algo que ele comenta ao descrever o episódio no qual se declara apaixonado acaba desvelando a real intenção que ele nutria: *“...eu vou arriscar, mas se der certo eu me firmo...”* Novamente se destaca aqui o desejo de afirmar a sua masculinidade por meio do relacionamento com uma mulher, como se isto pudesse afastá-lo da atração que sentia por homens.

Tudo isso faz com que ele se depare envolto por uma tremenda armadilha na qual não lhe resta outra opção além da solidão: a sua homossexualidade não

favorece o seu envolvimento com mulheres e, ao mesmo tempo, a sua necessidade de afirmação como homem o afasta da possibilidade de se relacionar com outros rapazes.

Embora o relato de Fábio sobre o engajamento nas atividades de trabalho e sobre a profissão não tenham tido maior ênfase na narração da sua história de vida, é possível perceber que ele destaca a auto-suficiência e a independência financeira como conquistas que lhe favoreceram maior segurança, ou autoconfiança, outro atributo atrelado à definição de uma masculinidade efetiva. Conforme apontado em capítulo anterior, o mundo do trabalho extradomiciliar está associado à masculinidade e à sua reprodução. Apesar de ter sido somente no terceiro emprego que Fábio teve esta percepção, ou de fato conseguiu condições de se auto-sustentar, a área de trabalho na qual isto aconteceu é a de informática, um ramo muito associado com o mundo masculino. Sob o aspecto do gênero, é possível pensar que foi uma forma dele negociar a própria masculinidade e, de algum modo, manter aliança com as prerrogativas hegemônicas.

O episódio de reaproximação de Marcelo (irmão mais velho) e do pai, conforme mencionado no início desta análise, pode ser entendido como mais uma tentativa na tarefa de tornar-se homem que ele vinha empreendendo: o bar, o futebol, a sinuca e a bebida são objetos e redutos bastante associados à masculinidade. Eles envolvem certos rituais e modalidades de relação que colaboram para a configuração de um modo de ser masculino que, na nossa cultura, está enormemente vinculado à virilidade (machão / macho). Estes eventos e situações são representantes do que Connell (1995; 2005) denominou de arenas de negociação, de afirmação e de reprodução do masculino.

A história de vida de Fábio serve para ilustrar a dinâmica da construção da masculinidade com todos os seus percalços e labirintos, todas as suas tensões e ambigüidades (Connell, 1995; 2002), favorecendo o entendimento de que se trata de um projeto complexo e dinâmico.

Como adulto, ele tenta negociar a própria masculinidade buscando atender àquilo que os amigos e os familiares esperavam dele, envolvendo-se com mulheres apesar delas não exercerem um poder de atração sexual sobre ele. Descreve seus relacionamentos favorecidos por intermédio dos amigos como uma missão a ser cumprida enquanto homem, provavelmente mais para eles do que para si próprio. Ainda assim, é possível pensar que havia certa frustração por se perceber com baixa libido e pouco interesse por mulheres. Contudo, é difícil avaliar se as mulheres da vida dele apenas contribuíram para ele se auto-afirmar como homem diferenciando-se delas, uma vez que ele expressou admiração por elas como pessoas inteligentes, amigas, sensíveis e com quem tinha ótimas conversas. Talvez houvesse também o desejo de ser autorizado como um homem sensível, que, mesmo assim, continuava a ser homem.

O casamento e a paternidade são aspectos que permitem ampliar a compreensão do seu projeto masculino. Embora tenha afirmado inicialmente que não se casou para cumprir um papel social, posteriormente acaba admitindo ser cômodo para ele manter o casamento. Aqui é possível pensar que o casamento ? e também a paternidade, como será discutido ? cumprem uma função central na construção da sua masculinidade na vida adulta, uma vez que estar casado com uma mulher não deixa de ser um atestado da sua inclusão no “mundo dos verdadeiros homens”.

Quanto à paternidade, se ela comporta uma importância central na vida dele hoje, algo que se destacou bastante nas entrevistas [talvez o tópico sobre o qual ele falou com mais vigor e compenetração], não deixa de estar associada aos ideais masculinos atrelados à condição de pai e ao exercício desta paternidade. De fato, Fábio destacou a leveza e a soltura que a paternidade lhe proporciona. A preocupação externada com o futuro dos garotos denota o caráter de cuidado e proteção que esta paternidade tem para ele. No entanto, estes aspectos devem ser entendidos de um ponto-de-vista mais amplo, uma vez que a paternidade permite ao homem se perceber como tal e, ao mesmo tempo, afirmar a masculinidade perante as outras pessoas.

Ao comentar sobre o seu relacionamento com Jaques, em contraposição ao seu casamento com Sandra, fica patente como guardou [ou 'bloqueou', em suas palavras] em seu passado uma característica que não podia vir à tona, uma parte importante de si, que não se tratava somente de um impulso sexual por homens, mas também de um aspecto de sua personalidade que se percebe como "homem inteiro" assim, com esse desejo por homens. No entanto, sua vida com Sandra denota a permanência desses aspectos negados e bloqueados que não podem ser totalmente revelados, uma vez que as prerrogativas da masculinidade comportam apenas e exclusivamente o desejo heterossexual.

Fábio experimenta hoje a intensidade de uma experiência amorosa que é típica da reavaliação do meio da vida (sob a ótica do ciclo vital humano), quando se permite uma maior aproximação de aspectos centrais do si mesmo. Ele vibra e quer estar junto de quem gosta, algo que é sentido por ele como recíproco. Do jeito que descreve a atual situação com Jaques e com Sandra, parece ter

encontrado momentaneamente a fórmula para levar uma vida dupla da qual quer se afastar, embora não saiba ainda como assumir inteiramente seu relacionamento amoroso com um homem. O que impede esta tomada de decisão é a provável reação da família (principalmente dos filhos) e das pessoas com as quais convive e trabalha, embora seja possível pensar que “sair do armário” significa se haver com tudo aquilo que tem sustentado a crença de que ele é um “homem normal”, ou seja, um homem de verdade.

Embora não se perceba mais com os conflitos e com a necessidade de se esconder como antes dos 40 anos, ainda guarda a necessidade de não se revelar por inteiro e negociar, ou abrir mão, das prerrogativas da masculinidade hegemônica que, de alguma forma, têm sustentado a sua performance masculina até agora. Aparentemente o que está hoje segurando sua decisão seria, como aponta, o lado cômodo de ter o papel social de homem casado, pai de família. Certamente esse papel social, a família e tudo o que está atrelado a isso comporta um emaranhado de significados construídos ao longo de sua história de vida, pois para Fábio é e sempre será uma forma de ser homem, de exercer os papéis sociais como pai e marido. Por outro lado, o relacionamento com Jaques favorece a satisfação amorosa e sexual, que não é concretizada na relação heterossexual com a esposa.

Sendo assim, a vida dupla que Fábio está levando atualmente e que tem lhe propiciado um sentimento de completude foi a solução encontrada por ele para exprimir a afetividade e os sentimentos que sempre nutriu por homens e, ao mesmo tempo, permitir que ele permaneça na condição de homem cuja

masculinidade está pautada por normas, valores, atitudes e condutas condizentes com a heteronormatividade.

A despeito das mudanças no contexto social, no que se refere à aceitação da homossexualidade, desde que se “fez homem” durante a adolescência, Fábio opta por uma posição conservadora que se justifica por seu projeto masculino hegemônico. Talvez, dar conta da duplicidade de vida amorosa-conjugal seja tarefa a ser negociada ao longo de seu processo de envelhecimento, durante o qual, presume-se, diminua o impacto das pressões sociais e as urgências de realização do si-mesmo se tornem mais presentes. De qualquer modo, aspectos de sua masculinidade permanecem ainda em aberto como tarefa de seu próximo estágio de desenvolvimento.

#### EM SÍNTESE:

Contando a sua história de vida, Fábio assinalou como a construção e negociação da sua masculinidade ao longo do tempo foi regulada fundamentalmente nos relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres e homens, sob uma dinâmica pautada nas prerrogativas do gênero masculino, em especial das normas ligadas a uma masculinidade hegemônica. O seu relato é um exemplo de como a construção da masculinidade se faz como resultado de relações dialéticas de aliança, dominação e subordinação com outros homens, bem como da centralidade das mulheres nesse processo (no caso dele, as mulheres com as quais se relacionou como amigo, namorado, parceiro sexual e esposo). Permite, ainda, entender a complexidade do processo que forja a condição masculina, que nunca cessa e exige constantes negociações, provas,

subterfúgios e performances, o que só reitera a posição aqui defendida de que não se nasce homem, mas é algo construído ao longo de toda a vida.

Se Fábio assumisse publicamente a sua atração sexual e afetiva por homens, certamente estaria abrindo mão das prerrogativas hegemônicas e seus privilégios. A solução que ele encontra para conciliar o relacionamento conjugal ? talvez mais especialmente o familiar do que o conjugal ? e o relacionamento com Jaques pode ser entendida como uma negociação feita dele para consigo próprio para se manter no privilégio (masculinidade cúmplice).

## JORGE

Jorge tem 41 anos e nasceu em São Paulo. Teve dois irmãos (o irmão do meio, Tomás, suicidou-se) e é o filho caçula. A diferença de idade entre ele e Tomás é de quatro anos. Está no segundo casamento, tem dois filhos: Eduardo, de 15 anos, do seu primeiro casamento, e Beatriz, de 3 anos, do casamento atual. Na ocasião da entrevista estava aguardando o nascimento do terceiro filho.

Tem formação universitária e trabalha como profissional liberal na área da saúde há mais de 15 anos.

## INFÂNCIA E MENINICE

Desde a sua infância os pais trabalharam fora de casa: a mãe como médica e o pai como corretor de imóveis: *"... minha mãe trabalhava muito. Ela era anestesista no Hospital. Dava plantão e tudo mais. Então, a gente era criado por empregadas, né.... Então, ela não tinha muita noção do que acontecia com a gente"*.

A família morava num bairro da Zona Sul de São Paulo, numa casa. Descreve-se como um assistente de tudo o que acontecia com os irmãos na infância porque eles tinham uma vida intensa e não gostavam muito de levá-lo junto para acompanhá-los. Por conta disso, estava sempre *"de penduricalho"* na história por causa da diferença de idade com os irmãos (os irmãos, entre eles, tinham uma diferença de 1 ano e meio). Com cerca de 4 anos, queria participar de todas as brincadeiras que os irmãos faziam com os amigos na rua, mas não tinha condição. Afirma que Fred, o mais velho, teve uma história muito intensa. Fred sempre foi muito rebelde com relação ao pai. Havia muitos conflitos entre eles. Já

mais velho, o irmão participou da luta política do período ditatorial e foi torturado. Jorge afirma que, por conta disso, Fred sempre foi um herói para ele. Já o pai, não.

Segundo seu relato, o pai era *"muito ausente"* e, quando estava presente, esta presença se fazia *"de forma agressiva"*, pois o pai era um homem muito autoritário. A mãe, por outro lado, era quem dava as referências para todas as situações que aconteciam. Quando ele tinha algum conflito com outra criança na escola, ou na rua, ou em qualquer outro lugar, sempre vinha o que ele chama de comentário-chavão: *"... não traga seus problemas para dentro de casa. Resolva lá... resolva do jeito que tem que ser"*. Para ele, isso significava ter que *"partir para porrada"* sempre, o que o transformou num menino muito *"rebelde"*: *"... depois de um tempo, eu saía dando porrada mesmo, né... porque eu não podia chegar em casa com algum problema não resolvido... e isso não combinava comigo! Era muito dissociado, né. Não era isso que eu queria"*.

Um pouco mais velho, ainda na infância, fez seus próprios amigos e eventualmente passava horas na casa de um deles, durante o dia, quando os pais não estavam em casa, ou permanecia todo o final de semana e não queria voltar para casa.

Teve de mudar de escola algumas vezes por causa dos irmãos: os pais acabavam não tendo alternativa senão a de transferi-los de colégio porque Fred e Tomás estavam sempre provocando confusões: *"... era problema dos meus irmãos e que eu ia junto... Meus irmãos sempre tinham problema na escola, ou repetiam, ou tinham algum problema de relacionamento... e aí, quando eu via, eu estava indo junto"*.

Jorge sempre foi um *“excelente aluno”*, até que a mãe decidiu transferi-lo para uma conceituada escola de São Paulo que ele odiou. Por conta disso, não ia para a aula e acabou sendo reprovado por falta: *“... eu estava na 8ª série e acabei repetindo por falta. (...) Meu ódio pela escola foi porque lá eles eram muito autoritários, o que remetia ao autoritarismo do meu pai que eu também não suportava”*.

## ADOLESCÊNCIA, AUTO-ESTIMA, NAMOROS E AMIZADES

Relata que o início da adolescência foi muito sofrido porque ele engordou e ficou cheio de espinhas, o que mexeu profundamente com a sua auto-estima e a sua autoconfiança. Convivia com um grupo que freqüentava o mesmo clube e se lembra de ficar no meio das garotas e dos garotos que namoravam entre si, enquanto ele morria de vergonha e só o que lhe restava era ficar de platéia: *“... então eu via tudo aquilo, assistia tudo aquilo, mas eu não conseguia participar... Tinha muita vontade de... de participar, mas aí eu ficava meio isolado”*.

Seu primeiro namoro aconteceu quando tinha 13 anos. Refere-se à primeira namorada como *“problemática”*. Acabou descobrindo que ela estava mantendo dois relacionamentos ao mesmo tempo. Isso porque a prima dela namorava com Tomás, seu irmão do meio: *“... e essa que eu me apaixonei um pouco era prima dessa namorada do meu irmão... Então fui viver a história do outro, né? Só que ela era muito problemática, então na hora que eu me relacionei com ela, pumba: ela foi lá e teve um caso com outro. E aí eu chutei o pau da barraca”*. Afirma que não chegou a ficar apaixonado por ela, mas sentiu atração porque ela estava sempre lhe dando bola: *“... era uma atração, né... era uma coisa fácil... era alguém que estava me dando bola (...) e eu me sentia muito*

*preconceituado (sic) naquele grupo (...) Foi alguém que me trouxe uma luz naquela história toda". O término deste namoro coincidiu com o afastamento dele do grupo de amigos do clube. Comenta que este afastamento permitiu que ele se libertasse de todas as gozações das quais era alvo. A partir daí [mais para o final da adolescência], teve vários relacionamentos com garotas.*

Chegou a ter envolvimento com drogas entre os 13 e 15 anos. Aos 16 resolveu que iria largar a droga e mudar de vida: *"... eu não queria mais aquela vida que eu estava tendo e fiz uma mudança muito radical. Eu me rebelei contra mim mesmo e comecei a fazer teatro no clube [do qual ele e a família eram sócios]. Ali eu comecei a mudar de círculo de amizades. O pessoal com que eu andava na época que usava droga... começava assim: comprava droga e sempre enganava o outro na hora de distribuir. Um querendo fazer negócio tendo vantagem em cima do outro... e eu não tinha esse espírito de negócios e de vantagens. Eu sempre queria uma coisa mais harmoniosa entre as pessoas. Aí eu comecei a perceber que aquele não era o meu grupo social. E aí eu parei com as drogas. E porque eu parei com as drogas, aquele grupo já não queria mais a minha presença".* Passou a se relacionar com um grupo de amigos com os quais tinha maior afinidade e cuja amizade ele mantém até hoje.

Os familiares de Jorge tinham o costume de interceptar seus telefonemas com as namoradas e depois ficar fazendo piada em cima das conversas ouvidas, o que o deixava indignado pelo desrespeito: *"... isso era muito complicado! Tudo que eu fazia, eles sabiam... e ficavam controlando, né. E isso não é problema deles, né. Eu não tenho que participar desse tipo de situação!"*

Também nesse período jogava rúgbi e fazia ioga: *"... era muito louco, porque eu ia jogar rúgbi e durante a semana fazia ioga (gargalhando). Então, era completamente distinto, né. E sempre gostando de coisas corporais, de atividades de corpo, tal. Então, eu me matava no final de semana, voltava todo arreventado... parecia que eu estava voltando da guerra e, durante a semana, eu ia para as minhas atividades de ioga, relaxamento, meditação e treino de rúgbi tudo junto, né"*. No último ano de vestibular foi convocado para a seleção brasileira de rúgbi e acabou aceitando o convite. Porém, no segundo semestre desistiu porque precisava prestar vestibular. Resolveu fazer a seleção para o curso de Medicina, reconhecendo que a mãe era uma referência muito forte para ele e que, na verdade, era ela que simbolizava o masculino dentro de casa, dando ordens e tomando decisões em nome da família: *"... lógico, fui fazer vestibular para Medicina, né... porque era o meu padrão masculino, né"*. Acabou não conseguindo entrar na Faculdade por dez nomes na lista.

Com 18 anos foi convocado pelo CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) e ficou muito feliz. Foi o seu primeiro confronto mais direto com os pais, que tinham conseguido livrar os dois filhos mais velhos do serviço militar e não queriam que Jorge servisse: *"... achei que aquilo era o máximo do masculino que eu poderia atingir na época, né, e fui fazer Exército. O CPOR era um exército diferenciado, eu achava que era legal e isso era uma outra coisa que eu estava me rebelando, porque eu vi os meus pais livrando os meus irmãos do Exército, pagando, e eu não admitia isso. (...) Hoje eu me dou conta de quanto eu tive força pra enfrentar esse tipo de situação"*. Admite que prestar serviço militar comportou vantagens e desvantagens e faz uma comparação entre o autoritarismo do pai e do exército : *"... fiz, foi muito bom pra mim ter feito e foi*

*muito ruim, tá? Porque eu demorei acho que uns quatro, cinco anos de terapia pra me livrar do ranço autoritário que eu já vinha herdando do meu pai e consolidei no Exército, né. E esse ranço autoritário que vinha do meu pai era muito claro... como ele não tinha um projeto masculino, então ele colocava o autoritarismo como uma maneira de exercer isso, né. Então, ele impunha a vontade dele para que a gente se permitisse a isso”.*

## ESTUDOS, VIAGENS E BAR MITZVAH: A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA

No ano seguinte à saída do Exército iniciou o curso de Direito, cuja escolha foi feita depois de ter recebido uma proposta de um amigo do pai para trabalhar com ele no Escritório de Advocacia. O curso não o atraía muito, embora estivesse indo muito bem: *“... eu ficava pensando: não é bem isso que eu quero ser quando eu crescer”*. Decidiu trancá-lo e viajar para Israel.

Jorge é de família judaica e considerou que essa viagem seria uma ótima oportunidade para fazer o seu *Bar Mitzvah*. Segundo ele, quando mais novo, por volta dos 13 anos, os pais não o incentivaram a fazer o *bar mitzvah*, apesar dos avôs dele terem sido rabinos: *“... e minha mãe sempre chantageando, né, aquela típica mãe judia, né. Por exemplo, um dos rituais que seria importante, que seria o Bar Mitzvah, de 13 anos, que é um ritual do masculino,... eles me chantagearam pra que eu não fizesse: ‘não, você... quando você fizer 18 anos você ganha uma viagem... não precisa fazer’. O meu pai vem de uma história meio comunista também, tal, e eles não tinham esta questão religiosa, apesar dos meus avôs serem rabinos e tudo mais. E é um ritual superimportante, né, porque é o ritual de transformação, de maioridade, do masculino e tal... e aí eu falei: ‘tá bom, então eu vou viajar!’*. Então, quando eu fiz 18 anos, minha mãe não queria dar a viagem

*porque ela mantinha todo mundo ali, preso à ela. E aí, com o Exército, eu tive direito a um estágio que remunerava muito bem. Então, com esse dinheiro eu falei: 'tô indo...' (gargalhando) e passei um ano viajando, né".*

Após ter ido para Israel e feito o *Bar Mitzvah*, Jorge viajou de mochila nas costas pela Europa durante um ano. Lá, envolveu-se novamente com drogas: "... foi supergostoso ter viajado. Aí voltei a ter contato com drogas lá na Europa, né, porque ali todo mundo fumava haxixe e os estrangeiros bebem muito, tal... Mas aí quando eu voltei para o Brasil eu parei tudo de novo. Eu olhei pra aquilo e falei: 'não, deixa eu parar com isso de novo!' E foi aí que eu comecei a fazer terapia, também".

Procurou retomar o curso de Direito assim que chegou ao Brasil, mas só conseguiu suportar por dois meses e resolveu largá-lo de vez. Afirma que os amigos, suas referências, já não eram mais os mesmos. Depois de desistir do curso de Direito, foi fazer faculdade de Fisioterapia. Relata que a escolha foi resultado de um conjunto de identificações que havia com coisas relacionadas ao corpo. Os anos que passara jogando rúgbi e fazendo ioga, além de um período no qual participou de um curso de teatro [que envolvia dança e coreografia], fez com que ele percebesse que uma profissão voltada para o corpo lhe agradaria e traria satisfação.

## INÍCIO DA VIDA ADULTA: AMORES E DESAFIOS

Durante o curso de Fisioterapia conheceu sua primeira esposa, Vanessa. Ela era de outro estado e estava morando sozinha em São Paulo. Eles começaram a namorar, viajavam juntos. Vanessa também tinha vontade de fazer faculdade e os interesses dos dois se assemelhavam.

No último ano da faculdade, Vanessa engravidou e Jorge descobriu que tinha um adenoma brônquio (tumor de pulmão). Sofreu cirurgia no final daquele ano e em janeiro voltou para as aulas no interior, onde estudava. Eles decidiram que teriam o filho juntos e depois se casariam. Recorda-se da conversa que teve com Vanessa quando ela lhe revelou que estava grávida: *“eu sou um homem. Eu vou assumir a situação”*. Para ele, isto significava ter que se submeter às transformações que este evento trazia para sua vida, isto é, assumir todas as responsabilidades decorrentes: *“... quando você tem um filho, (...) o mundo te coloca uma responsabilidade, mas também te dá suporte pra você poder lidar com isso. Então, teu trabalho aumenta: você tem que fazer compras pra casa, você tem que cuidar da relação familiar, quer dizer, eu me assumir como um pai de família, um chefe de família, né”*. Eduardo nasceu e Jorge afirma que Vanessa não estava preparada para ser mãe. Por conta disso, segundo ele, o casamento se tornou insuportável. Na época, ele vivia com o dinheiro que recebia no estágio que estava fazendo. Vanessa também trabalhava.

O fato é que o casamento não deu certo e ele decidiu sair de casa. Pela primeira vez estava se auto-sustentando e morando sozinho [ficou quatro anos morando só]. Alugou uma casa na qual morava e fazia os seus atendimentos como fisioterapeuta. Afirma que foi um período muito legal da sua vida. Começou a fazer faculdade de psicologia e reatou com Vanessa, mas, mais uma vez, não deu certo.

## DO SEGUNDO CASAMENTO AO MOMENTO ATUAL

Acabou conhecendo Mirella, sua atual esposa, alguns anos depois de se separar definitivamente de Vanessa. Mirella é professora universitária e na

ocasião tinha acabado de retornar do exterior, onde tinha ido fazer o doutorado. Jorge afirma que houve uma identificação imediata e comenta: *"... ela gostava do homem que eu era. Com todos os defeitos e qualidades"*. Afirma que ao conhecê-la estava mais amadurecido e que também pôde percebê-la de forma mais inteira, com as virtudes e as imperfeições. Comenta que namorou várias vezes com muitas garotas, mas nada que tivesse tido importância a ponto de pensar num relacionamento mais sério. Realça que não namorou por namorar, *"... não estava exercendo aquela coisa masculina de vou ficar com quinhentas mil depois da separação"*.

Diz que o relacionamento com Mirella lhe propiciou muita satisfação desde o início e que eles têm um casamento muito feliz: *"... casei com uma pessoa que me realiza como homem de uma maneira completa"*.

## PATERNIDADE

Jorge comenta que até saber que seria pai pela primeira vez se considerava um menino. A decisão de assumir a criança e o relacionamento com Vanessa provocou grande transformação em sua vida, dizendo que se assumiu como um homem adulto e responsável. Por outro lado, segundo ele, Vanessa parece ter se assustado com esta mudança: *"... porque até então eu era menino... pra menino e namorado servia... pra um homem, ela não lidava com isso. (...) Porque aí ela se transformou... ela se escondeu na maternidade de uma maneira muito intensa. (...) Cansei de cobrar a volta dela: 'vamos assumir isso tudo junto! Não o filho, o projeto de vida!' O filho é o resultado de um projeto. Então, não consegui fazer isso junto"*.

O fato de ser pai de Eduardo pesou muito na decisão de se casar novamente. Jorge afirma que só foi para um novo casamento quando teve certeza de que Eduardo e Mirella se davam bem. Segundo ele, até então nenhuma namorada tinha reunido condições para lidar com o garoto do jeito que ele desejava: *"... eu tive várias namoradas que não tinham a menor condição, né... Então a hora que isso ficava transparente, eu virava pra elas e falava assim: 'olha, tá muito legal, mas tchau!'... Não dá, né? Ele era uma prioridade pra mim..."*. Além do amor que sentia por Mirella, ela apresentava algumas condições que foram cruciais na hora dele decidir pelo casamento: a mãe tinha falecido quando ela ainda era criança, o pai havia se casado novamente e ela sabia como era para uma criança conviver com a nova esposa do pai. Outro ponto favorável é que ela e Eduardo se deram muito bem desde o início.

Para Jorge, os filhos têm grande importância e, além disso, um significado particular: *"... é a continuidade do meu masculino seguindo o curso da vida"*.

## PROJETO MASCULINO

Ele também teceu algumas considerações sobre o seu projeto masculino, uma vez que sabia ser esse o tema do trabalho. Mas havia também outro motivo para falar sobre isso, uma vez que fez psicoterapia durante alguns anos visando exatamente ir ao encontro da sua identidade como homem: *"... eu estava buscando um projeto de liberdade da minha mãe (rindo), né... é bem claro isso. Minha mãe boicotava o masculino de todo mundo. Ela controlava com dinheiro, com exemplos errados... e ao mesmo tempo em que ela parecia uma mãe acolhedora, na verdade ela estava ferrando com todo mundo... ela era a única que podia ter a identidade masculina, né.... (...)* Por isso que eu digo: foi muita terapia

*para poder lidar com todas essas questões, né, poder suportar a solidão de buscar uma identidade”.*

Continua o relato esclarecendo que significado este projeto tinha na vida dele atualmente: *“... eu busco uma objetividade muito grande na minha vida... Eu busco uma reorganização das minhas coisas... Eu busco uma racionalidade associada à emotividade de uma maneira muito concreta... e sempre com uma forma direta de lidar com o pensamento, sem rodeios, tá? Acho que pra mim isso é ser masculino... é, por exemplo, é constituir uma nova família... é buscar flexibilidade na solução das coisas... mas buscar praticidade, entendeu? Ter minha sensibilidade, que isso faz parte da minha vida, mas procurar executar as coisas que eu tenho que executar, né...”*

Afirma não ter uma ambição de riqueza, algo que para ele está associado com um “masculino exacerbado”, mas sim de realização profissional e intelectual. Diz lutar contra uma tendência ao comodismo, buscando sempre uma referência na sua sensibilidade: *“... eu não tenho grandes projetos materiais. Tenho... assim... quero ter o meu lar firmado, solidificado, né... quero ter outras coisas, mas dentro de uma referência sensível... Eu acho que é isso que eu busco como referência masculina”.*

Também atribui importância nesse processo de tornar-se homem ao que chamou de “referência feminina”: *“... minha referência feminina foi a minha terapeuta, né? (risos) Eu acho... super-referência nela. Ela me dava muito chão... até pra eu me separar dessa coisa misturada [a mãe e o pai associados à masculinidade mais rígida e autoritária] ... e poder ver o que é uma mulher, qual é o papel de uma mulher (...) o quanto essa coisa de sensibilidade não deve ser*

*controlada, né. (...) Buscar uma mulher sensível que saiba lidar comigo, com os meus prós e contras, entendeu? (...) Com os meus excessos de agressividade, ou minha falta de agressividade... e não que acolha meus problemas! Eu não quero ninguém me acolhendo e me dominando pelo acolhimento”.*

### **Jorge – Análise do Caso**

O que se destaca inicialmente no relato de Jorge é um começo de infância privado da possibilidade de brincar com os irmãos pela diferença de idade entre eles, o que o tornava um observador dos jogos e brincadeiras. Ainda assim, tinha admiração pelo irmão mais velho, Fred, e já adolescente o adotou como seu herói, algo que será comentado mais adiante.

Por outro lado, a convivência com os pais é relatada como escassa, especialmente com a mãe, que era médica anestesista. Ambos, pai e mãe, são referidos como autoritários e parece que esta característica é um dos contrapontos a partir do qual Jorge irá forjar a própria masculinidade. Ele narra que ainda pequeno, já convivendo com seu próprio grupo de amigos, recebia orientação da mãe para não levar para casa os problemas ou conflitos ocorridos na rua. A ordem é que resolvesse tudo sozinho, o que era interpretado por ele como “partir para a porrada”. A regra era seguida e ele próprio admite ter se transformado num garoto rebelde por causa disso, mas sob muita insatisfação da sua parte. O comportamento da mãe lhe exigia uma masculinidade tradicional – agressiva, competitiva e independente – mas o que parece é que buscava nos pais [no pai?] outra referência para lidar com os conflitos interpessoais. Mas, como é a mãe que é apontada como lhe fazendo esta orientação, é possível pensar que a busca dele era por uma referência do que comumente está

associado ao feminino: atenção, sensibilidade, compreensão. Quando comenta que chegava a passar grande parte do seu dia na casa de um amigo, às vezes o final de semana, sem querer retornar, dá a entender que ali esta referência era encontrada, provavelmente na figura da mãe do amigo.

As mudanças de colégios que ocorreram entre a infância e a adolescência dão a entender que Jorge acabava ficando submetido àquilo que acontecia com os irmãos. Ele era um aluno excelente, mas isto não era considerado e, de algum modo, a sua vontade parecia não ter importância. Com isso, a sua rebeldia se exacerba a ponto de ele ser reprovado na escola. De algum modo, a sua masculinidade vai sendo forjada com base na agressividade (“dar porrada”) e na rebeldia (não ir para a aula, ser reprovado), como forma de se contrapor ao autoritarismo dos pais e do colégio, o que, de fato, significa seguir seu modelo agressivo e impositivo. Aqui se torna compreensível a sua identificação com Fred, o irmão mais velho que se rebelou contra o pai e foi militante político, exemplo típico de uma solução masculina hegemônica quando, em sua imaturidade e juventude, ainda se posiciona como um masculino subalterno.

As transformações da puberdade a que ele se refere permitem pensar na importância do corpo no processo de construção da sua masculinidade o início da juventude. Enquanto estava gordo e cheio de espinhas não tinha o respeito e a admiração do grupo de garotos e tampouco das garotas. A primeira namorada que arrumou neste período foi aquela (única) que lhe deu bola. De qualquer modo, é a mulher que lhe serve de contraponto (diferenciação) e, ao mesmo tempo, o autoriza como homem que é capaz de exercer fascínio e atração. Por

outro lado, é a mesma mulher que lhe mostra que ele pode ser trocado por outro, que não é único e nem insubstituível.

A experimentação e o envolvimento com drogas nesta fase, apesar de ser um fenômeno comum na adolescência, comporta aqui uma especificidade que merece ser comentada. Ao narrar sobre os motivos que o levaram a abandonar o uso de drogas naquele momento, Jorge faz referência ao fato de querer sempre uma harmonia entre as pessoas, algo que não estava mais ocorrendo no grupo. É possível interpretar que o uso da droga estava a serviço do encontro de uma harmonia por parte de alguém que agia como rebelde sem querer, que não sabia como lidar com a própria sensibilidade e que estava praticamente isolado da possibilidade de experimentar-se como homem através dos relacionamentos interpessoais de amizade e afetivo-sexuais. Também a experiência de jogador de rúgbi e como adepto da ioga parece servir de meio para lidar com duas características tidas como opostas, mas tão presentes na vida dele: a agressividade e a sensibilidade. Mas, além disso, o esporte também foi um artifício que serviu para transformar um corpo obeso e sem atrativos num outro forte e sedutor, mais apropriado a um “homem de verdade”, algo que teve um custo: *“...eu me matava no final de semana, voltava todo arreventado... parecia que eu estava voltando da guerra”*. Aqui o corpo é instrumento vital na construção da identidade masculina e, além disso, o espaço do esporte serve de laboratório para a experimentação das dinâmicas hierárquicas do poder que, para os homens, estabelece uma ordem humana na hierarquia a qual se submetem e ao mesmo tempo o validam em sua ascensão. O comentário que ele fez sobre ter tido vários relacionamentos com garotas na mesma época em que começou a

jogar rúgbi e fazer ioga só reitera a interpretação aqui apresentada: a demanda de afirmar-se masculino.

O episódio da prestação do serviço militar também é bastante significativo para o entendimento do projeto de gênero empreendido por Jorge. Em primeiro lugar, ele destaca que se tratava do CPOR, um “exército diferenciado”, e que achou que “aquilo era o máximo do masculino” que ele poderia atingir na época. Além disso, foi a primeira situação na qual ele se confrontou diretamente com os pais, que não queriam vê-lo servindo o exército. Aqui se percebe uma aliança clara com uma instituição que é uma das expressões máximas da hegemonia e do privilégio masculinos, e que comporta um forte simbolismo associado à honra, à disciplina e à força. Não se tratava, portanto, de qualquer masculinidade e sim daquela associada ao privilégio.

Por outro lado, a relação dele com o CPOR permite entender que o dinamismo do fazer e refazer da masculinidade comporta armadilhas e contradições. Embora tenha gostado da vida militar, admite ter achado muito ruim o autoritarismo com o qual se deparou no exército, que foi comparado ao autoritarismo paterno. A diferença entre os dois é que enquanto no exército, apesar do autoritarismo, ele pôde tirar proveito e aprendeu a gozar das prerrogativas associadas àquela instituição, com o pai as vantagens, se é que existiam, não estavam claras, pois ao longo de toda a entrevista ele o colocava como subalterno à mãe no domínio doméstico.

De todo o relato feito por Jorge sobre a sua história de vida, destaca-se com mais clareza a importância que os atributos simbólicos associados à masculinidade tiveram na configuração do seu projeto masculino. Talvez o evento

que melhor exemplifique esta argumentação é o do *bar mitzvah*. Jorge acaba empreendendo um cabo de guerra com os pais para poder realizar o seu *bar mitzvah*, algo que consegue quando vai sozinho para Israel. Ele chega a dizer que foi chantageado pelos pais para que não o fizesse. Sob o aspecto simbólico, este episódio é muito significativo, uma vez que, como ele próprio explica, trata-se de um ritual religioso que simboliza a transformação do menino em homem, isto é, um ritual da masculinidade. Embora Jorge já tivesse 18 anos, a cerimônia religiosa permite-lhe ao mesmo tempo opor-se aos pais e estabelecer uma continuidade cultural e religiosa maior, remetendo-o a um eu socialmente completo.

As considerações feitas por Jorge sobre os seus namoros detiveram-se nos relacionamentos que teve com Vanessa, sua primeira esposa e com Mirella, a esposa atual. Quanto ao relacionamento com Vanessa, ele destacou a sua reação após o nascimento de Eduardo, afirmando que ela não estava preparada para ser mãe e tampouco soube lidar com o fato de ele ter assumido a paternidade como parte de um projeto de vida que os envolvia. Este projeto, conforme ele próprio esclarece, comportava assumir as responsabilidades decorrentes do fato de se tornar pai, mas ia além delas: ele o transforma num projeto mais amplo, isto é, num projeto familiar e mantenedor de uma ordenação social maior: *".... então, teu trabalho aumenta: você tem que fazer compras pra casa, você tem que cuidar da relação familiar, quer dizer, eu me assumir como um pai de família, um chefe de família, né"*. Considerando o que os estudos têm apontado desde os anos 70 sobre as vantagens do casamento e da família para os homens (discutidas por Kimmel, 2004), é possível pensar que este foi o primeiro evento que se vislumbrou para Jorge como a oportunidade perfeita para

engendrar o seu plano de se tornar um homem adulto, uma vez que o casamento e a família serviriam de respaldo para realização do seu projeto de gênero: executar as coisas que tem que executar, fazer as coisas que um homem deve fazer, dar conta do projeto heteronormativo: tornar-se um homem real, heterossexual, casado com uma mulher real com a qual constrói uma família, e se realizar profissional e intelectualmente. Cabe lembrar que ele mesmo afirmou que é preciso ter o seu lar firmado e consolidado. Por outro lado, também chama a atenção a sua reação a um feminino que não atende às prescrições sociais (a mulher que não está preparada para ser mãe).

O relacionamento com Mirella parece servir ao mesmo propósito. No entanto, há outras especificidades que merecem ser destacadas nesta análise: Jorge comenta que ela gostava do homem que ele era (início do relacionamento), com todos os defeitos e qualidades. Mais adiante, revela que o relacionamento com Mirella o realiza totalmente. Se pensarmos em toda a batalha que ele empreendeu anteriormente para chegar num acordo entre a sua agressividade e a sua sensibilidade, como se o “tornar-se homem” só comportasse uma delas, parece que Mirella lhe responde que um homem pode combinar estas características e, ainda assim, ser atraente a ponto de uma mulher aceitá-lo totalmente. Aqui se explicita a dinâmica relacional engendrando os gêneros.

Tornar-se pai pela primeira vez ganha um significado muito especial e profundo, uma vez que ele declara que isto fez com que deixasse de ser menino para se tornar um homem, tornando-se membro da ordem social. De fato, embora o status da paternidade seja vez por outra objeto de deboche (é só prestar atenção nos desenhos animados e seriados de televisão em destaque

atualmente), para muitos homens ela é a validação da sua heterossexualidade, algo central para a construção de uma determinada masculinidade (hegemônica). Mas, para Jorge, há outro significado ainda mais profundo no fato de ser pai: é que os filhos representam *“a continuidade do masculino seguindo o curso da vida”*, ou seja, a masculinidade garante a ordem social.

#### EM SÍNTESE:

O relato da história de vida de Jorge apresenta um projeto de gênero forjado desde cedo em relação a expressões da masculinidade e da feminilidade não passíveis de distinção clara. O pai e a mãe eram muito parecidos no que dizia respeito às funções dentro de casa e fora dela. A mãe era aquela que tomava decisões sobre os rumos da casa e a vida dos filhos. O pai parecia não se opor a isso, mas, ao contrário, tudo indica que validava a posição da esposa na família como figura de autoridade e tinha também o seu lugar de comando. Sendo assim, as relações hierárquicas de poder entre os sexos na família de Jorge não estavam evidenciadas para ele. Quando a mãe o orientava a resolver sozinho as brigas / discussões com os amigos na rua, estava transmitindo aquilo que era considerado como da alçada masculina naquela família, isto é, um homem resolve sozinho os seus problemas. Mas isso não favorecia a distinção, ao contrário, só complicava as coisas para ele. Cabe destacar também a dificuldade que Jorge teve para lidar com um feminino não-estereotipado (a mãe; a primeira esposa, que “não soube ser mãe”).

Assim, Jorge viveu muito tempo tentando estabelecer uma distinção que favorecesse o entendimento de como ele deveria ser como homem. Precisou, se relacionar com mulheres e homens provavelmente mais imersos nas

prerrogativas de cada um dos gêneros para, a partir daí, buscar a conciliação entre duas de suas características mais evidenciadas (agressividade e sensibilidade) numa configuração do masculino que lhe permitisse compartilhar dos privilégios a ele associados.

A história dele é ainda ilustrativa dos combates que um indivíduo tem que travar para encontrar o seu lugar no mundo da masculinidade hegemônica, especialmente quando imerso numa gama de relacionamentos significativos cujas pessoas não estão rigidamente “generificadas”.

#### **4.2. A construção da masculinidade sob a ótica do gênero: uma releitura do conjunto das histórias de vida**

O que se observa das análises das quatro biografias é que há muitos pontos convergentes entre elas, embora cada um desses homens tenha uma história de vida peculiar. Juntas, as biografias oferecem um quadro que revela os múltiplos aspectos envolvidos na construção da masculinidade.

Primeiramente, se observa aquilo que a literatura aponta sobre a complexidade e dinamismo do projeto masculino (Connell, 1995; DaMatta, 1997). Os quatro entrevistados descreveram processos permeados de percalços e labirintos, tensões e ambigüidades, denotando que se tornar um homem é algo que nunca cessa, que exige constantes negociações, provas, subterfúgios e performances.

A masculinidade não se apresenta como uma identidade definida na infância ou adolescência, que está coberta por uma armadura a qual não é

retirada ou arejada nunca mais. Ao contrário, é algo negociado ao longo do tempo em diferentes arenas e com diferentes parceiros.

A família, especialmente a mãe e o pai, é co-partícipe na construção da ordem de gênero no nascimento, na infância e na adolescência. Mesmo não estando pautada no modelo tradicional que reproduz esta ordem, como nos casos de Renato e Jorge, ela expressa a sua centralidade enquanto a primeira instituição a sustentar a divisão de poder entre os gêneros e, portanto, a ordenação social.

As mães que fogem ao estereótipo feminino são criticadas (William e Jorge), seja por não serem afetivas e cuidadoras como “deveriam”, seja por “ocuparem uma posição que não lhes cabe”, como a provisão e a determinação das decisões dentro da família. Mesmo sendo profissionais bem-sucedidas, o que reflete um momento histórico característico, há oposição interna quanto a percebê-las como expressão de uma outra feminilidade, de uma outra forma de ser mulher. Assim, a mãe pode ser criticada quando é ela que exige do filho condutas típicas da masculinidade tradicional (Jorge), expressando aquilo que Ramírez (1999) observou quanto à incorporação de uma ideologia machista por homens e mulheres, ou ainda o que Pleck (1995) descreve como ideologia de gênero. Por outro lado, também é possível tirar proveito dos privilégios advindos da condição da mãe que detém este poder de decisão (Renato), o que reitera os meandros que envolvem o projeto masculino.

Quanto aos pais, os quatro relatos refletem uma condição histórica em que eles estão mais presentes nas vidas dos filhos, porém de forma ambígua: ora são elogiados e considerados pelo fato de terem provido e cuidado, de serem

companheiros de jogos, de viagens, de serem os que os protegem dos medos; ora são autoritários, fracos, distantes e não-facilitadores da afirmação dos próprios filhos perante a vida.

Diante disso, há muita ambivalência sendo expressa em relação a eles. É possível pensar naquilo que Kaufman (1987) afirma a respeito da experiência contraditória do poder masculino: se um pai é aquele que deve prover, controlar e socializar, ao buscar uma expressão, pela paternidade, de afetos e atitudes de companheirismo para com os filhos, corre o risco de desaprovação e crítica. Como foi visto em capítulo anterior, Pleck (1995) afirmou que os papéis de gênero contemporâneos são contraditórios e inconsistentes, sendo que violá-los costuma ter um alto custo (tensão do papel de gênero em suas três expressões).

De qualquer modo, parece que todos estes pais, com maior ou menor explicitação por parte dos relatos, tiveram papel fundamental no projeto de gênero destes homens: o de William, ao oferecer condições para que ele retomasse a sua trajetória hegemônica; o de Renato, ofertando-lhe os privilégios desde pequeno, por ser o único filho homem; o de Fábio, tributando-lhe na juventude a possibilidade de adentrar na arena masculina e, assim, participar dos rituais e modalidades de relações que colaboram para a configuração de uma masculinidade tradicional; e o de Jorge, desafiando-o a expressar a sua agressividade e sua raiva como forma de se afirmar no mundo.

O corpo e a sexualidade masculinos se apresentam tanto como instrumentos de afirmação de poder, força, competência física e atestado da masculinidade, quanto como atributos que podem deixar um homem à margem dela. Assim, não é qualquer corpo que serve ao processo de moldagem do

projeto de gênero masculino. Os entrevistados mostram como, de algum modo, é possível postular que a corporificação da masculinidade hegemônica está associada a estes atributos: ela sugere um modo de definir e ocupar o espaço, uma habilidade de exercer controle sobre ele e um preparo para colocar o corpo em risco visando atingir estas expectativas (Whitehead, 2002). Isto se explicita nos casos aqui tratados, sendo significativo também o modo como este corpo pode reagir quando o indivíduo se depara com a perda do domínio (Renato).

A (hetero) sexualidade, principalmente na sua expressão física (um corpo sexual e sexuado), também comporta complexidade na medida em que é uma via fundamental de validação da virilidade (DaMatta, 1997; Bourdieu, 2005), seja por meio de relacionamentos com as mulheres, seja na relação sexual ocorrida na meninice com outros garotos, desde que não se misture com afetos e, de preferência, na qual o garoto em questão tenha sido o parceiro ativo da brincadeira.

É possível pensar que as práticas coletivas da masculinidade foram desenvolvidas a partir de performances muito semelhantes: desde o envolvimento com o esporte (futebol, rúgbi, acampamento na selva), passando pelas farras com mulheres (William, Renato e Fábio), serviço militar (Jorge e Renato), bares (William e Fábio) e empresas. Todas estas performances ofereceram campo e contexto e, ao mesmo tempo, exigiram ou cobraram adequação e subserviência, indicando que ser hegemônico também comporta uma dimensão de submissão às normas do projeto masculino, que dão pouca margem a criação e aos lucros de que o pretense poder permitiria.

Um processo ativo de enfrentar uma situação e construir formas de viver nela é central no projeto de gênero (Connell, 1995). O caráter político desse processo emerge como a chave da diferença entre os entrevistados: enquanto Jorge soube tirar proveito da sua agressividade se dedicando aos esportes e, assim, moldando o corpo de acordo com os ditames da masculinidade viril, William se beneficiou das vantagens que seu pai lhe proporcionou para compensar o fato de não ter um corpo que atestasse a sua masculinidade nestes moldes. Por outro lado, Fábio encontrou formas de lidar com as expectativas da ideologia de gênero (Pleck, 1995) evitando reconhecer seus desejos homoeróticos (ou afirmá-los para si mesmo e para os outros) e aliando-se à “confraria dos machos” como meio de fugir à subordinação. Renato, por sua vez, fez das suas conquistas sexuais uma ferramenta para se afirmar como homem.

Por conta da classe social e das práticas semelhantes em relação ao nível de estudo, estes homens se beneficiaram de grande parte do dividendo patriarcal (Connell, 1995). Por exemplo, são profissionais bem-sucedidos e respeitados. No entanto, seus relacionamentos amorosos e a construção de projetos conjugais e parentais compartilham da complexidade de manutenção das demandas antagônicas do momento social, que aponta para uma reformulação nos padrões hegemônicos tradicionais.

Outra instituição que ganha destaque no forjamento da masculinidade de dois participantes é a das Forças Armadas. É interessante notar a coincidência de dois participantes terem servido o CPOR e o mencionarem como um “exército diferenciado”, reconhecendo-o como um *locus* da masculinidade, no qual características como honra, disciplina e respeito são realçadas. Mais uma vez se

trata da busca de aliança com a posição hegemônica em contraponto às masculinidades subordinadas (neste caso, o serviço militar comum).

O casamento e a paternidade na vida destes homens se apresentam como estando a serviço dos seus projetos de gênero: ambos se enquadram num projeto maior, o da família tradicional, com relações convencionais entre os gêneros e a heterossexualidade como maneira correta das pessoas viverem (projeto heteronormativo).

Embora tenha entrevistado homens de uma população pressupostamente hegemônica (homens brancos, de classe média e alto nível educacional), é possível perceber como a hegemonia é fluida, frágil, passível de ameaça e deve ser continuamente garantida.

Os homens se definem em relação aos outros homens, enquanto as mulheres são coadjuvantes no relato, sendo que, no todo, isso pode conduzir a vê-las como subordinadas, o que só reafirma como o privilégio masculino é invisível e, portanto, como é difícil dar conta do mesmo.

## Capítulo 5 – Considerações Finais

O propósito do presente trabalho foi promover uma reflexão sobre o projeto masculino a partir da análise de quatro entrevistas de história de vida com homens brancos, que têm um padrão de vida compatível com o nível social médio / médio-alto e de nível educacional superior.

Nossa análise permitiu um alinhamento com os autores aqui apresentados e cujas proposições teóricas serviram de suporte à mesma.

No geral, verificamos os mesmos aspectos já apontados por Connell (1987; 1995; 2000; 2002; 2005), Kimmell (1991; 2004), Whitehead (2002), dentre outros, sobre o fato da masculinidade ser um projeto em aberto. Sem dúvida, trata-se de um desafio para as teorias psicológicas que procuram dar conta do projeto masculino como uma identidade que se forja definitivamente no final da adolescência, comportando daí pra frente uma rigidez e imutabilidade.

Ao reconhecermos a existência de enfoques vantajosos sob a ótica do gênero para o campo da psicologia, isto se alia às reformulações que o conceito de desenvolvimento humano tem sofrido nos últimos anos, abrindo-se portas para um vasto corpo de pesquisas. A noção cada vez mais compartilhada entre os psicólogos do desenvolvimento de que este é um processo que ocorre ao longo de todo ciclo vital permite concluir que os projetos humanos são refeitos, algo que também concluímos em relação à construção da masculinidade.

Dentre outros aspectos que o nosso estudo identificou, o processo de se tornar um homem envolveu (e ainda envolve) negociações constantes ao longo do ciclo vital para os quatro entrevistados, comportando relações dialéticas de

aliança, subordinação e dominação entre eles e outros homens (amigos, pai, irmãos) e deles com as mulheres (mãe, namoradas, amigas e esposas).

Trabalhar com o conceito de masculinidade hegemônica e confrontá-lo com as histórias de vida aqui analisadas permitiu refletir se o constructo dá conta de entender a complexa dinâmica envolvida no projeto de gênero. Conforme Connell (1995), a hegemonia é uma relação historicamente móvel, sustentada por estruturas e normas sociais e que não necessariamente corresponde a homens concretamente mais poderosos. Por outro lado, a principal crítica a este conceito é a da tendência a reificá-lo, fazendo com que ele se torne um tipo de caráter fixo. Na presente pesquisa, podemos afirmar a validade do conceito como instrumento de análise, uma vez que as biografias aqui relatadas e discutidas ilustraram claramente as batalhas que os homens travam para se manterem na condição de privilégio e o quanto, ao conseguirem atingi-la, têm que se haver com novas situações que a colocam em risco. A contraposição da condição hegemônica em relação às masculinidades subordinadas, bem como as alianças de cumplicidade que se estabelecem algumas vezes visando o gozo das vantagens sem o perigo das acusações e críticas de anti-sexismo e homofobia, foram passíveis de ilustração por estas histórias.

Fica claro que esta negociação para manutenção das prerrogativas hegemônicas tem alguns custos: o sofrimento por não poder expressar os próprios afetos, seja pelas esposas e filhos, seja pelos amigos e amantes desejados; os problemas de saúde, na forma de cardiopatias, sofrimentos corporais (esportes competitivos); e a angústia e ansiedade experimentados a

cada momento na tentativa de não perder uma posição tão arduamente conquistada e, ao mesmo tempo, tão suscetível.

Havíamos discutido e criticado as posições que naturalizam a masculinidade e que afirmam se tratar de uma condição resultante de determinações biológicas e que, por isso mesmo, serve para justificar as vantagens dos homens sobre as mulheres. Diante disso, o privilégio masculino fica escamoteado sob uma explicação apoiada numa “causa inquestionável”. No entanto, nosso trabalho só reafirma as críticas a esta posição, ao identificar processos muito mais complexos envolvendo o projeto de “tornar-se homem” e, além disso, favorece, pela sua análise, que se traga à tona a invisibilidade do privilégio para os próprios homens.

Na introdução deste trabalho, fizemos uma alusão à Simone de Beauvoir para afirmarmos nossa posição quanto à masculinidade como um processo em construção. Os resultados da nossa discussão só a reiteram e, mais que isso, apontam para a necessidade de novas investigações que possibilitem ampliar a compreensão de tantas nuances envolvidas na complexa tarefa que nós homens empreendemos para forjarmos a nossa masculinidade.

Ressalta-se, portanto, a importância de se pesquisar temas relacionados aos homens e à masculinidade, visando contribuir não só para ampliação desta compreensão como também para que possamos desenvolver estratégias sob a forma de programas, intervenções, grupos de apoio, etc, elaborados com maior rigor e que de fato possam atingir concretamente esta população. Ao contrário do que essa afirmação possa parecer, pensamos em estratégias que lidem com a visibilidade do privilégio masculino, o que significa poder beneficiar homens e

mulheres igualmente.

Finalmente, como apontamos a necessidade de ampliação de pesquisas com homens, cabe apresentarmos algumas considerações sobre a nossa experiência de entrevistá-los.

Em primeiro lugar, gostaríamos de ressaltar que a entrevista biográfica revelou-se um instrumento extremamente proveitoso para compreensão do projeto de gênero masculino. Um aspecto que não pode deixar de ser mencionado em nossas considerações é o caráter peculiar da relação entrevistador-participante: somos homens da mesma faixa etária, pertencentes a camadas sócio-educacionais e culturais semelhantes e situados no mesmo momento histórico. Certamente este fato favoreceu a promoção de uma empatia mútua e uma expressão quase insignificante de respostas limitadas, conforme observam Schwalbe & Wolkomir (2003) em seu artigo.

Em sua pesquisa com mulheres, Hime (2004) afirma que ao solicitar de suas entrevistadas que contassem as suas vidas estas disparavam a falar.

Na nossa experiência, os homens variaram na forma de responder a esta solicitação. Alguns desandaram a falar, enquanto outros expressaram a expectativa de que lhes disséssemos o que queríamos que eles contassem sobre as suas vidas ou por onde eles deveriam começar. Neste caso, optávamos por responder inicialmente que era para eles relatarem a história de vida, escolhendo começar de onde quisessem. Caso houvesse insistência sobre o começo, sugeríamos que iniciassem da infância e, quando o fazíamos, eles se engajavam no relato sem dificuldades. Houve, ainda, situações nas quais o entrevistado iniciava uma breve discussão para se aquecer e iniciar o relato: falava do tempo,

ou do seu trabalho, ou ainda nos perguntava sobre a profissão de psicólogo e professor. No entanto, a conversa não se estendia por muito tempo e logo eles começavam a narrar as suas biografias, o que nos remete àquilo que Schwalbe & Wolkomir (2003) afirmam sobre o quanto a entrevista com homens é favorecida se o pesquisador se dispuser a gastar um tempo inicial “jogando conversa fora”. Reconhecemos que isto favorece um relato imbuído de maior disposição e abertura por parte do entrevistado.

Construir a própria história para poder compartilhar com um ouvinte exige do contador uma organização das próprias vivências sob determinada ótica. O interlocutor, que neste caso é o entrevistador, terá a tarefa de decodificá-la também por meio de referenciais próprios, sejam teóricos, sejam de experiências de sua vida pessoal. Portanto, conforme dissemos em momento anterior, trata-se de uma construção conjunta que atrela o narrador ao ouvinte e permite que a este último sejam atribuídos papéis diversos. Certamente a nossa reação como interlocutores desta narrativa pode favorecer ou criar dificuldades na condução da história pelo contador.

No nosso caso, tivemos uma atitude de interesse, envolvimento e respeito por tudo que estava sendo relatado. Aliado a isso, como observamos anteriormente, o fato de compartilharmos do mesmo tempo histórico e de *backgrounds* semelhantes colaborou visivelmente para o estabelecimento de uma afinidade, favorecendo para alguns a expressão de sentimentos mais profundos em relação a uma ou outra situação específica sem que demonstrassem constrangimento. De qualquer modo, cabe esclarecer que esta não foi a regra geral. Por mais que tenhamos procurado demonstrar esta atitude e abertura para

acolher aqueles homens e suas histórias, a maioria realizou uma narração centrada no seu fazer, sem ter demonstrado claramente os afetos envolvidos nas situações mais críticas, a não ser quando se tratava de emoções “socialmente autorizadas” para o masculino, como a raiva e a revolta.

O local no qual a entrevista é realizada é apontado na literatura como item importante para a reflexão sobre a condução da mesma (Brown, 2001 *apud* Schwalbe & Wolkomir, 2003). A indicação é a de permitir que o entrevistado escolha um lugar de sua predileção, sugestão a que obedecemos.

A maioria dos entrevistados indicou o próprio local de trabalho para realização da entrevista e isto sem dúvida provocou reações inusitadas de nossa parte. Alguns destes locais se localizavam em prédios modernos, envoltos por tecnologias e cheios de seguranças. Nestes casos, foi notável nosso sentimento de intimidação ao percorrermos aqueles corredores amplos, cruzarmos com homens e mulheres elegantes no trajar e adentrarmos em salas bonitas e confortáveis, tão explicitamente diferente do nosso próprio local de trabalho. Quanto a isso, cabe analisar o que Schwalbe & Wolkomir (2003) apontam quando se trata de uma pesquisa envolvendo o gênero: há que se prestar atenção às exibições de masculinidade presentes no momento da entrevista, uma vez que elas podem constituir parte dos dados de que o pesquisador necessita. Sem dúvida, tivemos clareza de que, naqueles casos, estávamos a caminho de entrevistar um típico representante da masculinidade hegemônica.

Também cabe notar como estas situações de entrevistas nos ambientes de trabalhos propiciam ao homem que se represente a si próprio como alguém capaz de manter o controle, a autonomia e a racionalidade. Sem dúvida, foi esta a

impressão causada por alguns destes homens. Embora tenham se mostrado dispostos e terem feito relatos detalhados, deram pouca brecha para falar de sentimentos em situações que percebíamos terem sido mais delicadas na vida deles. A dica para que abordássemos primeiro os pensamentos sobre a situação e somente depois acrescentássemos algo que se referisse aos sentimentos envolvidos nem sempre surtiram efeito. Aquelas que apresentaram resultados ocorreram na segunda entrevista, levando-nos a pensar que não se trata de esconder os sentimentos de outro homem e sim da necessidade de se ter maior confiança para se assegurar de que haverá ressonância sobre aquilo que se sente.

A literatura que trata de analisar os aspectos metodológicos envolvidos nas pesquisas com homens sob a ótica do gênero, especialmente no que diz respeito à entrevista, apontam que esta pode ser interpretada pelo entrevistado como uma ameaça-padrão à sua masculinidade, implicando que ele tem que abandonar certo controle e arriscar a se mostrar como uma pessoa pública despida. Isto faz com que muitos homens tentem exercer algum controle compensatório sobre a situação da entrevista, por meio de estratégias que visam testar os conhecimentos do entrevistador ou menosprezá-lo (ou à temática que ele investiga). Na nossa experiência não houve situações em que este controle compensatório tenha ficado explícito.

Finalmente, cabe chamar a atenção para o fato do pesquisador (só o homem?) ter flexibilidade e paciência, além de conseguir tomar decisões rápidas e estimar cuidadosamente as situações quando se trata de entrevista com homens. Tivemos duas situações bastante inusitadas que nos exigiram respostas

imediatas e nos fizeram pensar na relação de poder e na questão de quem está no controle. Numa delas, o participante nos telefonou quinze minutos antes (sem que tivéssemos combinado anteriormente) para dizer que estava nos esperando para a entrevista porque estava livre naquele momento. Na outra, o entrevistado nos telefonou no nosso celular, quando já estávamos na porta do edifício da empresa em que ele trabalhava, para dizer que estava no aeroporto e que não poderia fazer a entrevista. Sem dúvida, nestes dois casos, a relação que estava configurada entre o entrevistador e o entrevistado era a de dominação-subordinação e nós, na condição de subordinados, nos sentimos bem pequenininhos.

Concluindo, o fenômeno por nós investigado mostrou-se complexo e provocante, fazendo com que o nosso interesse por ele permaneça e acreditando que esse trabalho foi só um começo de outros que certamente iremos desenvolver no futuro.

A impressão que fica é que ainda havia muito a discutir e refletir se tivéssemos tido mais tempo, mas nem sempre há congruência entre o nosso desejo e as limitações impostas pelos prazos e obrigações.

Já disse alguém que não terminamos uma tese, mas que paramos em determinado momento.

Seguiremos nossa trilha e outros projetos virão.

## Referências Bibliográficas

- ADDIS, M. & MAHALIK, J. Men, masculinity, and the contexts of help seeking. **American Psychologist**. V. 58, n. 1, p. 5-14. 2003
- ALVES, José Eustáquio D. **O discurso da dominação masculina**. Ouro Preto: UFOP, 2001. Seminário.
- ATKINSON, Robert. **The life story interview**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.
- AUTONEN-VAARANIEMI, Leena. Encounters at homes: constructing masculinities and femininities in the interview situations. **Research project**. Finland: Department of Social Policy and Social Work / University of Tampere, p. 1-10, s/d.
- BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- BERG, David N. & SMITH, Kenwyn K. **The Self in Social Inquiry**. Newbury Park: Sage Pub. Inc., 1988.
- BERGER, Kathleen, S. **O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade**. 5ª ed., Rio de Janeiro: LTC, 2003.
- BERNARD, Jesse. The Good-Provider Role: its rise and fall. **American Psychologist**, V. 36, n. 1, p. 1-12, jan., 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CARRIGAN, Tim; CONNELL, R. W. & LEE, John. Hard and heavy: toward a new sociology of masculinity. In: KAUFMAN, Michael (ed.). **Beyond Patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change**. Toronto: Oxford University Press, p. 139-192, 1987.

CASTRO, Mary G. Marxismo, feminismos e feminismo marxista: mais que um gênero em tempos neoliberais. **Dossiê Crítica Marxista**. S/d, p. 98-108.

CAZÉS, Daniel. Metodología de género en los estudios de hombres. **La Ventana**, n. 8, p. 100-120, 1998. Disponível em: <http://publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/laventan/Ventana8/ventana8-3.pdf> Acessado em: 07 mar. 2004.

\_\_\_\_\_ Para comenzar. In: **La perspectiva democrática de género - Guia para diseñar, poner en marcha, dar seguimiento y evaluar proyectos de investigación y acciones publicas y civiles**. México, 1999. Disponível em [http://www.europofem.org/02.info/22contri/2.05.es/d.cazes/00\\_cazes.htm](http://www.europofem.org/02.info/22contri/2.05.es/d.cazes/00_cazes.htm) Acessado em: 19 mai. 2004.

CECCHETTO, Fátima R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CONNELL, Robert W. **Gender and power – Society, the person and sexual politics**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_ The big picture: masculinities in recent world history. **Theory and Society**. V. 22, n. 5, p. 597-623, oct. 1993.

\_\_\_\_\_ **Masculinities: knowledge, power and social change**. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1995.

\_\_\_\_\_ **The men and the boys**. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 2000.

\_\_\_\_\_ **Gender**. Cambridge: Polity Press, 2002.

\_\_\_\_\_ Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**. V. 19, n.6, p. 829-859, dec. 2005.

DAMATTA, Roberto. Tem Pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dario (org.). **Homens: comportamento, sexualidade, mudança**. São Paulo: SENAC, pp. 33-49, 1997.

De KEIJZER, Benno. **Hasta donde el cuerpo aguante: gênero, cuerpo y salud masculina.** México: The Population Council / Edamex. 2001.

FERNANDEZ-LLEBREZ, Fernando. ¿“Hombres de verdad”? Estereotipo masculino, relaciones entre los géneros y ciudadanía. **Foro Interno.** n.4, p. 15-43, 2004.

FONSECA, Ana J. M. S. de. **A identidade masculina segundo Robert Bly: o paradoxo entre o real e o imaginado.** Lisboa: Universidade Aberta, 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos) Disponível em: <http://www.europofem.org/02.info/22contri/2.10.pt/fonseca/Ana%200.html> Acessado em: 11 out. 2003.

GIAMI, Alain Recherche en psychologie clinique ou recherche clinique. In: D'ALLONNES, Claude R. et al. **La démarche clinique en sciences humaines, documents, méthodes.** Paris: Bordas, p. 35-47, 1989.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva.** V. 10, n. 1, p. 47-57, 2005.

HEASLEY, Robert. Queer masculinities of straight men: a typology. **Men and masculinities.** Vol. 7, n. 3, p. 310-320, jan. 2005.

HEARN, Jeff. **The implications of critical studies on men.** Disponível em: <http://www.mannsforskning.no/mannsforskning/1-98/hearn.htm> Acessado em: 11 abr. 2005.

\_\_\_\_\_ **Researching men and researching men's violences.** Research Unit on Violence, Abuse and Gender Relations. Research Paper n. 4, may 1993. Disponível em: [http://www.europofem.org/02.info/22contri/2.04.en/4en.viol/05en\\_vio.htm](http://www.europofem.org/02.info/22contri/2.04.en/4en.viol/05en_vio.htm) Acessado em: 11 out. 2003.

\_\_\_\_\_ From hegemonic masculinity to the hegemony of men. **Feminist Theory.** Vol. 5, n. 1, p. 49-72, 2004.

HEREK, Gregory. On heterosexual masculinity. **American behavioral scientist.** V. 29, n. 5, p. 563-577, 1986.

HIME, Flávia A. **“O Vôo da Fênix: a biografia feminina e a história das relações amorosas.** São Paulo: PUCSP,2004. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)

KAUFMAN, Michael. The construction of masculinity and the triad of men’s violence. In: KAUFMAN, Michael (ed.). **Beyond Patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change.** Toronto: Oxford University Press, p. 1-29,1987.

KIMMEL, Michael S. Rethinking “masculinity”: new directions in research. In: KIMMEL, Michael S. (org). **Changing Men: new directions in research on men and masculinity.** Newbury Park: Sage Pub. 1991.

\_\_\_\_\_ **The Gendered Society.** New York: Oxford University Press, 2004. 2<sup>nd</sup> Ed.

KIMMEL, Michael S. & MESSNER, Michael A. Introduction. In: KIMMEL, M. S. & MESSNER, M. (eds.). **Men’s Lives.** Boston, Mass.: Allyn and Bacon, 2004. 6<sup>th</sup> Ed.

KIMMEL, Michael S., HEARN, Jeff; CONNELL, Robert W. (eds). **Handbook of studies on men and masculinities.** Thousand Oaks: Sage Pub., 2005.

LEVINSON, Daniel J. **The seasons of a man’s life.** New York: Knopf, 1978.

\_\_\_\_\_ **The seasons of a woman’s life.** New York: Ballantine Books, 1996.

MACEDO, Rosa Maria S. de. **Por que gênero?** São Paulo, Núcleo de Estudos da Família e Comunidade/ PEPG-Psicologia Clínica / PUC-SP. 1998.

MACIEL JR, Plínio de A. **E agora, José? Um estudo exploratório sobre a concepção masculina de intimidade no relacionamento conjugal.** São Paulo: PUCSP,1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)

MATOS, Maria Izilda S. de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. **Histórias: Questões & Debates.** n. 34, p. 45-63, 2001.

MÉNDEZ, Luis Bonino. **Los varones frente al cambio de las mujeres**. Disponível em: [http://www.europofem.org/02.info/22contri/2.05.es.gend/06es\\_gen.htm](http://www.europofem.org/02.info/22contri/2.05.es.gend/06es_gen.htm) Acessado em: 06 ago. 2004.

MONTEIRO, Pedro P. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MORAES, Maria Lygia Q. de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. **Dossiê Crítica Marxista**. S/ d, p. 89-97.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

OSWALD, Ramona F.; BLUME, Libby B. & MARKS, Stephen R. Decentering heteronormativity: a model for family studies. In: BENGTSON, Vern. L. *et. al.* (eds.). **Sourcebook of family theory & research**. Thousand Oaks: Sage Pub., p. 143-165, 2005.

PADFIELD, M. & PROCTOR, I. The effect of interviewer's gender on the interviewing process: a comparative enquiry. **Sociology**. n. 30, p. 355-366, 1996.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

\_\_\_\_\_ **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PETERSEN, Áurea T. Discutindo o uso da categoria gênero e as teorias que respaldam estudos de gênero. In: STREY, Marlene Neves; ROSO, Adriane; MATTOS, Flora B. & WERBA, Graziela (orgs). **Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho**. Porto Alegre: Edipucrgs, p. 15-39, 1999.

PERÓTIN-DUMON, A. **El género en Historia**. Santiago, 2001. Disponível em: [http://www.sas.ac.uk/ilas/genero\\_creditos.htm](http://www.sas.ac.uk/ilas/genero_creditos.htm) Acessado em: 22 set. 2003.

PLECK, Joseph H. **The Myth of Masculinity**. Cambridge, MA: MIT Press, 1981.

\_\_\_\_\_ The gender role strain paradigm: an update. In: LEVANT, Ronald E. & POLLACK, William S. (eds.). **A New Psychology of Men**. Dunmore, PA: Basic Books, p. 23-49, 1995.

PLUMMER, Kenneth. **The making of the modern homosexual**. London: Hutchinson, 1981.

\_\_\_\_\_ **Documents of life 2: an invitation to a critical humanism**. London: Sage Publications, 2001.

REYES, Mauricio L. Masculinidades diversas. **La Ventana**. n. 20, p. 101-116, 2004.

RUBIN, Gayle. The traffic of women: notes on the political economy of sex. In: REITER, Rayna R. (ed.). **Toward an anthropology of women**. New York: Monthly Review Press, pp. 157-210, 1975.

SAMARA, Eni de M. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: MATOS, Maria Izilda S. de & SOLER, Maria Angélica (orgs). **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: Educ, p. 11-51, 1997.

SANTOS Elisabete & NÓBREGA, Lígia. Ensaio sobre o feminismo marxista socialista. **Revista Virtual de Humanidades**. V. 5, n. 1, p. 1-16, jul-set 2004.

SCHWALBE, Michael L. & WOLKOMIR, Michelle. Interviewing men. In: HOLSTEIN, James A. & GUBRIUM, Jaber F. (eds). **Inside interviewing: new lenses, new concerns**. Thousand Oaks: Sage Pub., p. 55-71, 2003.

**SCOTT, Joan W. Gender: a useful category of historical analysis**. American historical review. **V. 91, n. 5, dec. 1986**

\_\_\_\_\_ **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, mimeo.

SEIDLER, V. J. **Recreating sexual politics: men, feminism and politics**. London / New York: Routledge, 1991.

SEGATO, Rita L. **Os percursos do gênero na Antropologia e para além dela.** Brasília: UnB, 1998. Trabalho não publicado e disponível em formato pdf.

SMITH, James A. & DRUMMOND, Murray. In-depth interviews with ageing men: a methodological approach to masculinity. **Research and Evaluation Resources for Primary Health Care.** Issue 2, p. 63-73, 2003.

SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. In: MATOS, Maria Izilda S. de & SOLER, Maria Angélica (orgs). **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea.** São Paulo: Educ, p. 53-82, 1997.

UNBEHAUM, Sandra G. **Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias.** São Paulo: USP, 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia)

UNGER, R. K. Toward a redefinition of sex and gender. **American Psychologist.** V. 34, p. 1085-1094, 1979.

VIGOYA, Mara V. Contemporary Latin American perspectives on masculinity. **Men and Masculinities.** V.3, n. 3, p. 237-260, 2001.

VON FOERSTER, Heinz. Construindo uma realidade. In: WATZLAWICK, Paul (org.). **A Realidade Inventada.** Campinas: Psy II, p. 46-66, 1994.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality and its discontents.** London: Routledge, 1985.

\_\_\_\_\_ **Sex, politics & society.** Essex: Longman Group, 1989.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas.** Florianópolis, V. 9, n. 2, p. 460-481, 2001.

WHITEHEAD, Stephen M. **Men and masculinities: key themes and new directions.** Cambridge: Polity Press, 2002.

**ANEXO**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**“Outra gramática? – Perspectivas masculinas sobre o amor e os relacionamentos amorosos”.\***

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo em anexo. Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado.

Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador.

**Nome do pesquisado:**

Nome: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_/\_\_\_/20\_\_\_. Assinatura: \_\_\_\_\_

**Testemunha:**

Nome: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_/\_\_\_/20\_\_\_. Assinatura: \_\_\_\_\_

**Pesquisador:**

Nome: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_/\_\_\_/20\_\_\_. Assinatura: \_\_\_\_\_

O nome da tese não é o mesmo do projeto aprovado pelo Comitê de Ética. A modificação do nome para a tese se deu em função de sugestão dos membros da Banca de Qualificação, que consideraram que o nome inicial não traduzia de forma clara o tema do trabalho.